

ALINE DE MELLO SOARES

**A DISTÂNCIA ENTRE DOIS MUNDOS: O ENCONTRO DO OCIDENTE
COM O ORIENTE NA PERSPECTIVA INDIANA DE THRITY UMRIGAR**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção de grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Tereza Amodeo

PORTO ALEGRE
2011

ALINE DE MELLO SOARES

**A DISTÂNCIA ENTRE DOIS MUNDOS: O ENCONTRO DO OCIDENTE
COM O ORIENTE NA PERSPECTIVA INDIANA DE THRITY UMRIGAR**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção de grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

BANCA EXAMINADORA:

Profª Drª Maria Tereza Amodeo – PUCRS

Prof. Drª Maria Luíza Ritzel Remédios– PUCRS

Prof. Dr. Anselmo Peres Alos - UFSM

Dedico este trabalho a minha família, força na jornada.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que sempre me presenteou com tantas graças, sendo a principal a vida, e em seguida a família que me deu.

Aos meus pais, Carlos e Eliane, que me apoiaram desde a graduação até aqui, amando, acreditando, incentivando e apoiando meus passos todas as vezes que desacreditei e fraquejei.

A minha querida irmã, Débora, que sempre esteve presente em todos os momentos em que precisei, desde a graduação, quando ainda era uma menina, até hoje.

Aos meus amados marido, Bueno, e filha, Raquel; que presenciaram todo o meu esforço, as madrugadas de estudo, os finais de semana de clausura; que compreenderam a minha ausência e que sempre acreditaram em mim, mais do que eu mesma.

À professora Dr^a Maria Tereza Amodeo, por sua dedicação e preocupação com o resultado final de minha dissertação, fazendo de tudo, até o último minuto, para que nada de errado ocorresse na apresentação deste trabalho.

Ao professor Dr. Ricardo Barberena, que, com suas aulas instigantes, me ajudou muito na escolha do tema a desenvolver em minha dissertação.

Aos meus colegas de trabalho, que cobriram a minha ausência quando precisei de tempo para escrever e cumprir prazos durante o curso.

Aos colegas e amigos que fiz no decorrer desses dois anos, especialmente Talita, Luciane, Ana e Josiane, que tornaram os dias no campus mais agradáveis e que estão guardados em meu coração.

Ao apoio institucional da PUC, que me concedeu bolsa durante esses dois anos de Mestrado.

É a transformação do diferente no anormal. Quando alguém faz isso, não prejudica somente um grupo, mas toda a ideia de humanidade.

Pablo Picasso

Quando se trata de preferências e escolhas culturais, talvez haja mais desavenças e antagonismos do que unidade.

Zygmunt Bauman

RESUMO

A presente dissertação envolve o estudo de dois romances da autora indiana Thrity Umrigar, *A doçura do mundo* (2007) e *O tamanho do céu* (2009), que tratam de migrações Índia-Estados Unidos, Estados Unidos-Índia, respectivamente. O estudo pretende analisar a representação engendrada por Umrigar do choque cultural causado pelo encontro de dois mundos – Oriente e Ocidente – diferentes em costumes, valores, comportamentos, pontos-de-vista. Para fundamentar o trabalho, são considerados elementos da literatura pós-colonial indiana, bem como os referenciais teóricos, no tocante à cultura e o que orbita ao seu redor, tomados de Edward Said, Homi Bhabha, Terry Eagleton e Zygmunt Bauman.

Palavras-chave: Oriente. Ocidente. Migrações. Pós-Colonial. Cultura. Choque.

ABSTRACT

The present dissertation concerns the study of two novels by the Indian writer Thrity Urigar, *If today be sweet* (2007) and *The weight of heaven* (2009), which tell stories of migrations India-United States, United States-India, respectively. The study intends to analyse the representation created by Urigar of the cultural shock caused by the encounter of two worlds – the Orient and the West – different in habits, values, behavior, points-of-view. Elements of post colonial Indian literature as well as theoretical referents related to culture and what surrounds it taken from Edward Said, Homi Bhabha, Terry Eagleton and Zygmunt Bauman will be used to substantiate this work.

Key words: West. East. Migrations. Post Colonial. Culture. Shock.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 LITERATURA INDIANA: DOS VEDAS À THRITY UMRIGAR	13
1.1 DO SAGRADO AO MUNDANO.....	15
1.2 THRITY UMRIGAR E A ANGLOFONIA PÓS-COLONIAL.....	26
2 THRITY UMRIGAR E O CAMPO DE BATALHA DA TEORIA	34
3 OS MIGRANTES NO LIMITE DE THRITY UMRIGAR	46
3.1 A DOÇURA (NEM SEMPRE TÃO DOCE) DO MUNDO.....	47
3.2 O TAMANHO (ÀS VEZES EXÍGUO) DO CÉU.....	77
4 TOLERÂNCIA E INTOLERÂNCIA ENTRE O MUNDO E O CÉU	102
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	113

INTRODUÇÃO

Em seu poema *Vou-me embora pra Pasárgada*¹, Manuel Bandeira fala de mudança de ares, onde a felicidade é uma possibilidade grande, pois o horizonte que visualiza apresenta-se rico em vantagens capazes de dissolver qualquer tristeza: um porvir ideal e utópico. Mas, e quando não se tem no rei de uma terra nova um amigo? E quando as expectativas não são satisfeitas? Quando os momentos tristes se sobrepõem aos felizes? Quando os obstáculos são tão numerosos que chegam a causar desânimo? Quando isso acontece, o que é quase regra, aflora o sentimento de “fora do lugar”, em conflito entre o que se é e a realidade do novo mundo apresentado.

Esse estar deslocado, por sua vez, não se restringe a aspectos externos como espaço físico, cultura, sociedade, economia ou política, mas também tem íntima relação com a natureza humana. Segundo a bióloga Martha Fischer², da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), os seres humanos, estimulados por um cacoete evolutivo discriminatório essencial à manutenção do grupo, colocam a si mesmos nessa situação. A especialista lembra que o homem é um animal social, e, como tal, forma grupos atentando para características que o aproxima de determinados indivíduos e o diferencia de outros. Assim, a discriminação ajuda a manter a identidade e a união do grupo. Essa forma preconceituosa natural leva os humanos a tomarem o diferente ora como pior, ora como admirável. O Outro é construído antes mesmo de se ter contato com ele e dessa maneira ele é considerado, sendo, muitas vezes, difícil a mudança de avaliação ao longo do processo.

O conflito em questão se faz presente em qualquer movimento feito em uma direção distinta da que estamos acostumados a seguir; seja ela uma nova escola, vizinhança, cidade, um outro estado, país ou continente. E quanto maior o movimento, maiores os embates, visto que a variabilidade de indivíduos, raças, povos e culturas também é maior. O encontro entre mundos diferentes, como o do

1 BANDEIRA, Manuel. Vou-me embora pra Pasárgada. In: _____. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007. p. 146.

2 MORESCHI, Bruno; BRANCO, Dilson. Sim, você é preconceituoso. **Sorria**, São Paulo, n. 16, p. 26-29, nov. 2010.

Ocidente e do Oriente, certamente não ocorre sem choques, amores e ódios, devido à distância – não apenas espacial, como também cultural – entre eles, bem como à inata tendência humana à atração dos semelhantes e repulsão dos diferentes.

Como manifestação cultural, a literatura não se exime de representar esse encontro a sua maneira. É prática recorrente o estudo de textos produzidos por ocidentais, tratando dos orientais, como os *Contos Indianos* de Mallarmé, *Robinson Crusoe* de Daniel Defoe ou *Coração das trevas* de Joseph Conrad. Nesse processo, o que se conhece sobre o Oriente não vem da sua própria voz, mas se origina de quem se julga capaz de observá-lo de longe e assim descrevê-lo, defini-lo, expressá-lo. O que nos chega é geralmente destacado como exótico, maravilhoso, místico ou, até, odioso; não o que há de humano do outro lado, ou seja esse Outro desconhecido é desumanizado e demonizado, como afirma Edward Said (1995)³. Aliás, a literatura desta parte do planeta só recentemente tem sido considerada pelos ocidentais. De quantos autores orientais se tem conhecimento? Em quantos compêndios de obras consideradas universais encontram-se obras dessa origem? Ela existe e obviamente tem sua contribuição a oferecer, não só da sua forma de ver leste e oeste se encontrando, como também da apresentação do seu próprio universo. Por que, então, não estudá-la? Por que não conhecer outro ponto-de-vista?

Partindo desses questionamentos, a presente dissertação propõe um estudo a respeito da representação que Thrity Umrigar faz, em *A doçura do mundo* e *O tamanho do céu*, do encontro entre duas culturas (ocidental e oriental) tão diferentes e distantes. Como os indivíduos representados se relacionam, como lidam com a mudança de ambiente, bem como com a presença de estranhos em seus territórios e todas a doçuras e amarguras que isso pode acarretar serão pontos a considerar no estudo. Em razão disso, a análise é feita sob a perspectiva das personagens.

Os romances são analisados, primeiramente, pelo tema comum de que tratam: o choque decorrente do encontro entre ocidentais e orientais, no caso indianos e americanos. Em segundo lugar, porque a voz que narra é de um oriental, uma indiana. E, finalmente, por se tratarem de romances, pois, de acordo com

³ SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Edward Said (1995)⁴, as narrativas estão no cerne do que dizem os romancistas sobre as regiões remotas do mundo; delas se utilizando também os povos colonizados para afirmar a sua identidade e a existência de sua própria história.

No capítulo 1, *Literatura Indiana: dos vedas à Thrity Umrigar*, apresenta-se um breve histórico da literatura indiana, a fim de lançar luz sobre a tradição milenar de seus textos. A literatura pós-colonial também é trabalhada, dando destaque à anglofonia, que tem Thrity Umrigar como uma de suas representantes. Sobre a autora, especificamente, dá-se destaque às características que a aproximam dos demais escritores anglófonos da Índia pós-colônia, bem como aos temas que ela desenvolve em suas obras. Para tal são utilizados dados colhidos nos escritos de Tirthankar Chanda⁵, A.S. Dasan⁶, Natarajan Nalini⁷, Carolina Cantarino⁸, Jorge Bertolaso Stella⁹, Ana Lúcia Santana¹⁰ e Anna Beatriz da Silveira Paula¹¹, dentre outros.

No capítulo 2 *Thrity Umrigar e o campo de batalha da teoria*, busca-se o aporte teórico dos Estudos Culturais, cruzando-o com a ficção pós-colonialista de Thrity Umrigar, a fim de revelar o quão complexo são os conceitos de identidade, culturas e blocos antagônicos – no caso, Oriente e Ocidente. O estudo das implicações de tais conceitos é chave para a compreensão de textos representativos dos encontros/desencontros de culturas e pessoas provenientes de lados opostos

4 SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia da Letras, 1995.

5 CHANDA, Thirtankar. A redescoberta da literatura indiana. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, 8 ago. 2007. Disponível em: <<http://diplomatie.uol.com.br/artigo.php?id=15>>. Acesso em: 9 set. 2011.

_____. Dos Vedas ao Kamasutra. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, 1º ago. 2007. Disponível em: <<http://diplomatie.uol.com.br/acervo.php?n=2105&tipo=acervo>>. Acesso em: 9 set. 2011.

6 DASAN, A. S. If memories be sweet: Thrity Umrigar's parsi-imaging of contemporary India. In: UMRIGAR, Thrity. Article for reading and feedback [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <aline.sopchico@yahoo.com.br> em 8 set. 20011.

7 NALINI, Natarajan; NELSON, Emmanuel Sampath. **Handbook of twentieth century literature of India**. Westport, USA: Green Publishing Group, 1996.

8 CANTARINO, Carolina. Ficção pós-colonial retrata conflitos contemporâneos. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v.59, n.2, p. 54-56, abr./jun. 2007. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252007000200022&script=sci_atext>. Acesso em: 9 set. 2011.

9 STELLA, Jorge Bertolaso. O Mahabarata. **Letras**, Curitiba, v. 16, 1968. p. 95-101. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/article/view/19816>>. Acesso em: 7 dez. 2011.

_____. Os Puranas. **Letras**, Curitiba, v. 18, 1970. p. 171-175. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/article/view/19771/13010>>. Acesso em: 7 dez. 2011.

10 SANTANA, Ana Lúcia. Literatura oriental contemporânea. **Infoescola**, 21 jun. 2008. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/livros/literatura-oriental-contemporanea/>> Acesso em: 9 set. 2011.

11 PAULA, Anna Beatriz da Silveira. **Margens silenciosas: a escritura da mulher na literatura indiana contemporânea**. 2006. Tese (Doutorado em Ciência da Literatura)-Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.letras.ufjf.br/ciencialit/trabalhos/2006/annabeatriz_margens.pdf> Acesso em: 9 set. 2011.

do mundo.

No capítulo 3, *Os migrantes no limite de Thrity Umrigar*, os dois romances são analisados com base no aporte teórico apresentado. *A doçura do mundo* é abordado segundo a recuperação de conceitos como pertença, “fora do lugar”, preconceitos e representações trazidos principalmente por Edward Said. *O tamanho do céu* é analisado levando em conta as concepções de imperialismo, resistência, cultura e preconceitos, também utilizando, entre outras, as contribuições de Said, assim como de Terry Eagleton e Homi Bhabha.

Por fim, o capítulo 4, *Tolerância e intolerância entre o mundo e o céu*, relaciona os dois romances, analisando a representação do choque entre mundo ocidental e oriental sob a perspectiva da tolerância. O que a presença ou falta dela pode provocar num encontro entre culturas tão diversas.

1 LITERATURA INDIANA: DOS VEDAS À THRITY UMRIGAR

No Ocidente, a literatura indiana – assim como toda a literatura oriental em geral – tem pouca visibilidade e reconhecimento. Textos indianos não estão relacionados em compêndios canônicos de literatura; escolas e universidades raramente os incluem em seus planos de estudo, às vezes sequer os mencionam. Só muito recentemente, e ainda de forma tímida começam a ter algum tipo de referência de leitores ou destaque nas livrarias. Parece que, excetuando-se os textos sagrados e filosóficos, os indianos não escrevem. O contrário, no entanto, acontece na Índia, visto que lá a literatura ocidental é lida e conhecida. Em um artigo para a revista *Veja*, o economista Gustavo Ioschpe¹² comenta que quando cursou uma universidade americana teve vários colegas indianos que haviam lido Shakespeare e Dante na escola.

Dentre as razões para tal disparidade podem-se destacar o discurso orientalista, a questão da subalternidade, o que Tirthankar Chanda (2007)¹³ chama de “relações de amor e esquecimento” do Ocidente para com a literatura indiana e a questão da autoria de textos mais antigos. Segundo o discurso orientalista, o oriental tem uma constância e padronização de conduta e valores reprováveis, bem como um conhecimento parco acerca do mundo e seu funcionamento. Assim, o que os orientais produzem intelectualmente não é interessante ou digno de atenção, a não ser que penda para o lado do exótico. Inclui-se aí também a ideia de que a não há variedade de gêneros e temas, uma vez que a cultura indiana é vista como constante e estática, ou seja, conhecer um texto é suficiente para conhecer todo o resto.

A subalternidade discutida por Gayatri C. Spivak (1988)¹⁴ descreve como subalterno aquele que não possui voz ou representatividade devido ao seu status de subordinado. Nesse sentido, os indianos são subalternos em relação aos ocidentais por não estarem dentro do seu círculo de poder hegemônico. Estando nessa

12 IOSCHPE, Gustavo. Você acha que as escolas particulares brasileiras são boas? *Veja*, São Paulo, n. 37, 14 set. 2011. p. 96-97.

13 CHANDA, Tirthankar. A redescoberta da literatura indiana. *Le Monde Diplomatique Brasil*, São Paulo, 8 ago. 2007. Disponível em: <<http://diplomatie.uol.com.br/artigo.php?id=15>>. Acesso em: 9 set. 2011.

14 SPIVAK, Gayatri C. Can the subaltern speak? In: NELSON, Cary; GROSSBERG, Lawrence (eds.). *Marxism and the interpretation of culture*. Chicago: Chicago Press, 1988. p. 271-313

posição, sua voz não é ouvida do outro lado do mundo, logo, o que têm a dizer literariamente fica silenciado e confinado ao seu território.

De acordo com Chanda, uma política de relações de amor e esquecimento mantida pelo Ocidente com a literatura indiana faz com que os textos produzidos por indianos em língua inglesa tenham espaço no cenário literário, enquanto os que não se enquadram nesse grupo sejam relegados ao esquecimento. A questão é que os indianos escrevem em quase vinte línguas, como sânscrito, híndi, bengali, tâmil, gujarate, urdu e as outras línguas oficiais do país, e a cada língua corresponde uma literatura própria, com temas, formas e representantes específicos, o que prova que a Índia não é um todo contínuo como os orientalistas afirmam. Contudo, os textos escritos nesses idiomas, acabam ficando perdidos e congelados no tempo e no espaço, caso não sejam descobertos e traduzidos para o inglês, o que favorece a ignorância acerca do universo literário indiano.

A questão da autoria de textos mais antigos também contribui para o desconhecimento da literatura vernácula milenar da Índia. Há, ainda hoje, dificuldade em determinar quem são os autores e a datas em que foram escritos os *Vedas*, o *Mahabharata* e o *Ramayana*, por exemplo. Assim, são esquecidos como textos literários e concebidos somente como obras religiosas e filosóficas. Mesmo que haja na escola alguma informação sobre os *Vedas* como o livro sagrado do hinduísmo, não é comum que se faça a relação desse texto com a literatura indiana. A obra geralmente é considerada apenas como compêndio de regras religiosas, e como não se tem um “autor” definido não parece obra literária. Apesar de Roland Barthes (1968)¹⁵ ter decretado a morte do autor como dono e produtor absoluto do que escreve, ainda há uma necessidade insaciável do leitor em saber que há aquele ser transcendente responsável pela criação do texto. Se não há autor, parece que não há credibilidade no que é escrito, como obra literária.

Considerando esses pontos, pode-se constatar que existe uma grande lacuna no conhecimento ocidental acerca da literatura indiana desde seus primórdios até hoje. Em razão do exposto, é difícil até mesmo estudar a respeito no Ocidente, visto que há poucos trabalhos realizados sobre o tema em questão. Não é fácil encontrar informação acerca de autores e obras indianas, a não ser que se busque em

15 BARTHES, Roland. A morte do autor. In: _____. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1998. p. 65-70.

estudiosos indianos ou alguns pesquisadores universitários ocidentais que escrevem sobre literatura da Índia em artigos, dissertações e teses.

Mesmo sendo difícil de se traçar uma história da literatura indiana, devido ao fato de os primeiros textos caracterizarem-se pela oralidade, pelo poema e pelo desconhecimento da origem dos autores, há aqui um breve histórico de como a literatura indiana se transformou através dos tempos, de acordo com as demandas da sociedade, dos Vedas – o primeiro livro da literatura indiana – à Thrity Umrigar – uma autora contemporânea.

1.1 DO SAGRADO AO MUNDANO

Analisando o que os estudiosos supracitados dizem a respeito da literatura indiana, podem ser identificadas pelo menos três fases no seu histórico: a pré-colonial, a colonial e a pós-colonial. A primeira fase, considerada de tradição milenar ou clássica, visto que é produto de uma civilização reconhecida como mais antiga até que a grega e a judaica, tem como primeiros textos os de cunho sagrado e filosófico. São obras condizentes com o processo de formação de uma civilização, pois trazem regras de conduta, organização da sociedade, mitos e lendas.

Como textos primordiais, incorporam influências de culturas circundantes, sendo grande parte deles inspirados na literatura escrita em sânscrito, nos textos budistas e jainistas¹⁶ escritos em línguas prácritas¹⁷, havendo, também, notícias de influências islâmica e persa, principalmente na literatura escrita em urdu¹⁸. Entre os primeiros textos indianos, de acordo com Chanda, encontram-se os *Vedas*, o *Ramayana*, o *Mahabharata*.

Os *Vedas* são considerados os primeiros escritos de literatura indiana. Acredita-se que a primeira versão escrita da obra composta de quatro livros escritos

16 Referente ao jainismo, uma religião fundada na Índia no séc. VI a.C. por Mahavira. É uma religião que não reconhece a autoridade dos brâmanes, nem dos *Vedas*. Atualmente está presente na Índia oriental, central e meridional, sendo a 7ª religião indiana.

17 Línguas e dialetos índicos falados na Índia antiga restritos à literatura e considerados ilegítimos pela ortodoxia brãmãne.

18 Língua indo-europeia, da família indo-ariana, que se formou sob influência turca, persa e árabe no sul da Ásia. É o idioma nacional do Paquistão e um dos idiomas nacionais da Índia.

em sânscrito – *RigVeda*, *YajurVeda*, *SamaVeda* e *AtharvaVeda* – seja do séc. II a. C., época do desenvolvimento da escrita pelos hindus. Como já foi dito, a autoria desses textos não é muito clara, então surgem as lendas; segundo uma delas, o sábio Vyasa, que seria uma das encarnações de Vishnu¹⁹, teria organizado os textos que compõem a obra. Neles se encontram os principais conceitos e símbolos do hinduísmo, os deuses, lendas e ensinamentos que organizam os preceitos da religião; além de justificarem a organização social da Índia Védica²⁰.

O *Ramayana* é um poema épico composto de cinquenta mil versos, distribuídos em sete cantos, escritos em sânscrito. É atribuído a Rishi Valmiki e narra a viagem do príncipe Rama – sétima encarnação de Vishnu – em busca da esposa Sita abduzida pelo demônio. Segundo Flor Robles Villafranca²¹, a obra contém os ensinamentos dos antigos sábios hindus e os apresenta através de alegorias, intercaladas com o filosófico e o devocional. É um texto tão importante, que todas as suas personagens são fundamentais à consciência cultural da Índia. Por ter várias versões e reescrituras, não é possível datá-lo com precisão, mas estima-se que se situe entre o séc. III a.C. e os primeiros anos da era cristã. Uma curiosidade a respeito do *Ramayana* é a sua personagem principal, Rama, ser comparada a Hércules, por muitos pesquisadores, em virtude das semelhanças entre as aventuras de ambos os heróis.

O *Mahabharata*, escrito em sânscrito, é o poema épico mais extenso da literatura indiana e mundial, contando com mais de duzentos mil versos em dezoito livros. Não se sabe ao certo quem foi o autor, sendo atribuído a Vyasa ou Krishna-Dwaipayana, considerado o compilador da obra entre 400 a. C. e 400 d.C. A narrativa central é uma guerra de linhagens – o clã do rei Bharata e as famílias rivais Cauravas e Pandavas, através da qual é contada a história da Grande Índia. O texto é permeado por um forte conteúdo moral e religioso e acabou servindo de base para muitas filosofias indianas. A parte considerada a mais profunda é o *Bhagavad Gita*, a Bíblia do hinduísmo, o Canto Divino, assim chamado por conter as palavras de

19 Deus que interfere na ordem do mundo toda a vez que ela é ameaçada pelos demônios. Para isso, ele assume uma figura terrena como homem ou animal.

20 O período védico data de aproximadamente 1900 a. C a 500 a. C e iniciou com a invasão ariana na região, o que propiciou uma miscelânea cultural entre a cultura local e a ariana.

21 VILLAFRANCA, Flor Robles. Notas prologales. In: VALMIKI. **Ramayana**. Barcelona: Editorial Iberia, 1959. p. 7-12.

Krishna²² e por ensinar o homem a elevar-se acima da consciência humana, até uma consciência divina superior, trazendo à Terra o reinado dos céus.

O *Bhagavad Gita* foi o primeiro texto indiano conhecido na Europa. Não só Krishna, mas a maioria dos deuses indianos aparecem na narrativa como, por exemplo, Ganesh²³. A obra é ao mesmo tempo uma compilação histórica e uma enciclopédia de temas sagrados e profanos captados de diversas fontes da cultura indiana traduzidos em uma versão poética.

Mahabharata e *Ramayana*, dois textos sagrados em forma de verso, epopeias gigantescas, muito maiores do que a *Ilíada* e a *Odisseia*, que se apresentam nos primórdios da literatura indiana, são mais do que ensinamentos religiosos, são poesia que não está geralmente ao alcance dos ocidentais. São histórias de aventuras que contêm o sagrado dentro delas. São obras muito populares na Índia, tanto que até o século XVI, a literatura indiana tinha como base traduções dessas histórias escritas em sânscrito, produzindo várias versões do *Mahabharata* e do *Ramayana*; mas aqui, do outro lado do mundo, são objetos espetaculares.

A partir do século V a.C., com o início da era imperial e por conseguinte da centralização de poder, criaram-se condições favoráveis para surgimento de uma civilização pródiga e urbanizada. Daí surgiram as cortes com seus hábitos urbanos e mundanos, que propiciaram a literatura profana – escrita e desenhada no *Mahabharata*, no *Ramayana* e nos *Vedas*, profanando os textos sagrados – exaltadora do amor, das festas, das alegrias e vicissitudes desse grupo abastado.

A *Poética* de Aristóteles é muito conhecida, discutida e estudada por quem trabalha com literatura no Ocidente e certamente no Oriente, mas o que não é uma unanimidade é o conhecimento da existência de algo parecido no período clássico da literatura indiana. Ainda há o *Natyashashtra* (Tratado da arte e do espetáculo), atribuído a Bharata, que é considerada a mais antiga obra de retórica, datando do século I a.C. A obra lança as concepções fundamentais da arte poética, incluindo a Teoria dos Nove Sentimentos Despertados pela Poesia: ternura, heroísmo, pathos, fúria, medo, desgosto, cômico, maravilhoso e paz. Segundo os preceitos do tratado, o poeta é julgado pela habilidade verbal mais do que pela originalidade dos temas. Encontra-se aqui mais uma surpresa reservada pela literatura indiana clássica: não

22 Oitava encarnação de Vishnu. Deus de força e beleza extraordinárias.

23 Mestre do intelecto e da sabedoria, o “Destruidor de Obstáculos”.

só de textos literários espantosos ela é feita, mas também de tratados teóricos, ou seja, os indianos, desde o passado mais remoto pensam e escrevem sobre a literatura que produzem.

Kalidasa é o grande representante do teatro clássico indiano, considerado o William Shakespeare indiano, tamanho o seu prestígio como dramaturgo. É ele o autor de *Sakuntala*, drama em sete atos, que dá primazia ao tema da inocência. Por esse seu estilo, chamou a atenção de Goethe, que viu no seu texto as origens do pensamento romântico. Muito antes de as bases do Romantismo europeu serem fundadas, na Índia elas já apareciam no teatro, o que indica que os indianos, ao contrário do que os orientistas possam afirmar, são autênticos e originais, tanto ou mais do que os ocidentais.

O famoso *Kamasutra* (*Aforismos sobre o desejo*), comentado e reconhecido como o livro das diversas e mirabolantes posições sexuais, também faz parte do conjunto de obras que compõem a literatura indiana. A data exata de sua publicação também não é bem definida, assim como outros textos do período, mas estudos afirmam ter o seu autor Vatsyayana vivido entre os séculos V e VI. Assim, também vinculada ao período clássico, foi escrita para dar resposta à curiosidade dos jovens aristocratas e para reger a vida sentimental e erótica da época, logo, não se trata de mero compêndio de “sacanagem”, mas de uma espécie de conjunto de regras de boa conduta sexual e amorosa. É um texto popular no Ocidente; porém, não é respeitado como texto literário, sendo considerado pela maioria artigo meramente erótico e incrementador da vida sexual, sendo até mesmo ridicularizado e tema de anedotas.

A popularidade do *Kamasutra* entre os ocidentais constitui-se em mais uma prova da falta de seriedade com o oriental, pois mesmo se tratando de uma obra com conteúdo sério a respeito da sexualidade, é visto apenas como exótico exemplar do comportamento sexual exacerbado do indiano.

Além da epopeia, do teatro e dos textos filosóficos, também surgiram as coletâneas de contos e fábulas, sendo a mais antiga a *Pancatantra*, que remete ao século V. A obra tem mais de duzentas versões, mas no século XI Somadeva deu forma definitiva e reuniu cerca trezentos e cinquenta contos narrados em mais ou menos cem mil versos no *Oceano de Contos*, o *Kathasaritsagara*. Por se tratarem

de contos e fábulas, que são textos de cunho pedagógico, a linguagem é simples e direta, com toques de humor e paixão permeando as muitas facetas do amor, da intriga, da separação, da reunião, da esperteza, do possível. O tema que perpassa essas histórias é o triunfo do justo e sagaz.

À medida que era produzido esse corpus literário em sânscrito, também, de forma paralela, era produzida uma literatura em língua tâmil no sul da Índia. Trata-se de uma poesia de forte tendência humanista e moral, responsável pela tradição bhakti²⁴, que tornou-se muito popular a partir do século VI, sendo fonte de inspiração para um respeitável conjunto de poesias em louvor a Vishnu e Shiva²⁵. O movimento se alastra pela Índia ocidental e setentrional e tem, desde o século XII, seus representantes nos poetas Jaydev, Vidyapati, Mirabai, Surdas, Kabir, Toukaram e Namdev. Tais poetas, vindos de classes sociais marginalizadas, causaram uma revolução na poesia, introduzindo temas como amor, desejo e fusão mística como o culto a Rhada-Krishna²⁶ praticado em Bengala, bem como toda a literatura erótico-religiosa. Durante o século XVI, a tradição bhakti, que louvava Vishnu, tomou a direção de outras divindades. Dessa forma, a princesa Rajasthani e o poeta Mirabai escreveram versos de louvor a Krishna.

A fase clássica da literatura indiana como se pode perceber caracteriza-se na forma pelo verso e nos temas pelo sagrado (religioso, moral, sexual, comportamental). São textos que aliam valor literário e regimental, uma vez que através de narrativas de aventuras heroicas e amorosas estabelecem preceitos morais, éticos e religiosos da sociedade em formação. Tratam-se de obras complexas, que contêm a teogonia hindu e suas ramificações, que explicam através da mitologia como se formou a Índia e seu povo. Enfim, o período pré-colonial ou clássico é de estabelecimento das bases para a literatura, uma vez que estrutura a sociedade a qual, por sua vez, influi diretamente na literatura.

A segunda fase da literatura indiana, a colonial ou era moderna iniciou no século XIX, devido ao contato com pensadores e escritos europeus. A primeira manifestação dessa natureza de que se tem notícia encontra-se na literatura bengalesa. Calcutá, em Bengala, foi fundada em 1690 e foi capital da Índia britânica

24 Sensibilidade devocional que representa uma doutrina religiosa fundada pelo laço de amor entre o devoto e sua divindade.

25 Deus de dupla face, de aspecto terrível, encarnação da dissolução e destruição.

26 É a encarnação do amor, da paixão e da devoção, representada pelo amor entre Krishna e sua esposa Radha.

até 1912, o que expôs seus autores à influência ocidental muito precocemente. Com a descoberta de textos em sânscrito e com a criação dos estabelecimentos universitários Fort William (1800) e Hindu College (1817), Calcutá tornou-se o centro da intelectualidade indiana. A partir de então, a juventude de Bengala formou uma elite intelectual que renovou a literatura indiana com novas ideias e formas importadas da Europa como a ode, o soneto, o verso livre, o romance e a novela. Eles remodelaram essas formas ocidentais, adaptando-as a sua realidade.

No final do século XIX, Bengala já possuía uma literatura bem consolidada, com romancistas, novelistas e poetas. O romance criou raízes, graças à Bankim Chandra Chatterji, considerado o “pai do romance indiano”. Seus romances tratam de temas nacionalistas, intrigas românticas e temas históricos – bem influenciados por Walter Scott – e tornaram-se muito populares em Bengala e em outras regiões da Índia, onde foram traduzidos. Em 1913, Rabindranath Tagore recebeu o Prêmio Nobel de Literatura, constituindo a expressão máxima da renovação intelectual chamada “renascimento bengalês”.

O movimento iniciado em Bengala, espalhou-se por outros centros culturais, impulsionando a criação literária nas outras línguas regionais da Índia. Na segunda metade do século XIX, já era possível encontrar romances em hindi, tâmil, urdu, telugu, gujarate e outros. Sob a influência de Tagore, que tomou emprestada da França a forma narrativa da novela e a popularizou na Índia, os escritores indianos adotaram essa forma, antes mesmo que ela se estabelecesse na Inglaterra.

A novela, assim como os outros gêneros literários tomados emprestados da Europa, sofreu adaptações. Nesse caso, ela foi adaptada às urgências da reforma social e da resistência nacional frente ao colonizador. Com temas relacionados à miséria social e à opressão das mulheres, a novela atingiu seu clímax de perfeição e expressividade. Nesse grupo, encaixam-se os escritores da escola progressista – Premchand (de língua hindi), Manto e Ismat Chutghai (de língua urdu) –, que predominaram no cenário literário até a independência (1947).

No século XIX, além do *boom* literário em línguas indianas, a Índia viu o surgimento e a consolidação de uma literatura em língua inglesa também. Tal fato se deveu à intervenção direta da metrópole britânica, que não media esforços para consolidar sua dominação. Para isso, trabalhou na formação de “uma classe de

indivíduos, indianos pelo sangue e pela cor da pele, mas ingleses nos gostos, opiniões, moral e intelectualidade”, como define Thomas Babington Macauley²⁷. A formação dessa elite anglófona tinha como objetivo a obtenção de um meio de entrada no coração das massas indianas, e nada melhor para isso do que indianos agindo como ingleses.

Em 1835, a Coroa Britânica impôs o estudo do inglês nos ensinos secundário e superior. O primeiro romance em inglês foi publicado em 1854, mas a literatura anglófona teve o seu desenvolvimento propriamente dito nos idos de 1930 com nomes como os de R.K. Narayan, Mulk Raj Anand e Raja Rao. A importância desses autores para a literatura indiana está no fato de eles terem sido os primeiros a perceber que o uso do inglês era problemático, uma vez que se viam presos a uma forma de expressar a alma indiana que não era indiana e que, conseqüentemente, deixava lacunas na forma de externar sentimentos. Afinal, não concebiam como poderiam, na condição de indianos, expressar sentimentos em outra língua.

A Coroa Britânica só não contava com o fato de que essa anglicização da elite indiana pudesse ter um efeito contrário. Como já foi dito, os escritores deram-se conta de que a língua inglesa não se adequava às suas necessidades de expressão e passaram a questionar o seu uso incômodo nesses casos. Foi desse grupo ilustrado conforme padrões europeus que saíram ideias de insurreição, como foi o caso de Ghandi. Assim, o que tinha a intenção de somente aniquilar e subjugar acabou tendo efeito contrário.

Após a independência, as literaturas das principais línguas vernáculas indianas passaram por um processo de revitalização em todos os gêneros. A poesia bengalesa, por exemplo, foi urbanizada e distanciou-se do idealismo romântico e do culto do belo, tornando-se mais agressiva, transgressora, ousada e grosseira, em consonância com as ruas, sua fonte de inspiração. A novela impôs-se no sul como forma de grande apelo popular ao ser publicada em jornais. Foi o início de uma nova etapa na história da literatura indiana, a fase pós-colonial.

O termo pós-colonial é usado para referir ao processo de descolonização que marcou tanto os países colonizados como os colonizadores. O termo contém, por

27 MACAULEY, Thomas Babington. **Minute on English Education**. 1835. Disponível em: <<http://www.mssu.edu/projectsouthasia/history/primarydocs/education/Macauley001.htm>>. Acesso em: 9 set. 2011.

consequente, a ideia de que a colonização não constitui-se num fato externo às metrópoles imperiais, mas inscrito nas suas culturas, assim como as culturas imperiais se inscreveram nas culturas dos colonizados. Isto quer dizer que a experiência colonial deixou marcas na cultura dos colonizados – no caso da literatura indiana, a língua, as formas e gêneros narrativos –, da mesma maneira que a dos colonizados marcou a dos colonizadores com contribuições na culinária, língua, literatura, e a grande marca: o Ocidente tem a missão de conduzir o Oriente, pois conhece o mundo do lado de lá e sabe que ele precisa de ajuda para sobreviver e se civilizar. Essa visão amplia a relação promovida pelo encontro colonial, fazendo com que ela não se restrinja à noção de colonizador que interfere e colonizado que apenas sofre interferência.

Mesmo sendo um termo que concerne uma noção mais ampla da relação colonizador-colonizado, não deixa de ser generalizante o uso da expressão literatura pós-colonial para tratar a ficção produzida neste período, uma vez que arrisca não ser capaz de abarcar as especificidades dos textos e seus autores. Assim como não se pode dizer que a Índia inteira é um todo homogêneo, não se pode dizer que a literatura dos países colonizados é um conjunto de elementos iguais. Segundo Anna Beatriz da Silveira Paula²⁸, “a literatura pós-colonial difere consideravelmente, conforme o país e a cultura em que se manifesta, mas não há dúvidas de que há traços em comum pelo fato de existir o eixo dominador/dominado, típico da condição colonial e pós-colonial.”

Um desses traços é apontado por Homi Bhabha (1998)²⁹ como resultado das teorias críticas contemporâneas, que sugerem que aqueles que sofreram subjugação, dominação, diáspora, deslocamento é que têm o que ensinar a respeito de vida e pensamento. Cabe, então, a esses povos dar o testemunho das minorias e intervir nos discursos ideológicos que insistem em tratar com descaso, como se não fossem influentes, o desenvolvimento irregular e as histórias diferenciadas dos povos. Nesse sentido, a literatura indiana não deixa de compactuar com essa perspectiva pós-colonial, uma vez que com a independência, aqueles a quem não era permitido falar ganham voz para denunciar, criticar e analisar o que se passou na Índia durante o período de dominação britânica.

28 Ibidem

29 BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

No caso da literatura indiana em línguas vernáculas, esse período foi pródigo em mudanças tanto na forma como nos conteúdos e origem de seus representantes. Surgiram os escritores considerados individualistas por não terem como característica estética o engajamento social, mas a sensibilidade pessoal, o intimismo. Ao mesmo tempo, houve um movimento que trouxe a subversão à literatura, sendo dessa forma considerado por trazer como expoentes as mulheres e os *dalits* ou intocáveis. Esse movimento democratizou e tirou das mãos da burguesia a primazia da literatura, pois trouxe para as letras dois grupos de excluídos da sociedade: as mulheres – por serem oprimidas numa sociedade que as tinha na qualidade de seres inferiores – e os *dalits*, por serem os indivíduos sem casta.

Pela organização social indiana em vigor desde a Antiguidade, existem quatro castas: brâmanes (sacerdotes, professores e filósofos), xátrias (militares e políticos), vaixias (comerciantes e agricultores) e sudras (servos). Os *dalits* são os párias e a eles são reservados os serviços mais degradantes em relação aos pertencentes às outras castas; serviços que estes não se dignam a realizar.

Até a independência, o ofício das letras estava nas mãos dos brâmanes, a casta mais distinta; a partir de então a predominância segregadora foi quebrada. A poesia *dalit*, nascida nos anos 60, fala do sofrimento, da humilhação e reivindica mudanças em prol da justiça, pois nasceu da luta pela conscientização de uma camada tão sofrida da sociedade. Seus autores têm um objetivo maior do que a arte pela arte, que é a derrota da ordem hindu pela palavra, ou seja, o ativismo político está aliado à poética. Em 1973, o grupo chegou a fundar o movimento Panteras *Dalits*, inspirado pelos poetas negros da Harlem Renaissance³⁰. Além da poesia, os intocáveis serviram-se da narrativa autobiográfica para denunciar e criticar a desumanidade promovida pelas tradições e crenças. Trata-se de um gênero marcado pela economia, pela eficácia da escrita e pelo tom testemunhal. Por dar ênfase ao combate à injustiça praticada pela ordem social, a literatura *dalit* é considerada a única e verdadeira literatura de libertação da Índia.

Na mesma linha subversiva; porém, menos combativa surgiu, nos anos 70, a corrente dos Poetas Nus – *Digambara Kavulu*. Destaca-se a poesia erótica repleta de imagens sexuais e obscenidades. A intenção primordial do grupo era a

30 Movimento datado do início do século XX em Nova Iorque, liderado pela classe média afro-americana, em luta pela igualdade racial.

provocação, por isso utilizaram prostitutas, puxadores de riquixá e lavadores de pratos de restaurantes ordinários na promoção de suas primeiras obras. Seu objetivo foi facilmente alcançado, pois abalaram a elite a tal ponto, que até hoje são execrados pelos brâmanes.

Outro ponto que, segundo Bhabha (1998), une as nações que sofreram dominação estrangeira, é o fenômeno da diáspora. As migrações para as antigas metrópoles ou outras de mesma língua do país dominador são flagrantes e as causas que se apresentam podem estar relacionadas ao fato de o país colonizador ser considerado um polo intelectual e/ou econômico capaz de propiciar melhores oportunidades do que as encontradas nos países que passaram por tanto tempo de exploração e estagnação.

No caso da Índia, há duas questões a considerar: a diáspora e a anglicização da elite feita durante o período de dominação britânica. Como já foi comentado, a Coroa Britânica não mediu esforços para formar uma classe de indianos com mentalidade e instrução inglesas, a fim de encontrar neles aliados para a efetivação da dominação. Além de ter sido uma experiência um tanto quanto suicida para a Inglaterra, foi também um problema para essa nova classe. A razão disso foi terem ficado “fora do lugar” em consequência da sua formação: eles eram indianos, mas não mais o eram considerados pelos outros membros da comunidade por estarem “mudados”. Não lograram vitória para si mesmos, tampouco para a metrópole, pois na condição em que se encontravam não tinham penetração no resto da comunidade. O caminho a seguir, então, era o do exterior. E como resultado dessa diáspora e da anglicização temos na literatura pós-colonial indiana uma grande explosão de textos indianos escritos em língua inglesa, apesar da existência de toda uma tradição literária nas línguas vernáculas, antes, durante e após o período colonial.

A literatura indiana em língua inglesa, no entanto, foi a mais privilegiada, tendo alcançado uma visibilidade não compartilhada pelas outras literaturas do país, principalmente a partir dos anos 80, com o despontar de Salman Rushdie e seus *Versos satânicos* e os *Filhos da meia-noite*. A publicação de *Versos Satânicos* foi cercada de polêmica, pois o aiatolá Khomeini sentenciou o autor à morte e chegou a oferecer três milhões de dólares ao iraniano que o executasse. A razão da

condenação foi a acusação de blasfemar contra o islamismo em seu romance. Com a publicação do livro, uma onda de manifestações se desencadeou no Paquistão e na Índia. Em razão disso, Rushdie, vivendo em Londres, teve de viver sob proteção da polícia britânica por dez anos, quando o Irã, pressionado internacionalmente, retirou a condenação contra o indiano muçulmano considerado grande blasfemador. O grande desapontamento de Salman Rushdie no episódio foi que as pessoas o estavam condenando sem ao menos ler o romance, ou seja, a repercussão foi maior do que a discussão do conteúdo da obra.

Grande parte da literatura pós-colonial foi produzida pelos *migrant writers* – autores que migraram para as ex-metrópoles por questões acadêmicas, profissionais ou políticas. Essa geração teve como representantes escritores vindos da elite, que estudaram em escolas em que o inglês era a língua oficial, bem como todos os princípios de instrução. Como consequência disso, temos indivíduos que, diferentemente dos anglófonos do século XIX, não têm a língua inglesa como estrangeira, pois ela já faz parte do cotidiano da Índia, assim como todas as outras faladas no país, o que faz com que a pluralidade linguística seja uma prática natural. Dessa forma, não é uma surpresa que diversos deles explorem a questão linguística, “seja polarizando o dialeto com o idioma do colonizador, seja demonstrando o conflito que ocorre quando o idioma integrador da nação é o do colonizador”, como observa Anna Beatriz da Silveira Paula³¹. Além das questões relacionadas aos idiomas, há a problematização da integração dos imigrantes e sua consequente situação de subalterno experimentada na terra do colonizador de outrora.

Os anglófonos revelados na sequência de Salman Rushdie viviam, na sua maioria, fora da Índia, então sua forma de tratá-la passa pela paródia e pela nostalgia, uma vez que a distância e o esquecimento trabalham em seu imaginário, criando pátrias que já não são as suas, mas representações distanciadas das mesmas. No grupo estão nomes como os de Amitav Ghosh, Shashi Tharur, Vikran Seth, Rohinton Mistry, Upamanyu Chatterji, Amit Chaudhuri, Bharati Mukherji, Shauna Baldwin e Githa Hariharan. Em 1997, ao receber o prêmio Booker Prize por *O Deus das pequenas coisas*, Arundhati Roy inaugurou uma nova fase da anglofonia

31 Ibidem

indiana em que os escritores, na grande maioria, vivem na Índia. A principal diferença entre eles e seus antecessores é o fato de não terem a percepção da Índia deformada pela distância e saudade, mas uma lucidez maior acerca da situação real do país. Quanto às concepções literárias e estéticas, não se afastam de seus pares cosmopolitas, pois são produtos da mesma formação instrucional inglesa. Desse grupo que se segue a Roy podem ser citados Tarun Tejpal, Rana Dasgupta, Indrajit Hazra, Ruchir Joshi, Radhika Jha e Raj Kamal Jha (Nova Déli); Anita Nair e Lavanya Shankaran (Bangalore) e Allan Sealy (Dehra Dun), dentre outros.

Nessa trajetória em que a literatura indiana passou por três momentos diferentes, relacionados às mudanças políticas, sociais e econômicas do país, percebe-se um caminho que vai do sagrado ao mundano. No princípio, as questões do espírito, da mente, dos valores morais estavam em destaque; a partir do período colonial e do subsequente pós-colonial, as questões do mundo e do homem relacionados é que se destacaram. O reinado dos deuses foi substituído pelo reinado dos homens ocidentais, que tentaram regrá-los a sua maneira, assim como os postulados dos deuses o tinham feito. Todavia esse regramento não foi feito de maneira gradual, numa construção conjunta de civilização e sociedade, pelo contrário, foi imposta. Como resultado, ao invés de melhor compreensão e devoção, houve reação contrária, crítica, num afã de mostrar o quanto aquele absurdo era perturbador e contrariava a ordem natural do cosmos. O sagrado construiu; o mundano tentou destruir, mas foi barrado.

1.2 THRITY UMRIGAR E A ANGLOFONIA PÓS-COLONIAL

Thrity Umrigar nasceu em Bombaim e aos vinte e um anos foi para os Estados Unidos com o objetivo de cursar jornalismo. Vive atualmente em Cleveland, Ohio. É jornalista há quase vinte anos e escreve para o *Washington Post*, *Plain Dealer*, *Boston Globe* e outros. É Ph.D em inglês e leciona redação criativa e literatura na *Case Western Reserve University*. É autora dos romances *Um lugar para todos* (2001), *A primeira luz da manhã* (2004), *A distância entre nós* (2006), *A*

doçura do mundo (2007), o *Tamanho do céu* (2009) e *The world we found* – sem título em português ainda e com lançamento previsto para janeiro de 2012 –, além de trabalhos de crítica literária e ensaios que tratam de questões político-culturais da Índia.

Thrity Umrigar começou a publicar em 2001, o que a coloca entre os autores orientais que recentemente têm despertado a atenção do Ocidente como Khaled Housseini (Afeganistão) e o Prêmio Nobel de Literatura de 2006, Orhan Pamuk (Turquia). Não se pode dizer com certeza o que exatamente desencadeou esse fenômeno de repentino interesse do Ocidente pelos autores orientais de histórias, nas quais os protagonistas são personagens afegãs, turcas ou indianas. Isso porque se trata de um acontecimento muito novo, cujos estudos ainda estão em progresso, e também porque talvez não haja um fator motivador, mas alguns.

No caso de Umrigar, o primeiro é sem dúvida a língua em que escreve: o inglês. Esse fato torna seu texto muito mais acessível do que se fosse escrito em hindi, pois é o idioma dos Estados Unidos, o grande império, sendo por isso considerado universal e dominante na tecnologia, nos negócios e em todos os ramos do conhecimento. A tradução para outras línguas faladas no Ocidente igualmente é mais fácil, uma vez que há falantes de língua inglesa nos países ocidentais pelos motivos citados.

O segundo ponto é apontado por Ana Lúcia Santana³², que vê no ataque às Torres Gêmeas do World Trade Center em 2001 um propulsor do interesse repentino pelas letras orientais. Segundo ela, o acontecimento despertou a curiosidade de saber quem é o Outro que vem do Oriente e que é um suposto inimigo, cujas crenças, cultura, costumes e motivações vale a pena conhecer, sob pena de ignorar a sua natureza e não saber como se proteger dele.

Outro possível motivo para a ascensão das letras orientais na atualidade pode ser buscado no que Fareed Zakaria (2008)³³ chama de “a ascensão do resto” e surgimento do mundo pós-americano.

Olhemos em volta. O edifício mais alto do mundo está agora em Taipei e será superado, em breve, por um em construção em Dubai. O homem mais rico do mundo é mexicano e a maior empresa de capital aberto é chinesa. O

32 Ibidem

33 ZAKARIA, Fareed. **O mundo pós-americano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

maior avião do mundo está sendo fabricado na Rússia e na Ucrânia, a maior refinaria está em construção na Índia, e as maiores fábricas estão todas na China. Sob qualquer critério, Londres está se tornando o principal centro financeiro e os Emirados Árabes Unidos abrigam o fundo de investimentos mais bem dotado. Ícones outrora essencialmente americanos foram apropriados por estrangeiros. A maior roda-gigante está em Cingapura. O maior cassino não está em Las Vegas, mas em Macau, que já superou a cidade americana em receita anual de jogo. A maior indústria cinematográfica em termos de filmes produzidos e ingressos vendidos, é Bollywood, na Índia. Até a maior atividade esportiva americana – comprar em shopping – tornou-se global. Dos dez maiores shoppings do mundo, apenas um está nos Estados Unidos; o maior de todos está em Pequim. (p. 12-13)

Segundo ele, pela primeira vez na história há um crescimento global que está criando um sistema internacional em que países de todos os cantos do mundo têm a possibilidade de participar e não apenas observar o progresso. Ele lembra que nos últimos vinte anos os Estados Unidos concentraram muita energias no trabalho de globalização do mundo, fazendo com que países abrissem suas economias, liberassem políticas e ingressassem na era tecnológica, e que agora chegou o momento de eles mesmos se globalizarem e aprenderem a conviver com esses resto globalizado. Como a literatura segue o que acontece na sociedade, é provável que o interesse repentino do Ocidente pelo Oriente tenha origem nesse processo pelo qual passa a sociedade mundial.

Quanto à aceitação desses textos, uma questão é apontada por Khaled Housseini no prefácio da versão ilustrada de *O caçador de pipas*. Para ele, o que conquista o leitor não é a mesma coisa que o impulsiona, isto é, o exotismo ou a bestialidade do oriental. O surpreendente e apaixonante é perceber que o Outro tão diferente, tão desconhecido, tão temido é na verdade muito parecido com ele nas emoções, conflitos e desejos. A mesma opinião é partilhada por Thrity Umrigar, que considera a representação de sentimentos comuns a qualquer ser humano um ingrediente essencial para sensibilizar o leitor.

O maior desafio é sempre o mesmo: acertar na medida. Eu não vivo em Bombaim faz mais de vinte e três anos. [...] Então eu escrevo sobre coisas que sobrevivem ao tempo, coisas que dividem e separam as pessoas,[...]. A jornalista em mim sabe da importância de ser precisa nos fatos e detalhes. Mas a romancista em mim sabe que as pessoas se voltam para a literatura não por fatos, mas por verdades universais.³⁴

34 Entrevista concedida a Sujeet Rajan do jornal Indian Express, encontrada na homepage da autora.

Junto com tais autores, Thrity Umrigar está inserida no grupo dos escritores anglófonos da literatura pós-colonial e compartilha com eles características e particularidades. Para começar, sua condição de mulher escritora é própria do período, pois somente após a independência as mulheres ganharam relevância e começaram a aparecer no cenário literário; afinal, era um período de libertação e denúncia, em que a opressão estava sendo combatida. Assim como Arundathi Roy, dá atenção especial ao universo familiar, lugar em que as mulheres indianas ocupam posição que atrai todos os olhares, pois, qualquer coisa boa e principalmente ruim que venha a acontecer na família, é de sua responsabilidade. A mulher oprimida pela sociedade e no recôndito do lar está presente em *A distância entre nós*, a questão é apresentada através da história da relação entre duas mulheres separadas pela casta – patroa e empregada –, mas muito próximas, quando se fala em subjugação e opressão da mulher.

Também não se pode negar que seu lançamento no campo literário se deveu muito ao que foi feito previamente por Salman Rushdie. Como ela mesma afirma, admira-o pelo tratamento que dá à Índia dos indianos e não a idealizada positiva ou negativamente; assim como preza a habilidade no trabalho com a pluralidade linguística.

Bem, por razões puramente sentimentais, eu tenho de dizer *Filhos da meia-noite* de Salman Rushdie. Foi o primeiro livro que eu li que tinha nomes de ruas que eu reconhecia, ruas que eu realmente visitei, [...]. Foi o primeiro livro que capturou as nuances da maravilhosa miscelânea linguística que é o inglês indiano.

Eu amo alguns dos primeiros romances de Salman Rushdie pela sua completa loucura, pelo uso flexível da linguagem.³⁵

Como praticamente todos os escritores dessa “escola”, ela pertence à burguesia indiana. Se formos considerá-la pelo sistema de castas, ela é uma vaixia, ou seja, pertence à classe dos comerciantes, visto que sua família é do ramo da fabricação de tecidos. Tal posição deu-lhe condições de frequentar escolas inglesas em Mumbai, nas quais foi instruída segundo preceitos europeus e teve a oportunidade entrar em contato, através da música, cinema, literatura, com a cultura

35 Ibidem

americana, o que contribuiu para sua formação como escritora de traços estilísticos e formas cosmopolitas. As influências recebidas de autores ocidentais de língua inglesa não são negadas; pelo contrário, elas as revela abertamente quando fala de seus autores preferidos.

Eu amo Virginia Woolf por combinar duas tarefas difíceis: criar personagens psicologicamente complicados e escrever sobre eles com uma linguagem linda e lírica. Eu amo Toni Morrison pela mesma razão.

Eu amo a delicadeza da linguagem de Fitzgerald.³⁶

A forma narrativa (romance) acompanhada da doçura e suavidade muito bem destacadas por A.S. Dasan³⁷ em seu ensaio intitulado *If memories be sweet: Thrity Umrigar's parsi-imaging of contemporary India*, aproximam-na de seus escritores favoritos.

Não fugindo do mais comum entre os anglófonos pós-coloniais, ela é uma *migrant writer*, vivendo nos Estados Unidos desde os vinte e um anos. Condição que possibilita uma das discussões centrais de suas obras: os desafios e obstáculos que o oriental precisa vencer diante do preconceito e das diferenças culturais drásticas encontradas no Ocidente como ocorre em *A doçura do mundo*. A transculturação, por sua vez, também se manifesta na obra da autora ao tratar dos movimentos migratórios. A mudança que a cultura ocidental provoca na oriental, e vice-versa faz parte do mundo ficcional pós-colonial, inclusive na carga significativa que o termo traz. Em todos os momentos em que culturas são postas em contato em seus textos, ninguém sai como entrou, ou seja, sempre há perdas e ganhos, como vemos mais adiante na análise dos dois romances em destaque nesse estudo.

Outro tema que a liga a esse grupo é a exploração da pluralidade linguística tão factual na vida dos indianos, que vivem no meio de uma Babel em razão do grande número de etnias – cada uma com sua língua, dependendo da região, sendo o híndi falado por setenta por cento da Índia – e da língua unificadora do ex-colonizador. Tanto em *A doçura do mundo*, como em *O tamanho do céu* e *A primeira luz da manhã*, inglês e híndi aparecem no cotidiano das personagens em situações

³⁶ Entrevista concedida à Michelle Caswell para Asia Source, encontrada na homepage da autora.

³⁷ Ibidem

variadas. Em *A doçura do mundo*, por ser usado num ambiente de língua inglesa por natureza, o híndi não é visto com bons olhos, a não ser nos ingredientes e nos nomes de pratos da culinária parse apreciados pelos americanos. Em *A primeira luz da manhã*, o híndi, assim como a cultura indiana como um todo, aparece sendo soterrado pelo inglês e o poder imperial americano que vem com ele. Finalmente, em *O tamanho do céu*, pode-se perceber a problemática que o fato de o idioma integrador da nação ser o do colonizador britânico gera. Sendo a Índia um país populoso, grande e de severas diferenças sociais, religiosas, e étnicas, há indivíduos que não dominam a língua inglesa – por viverem em aldeias remotas, por pertencerem a castas desprovidas e, conseqüentemente não terem acesso à educação –, o que acaba contribuindo para a marginalização e exclusão em sua própria terra.

Não se pode dizer da autora, no entanto, que o distanciamento físico da Índia tenha embaçado sua visão no sentido de fantasiar na representação das questões indianas – observação feita a respeito dos *migrant writers*. Quando as mazelas da Índia aparecem em seus romances, não são coloridas de exotismo idílico, mas como “um soco na cara” – expressão utilizada para descrever Mumbai em *O tamanho do céu*.

Nos seus textos, há uma ideia que paira: a Índia não é uma coisa só, assim como os Estados Unidos não o são. De muitas maneiras, o texto de Thrity Umrigar comunica-nos que generalizar sobre os indivíduos é uma armadilha que pode levar ao abismo da ignorância e da intolerância. Tanto os americanos como os indianos, ou qualquer outro povo não pode ser julgado ou caracterizado segundo estereótipos, sob pena de demonização ou supervalorização, dois extremos perigosos. Para citar os romances analisados aqui, *A doçura do mundo*, com a personagem Rustom, põe isso abaixo, na medida em que ele não tem um comportamento esperado de um indiano típico. *O tamanho do céu* vai mais longe, extravasando isso através de Ramesh, o menino indiano surpreendentemente inteligente e articulado para o gosto americano; do “amaldiçoado” casamento misto da católica Edna e do hindu Prakash, o que mostra que os indianos se dividem pela religião e que nem todos gozam da mesma posição na sociedade; das diferentes posturas assumidas por indianos frente à “invasão americana”; das diferentes maneiras de pensar dos próprios

americanos invasores.

Thrity Umrigar divide com seus companheiros de pós-colonialismo algumas características próprias do momento histórico pelo qual a Índia passa. Contudo há uma particularidade no seu estilo que, segundo A. S. Dasan³⁸, está diretamente ligada a sua origem parse³⁹: empatia expressada com suavidade, compaixão e respeito pelas personagens. Em *A doçura do mundo*, inclusive, emotividade e sensibilidade são citadas como características tipicamente parses. De acordo com Dasan⁴⁰, “a ficção parse é uma válida contribuição que *adoçou* e enriqueceu a herança indiana de contar histórias”. Essa delicadeza ao tratar de conflitos humanos densos é percebida já nos títulos de suas obras: *Um lugar para todos*, *A primeira luz da manhã*, *A doçura do mundo*, *O tamanho do céu*. A sua maneira de narrar faz com que se desenvolva empatia pelas personagens, mesmo que elas estejam agindo de uma maneira que possa ser condenada pelo leitor, pois todas elas têm a chance de defender seu ponto-de-vista e mostram-se com sentimentos e emoções que muito se assemelham aos de quem lê.

Dessa forma, o bem e o mal não são vistos como opostos, mas como parceiros complementares, assim como o são pobres e ricos; indianos e americanos; católicos, hindus e parses. Compaixão e respeito são conclamados em seus textos, quando coloca em choque classes e etnias, e representa por meio delas os conflitos e as soluções possíveis para os mesmos. Seu texto não problematiza ou critica, mas abre um leque de opções para quem quer a paz, em que o elemento fundamental é o amor ao ser humano acima de tudo. Em suma, a suavidade narrativa parse constitui-se numa ferramenta de discussão de questões humanistas sem julgamento de valor, mas com tom reflexivo.

Assim como não se pode generalizar a respeito da literatura pós-colonial sob pena de deixar que particularidades de diferentes origens se percam, também não se pode dizer que todos os escritores anglófonos da Índia são iguais. Primeiramente, porque trata-se de indivíduos únicos e diferentes entre si. Em segundo lugar, porque a Índia não é um todo homogêneo. Como já foi mencionado, existem mais de vinte

38 Ibidem

39 O povo parse, proveniente da antiga Pérsia, migrou para a Índia devido à perseguição religiosa. Atualmente, há aproximadamente cem mil parses espalhados pelo planeta, sendo que mais da metade vive em Mumbai, Índia. Noventa e sete por cento da população parse é alfabetizada e vive em cidades.

40 Ibidem

línguas nacionais no país, tendo cada uma sua literatura correspondente e particular. Thrity Umrigar, inserida no contexto das perspectivas pós-coloniais e da anglofonia compartilha de características comuns às dos seus contemporâneos; porém, tempera seus textos de temáticas referentes à diáspora, à opressão da mulher, à família com a doçura da literatura parse.

2 THRITY UMRIGAR E O CAMPO DE BATALHA DA TEORIA

Como autora indiana de literatura anglófona pós-colonial, Thrity Umrigar trabalha em cima de questões basilares muito características de uma nação de independência recente como a Índia, dentre elas identidade, cultura e choques culturais. Obviamente se está lidando com conceitos complexos, uma vez que dizem respeito a relações humanas e não cartesianas. No entanto, essa complexidade passa despercebida no uso corriqueiro. Fala-se em identidade, ocidentais, orientais e cultura como se fala da novela das oito, por exemplo. Diz-se ser importante a “construção da identidade” das crianças, dos povos; compara-se Ocidente e Oriente, dizendo “o oriental é assim, e o ocidental é diferente”; salienta-se a importância da “valorização das culturas”... Mas quando se proferem discursos, na maioria das vezes, não se tem em mente a dimensão dessas palavras.

Thrity Umrigar não utiliza essas palavras em seus textos, mesmo assim elas estão presentes em estado latente. O ideário relativo a elas é tratado de forma profunda quando cria cenários de atuação para personagens envolvidas em conflitos humanos relacionados com a situação do indiano, que passou por um regime de colonização de 190 anos (1757-1947) e no momento encontra-se ainda em processo de descoberta e afirmação. Debruçando-se com atenção sobre seus textos, encontram-se personagens e situações brotando do terreno fértil do campo teórico que está por trás dos conceitos referidos.

Como povo de independência relativamente recente – apenas sessenta e quatro anos – pode-se dizer que está em franco processo de construção da sua identidade como povo independente. Todavia, ao reportar-se ao que Zygmunt Bauman (2005)⁴¹ considera a respeito de formação de identidades, chega-se à conclusão de que não são apenas eles a passar por isso. Segundo ele, a identidade concerne busca, formação, coleta de dados, que assume a forma de experimentação infundável, transitando entre várias identidades.

O processo é muito semelhante à montagem de um quebra-cabeças, cujas peças têm formatos diversos, estão embaralhadas e precisam ser encaixadas por tentativas, a fim de formarem uma imagem, sempre havendo a possibilidade de

41 BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

desmontar e montar inúmeras vezes, usando métodos diferentes a cada nova montagem. É uma busca infinda, e pode-se encontrar nas palavras tomadas por Bauman de Max Frisch a explicação para tal, uma vez que ele define a identidade como a rejeição daquilo que os outros desejam que sejamos. Como há variabilidade no que é desejado que cada um seja, de pessoa para pessoa, de tempos para tempos, de lugares, para lugares, há a exigência de uma eterna fuga.

Considerando essas reflexões e o conceito de pós-colonial – processo de descolonização dos países envolvidos no eixo colonizador-colonizado –, fica claro que não são apenas os indianos que estão em fase de construção de identidade, mas também os ingleses, assim como todos os indivíduos da face da Terra. Devido ao fato de estar inserida nesse contexto de pós-colonialismo literário, em que a Índia se estabelece como nação independente, o que se destaca em sua obra é a construção de uma identidade nacional, que deixe bem claro quem é o indiano e do que é capaz.

Nesse processo, fica clara a intenção de traçar fronteiras bem marcadas entre “nós” e “eles”. Em nome da nação, conforme Bauman, é necessário que se formem grupos de semelhantes diferenciados dos demais, e o agrupamento acaba sendo uma forma de obter conforto e respaldo no grupo na luta defensiva dos mais fracos contra os mais fortes – entenda-se por fracos e fortes, os que ainda engatinham nessa prática e os que já estão mais avançados, respectivamente. Os povos têm uma espécie de fixação na identificação particular de hábitos e comportamentos que os diferenciem dos “outros” e deixem bem claro quem são. Para não ir muito longe, pode-se citar o exemplo do Rio Grande do Sul, que construiu uma imagem identitária tão ditatorial que fica difícil tanto para os gaúchos quanto para os “outros” ter uma outra imagem do estado que não seja a do homem de bombacha, da prenda, do chimarrão e do churrasco. Compartilhando da mesma ideia de Jorge Luís Borges⁴², é como se fosse necessário limitar-se ao gaúcho para ser gaúcho, é como se o ser gaúcho não fosse uma fatalidade e sim uma afetação, uma máscara.

Nesse sentido, a comunidade, que parece um porto seguro em que se vive protegido e respaldado pelos seus, acaba sendo uma prisão e uma forma de exclusão, pois quem não está estritamente de acordo com as regras de identificação

42 BORGES, Jorge Luís. O escritor argentino e a tradição. In: _____. **Discussão (1932)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 147-158.

do meio, quem luta pela liberdade de escolha e autoafirmação não é bem visto e aceito por ele.

A noção do que é uma identidade nacional é explícita nas duas obras em estudo. Nos dois casos são encontradas personagens indianas que, tanto na Índia como nos Estados Unidos, são muito firmes na sua postura de indivíduos diferentes dos americanos. No afã de ser peculiar, fazem questão de tomar atitudes que deixem bem claro quem são, ou seja, seguindo à risca os preceitos de conduta indianos, não importando se estão invadindo o espaço alheio ou não – quando estão na posição de migrantes. Na posição de anfitriões, não se portam de maneira diferente e não aceitam o comportamento diverso do seu, deixando bem claro para o estrangeiro que ele não pertence àquele lugar. Aquele rebelde da comunidade, que não acha necessário agir de uma determinada maneira para ser indiano, é criticado e considerado traidor. Todavia não é apenas o indiano, recém emancipado que age assim. O americano, há muito tempo livre da Inglaterra, também age da mesma forma, o que corrobora a afirmação de Bauman de que o processo é permanente e uma contínua batalha toda a vez que dois ou mais grupos são postos em contato.

Ao passo que se diz que a construção da identidade passa pela formação de grupos compostos por elementos que tenham hábitos e comportamentos distintivos, pode-se dizer, também, que a cultura está no cerne desse processo. A conexão é possível, quando se considera o que Terry Eagleton (2005)⁴³ fala sobre cultura. De acordo com ele, a cultura é um conjunto de regras, que molda o sujeito, indicando-lhe valores, costumes, crenças e práticas a seguir, a fim de constituir um modo de vida que supra as necessidades de um determinado grupo. Na medida em que se trata de um conjunto de regras, ela é normativa e dita o que serve e o que não serve ao grupo, fechando-o. Possuidor de normas próprias e distintivas, cada grupo consegue, então, formar uma identidade que lhe é peculiar. Em consequência disso, as pessoas passam a defender seu modo de vida com a convicção de que este é o natural, enquanto os outros são estranhos.

A definição de Eagleton e suas implicações também estão presentes nos textos de Umrigar. Se lidos com olhos atentos, não é necessário recorrer a um dicionário ou outras formas de consulta para compreender um dos meandros da

43 EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

cultura: o julgamento. As personagens indianas e americanas detectando defeitos umas nas outras, fazem-no justamente em função dessas regras de inclusão e exclusão pertinentes à cultura. Cada uma possui seu código de leis de conduta, montado de acordo com o lugar em que vivem e o que ele exige. Quando se encontram, as diferenças são óbvias e aí começam as comparações e julgamentos do que é certo ou errado de acordo com a cultura de cada uma. O resultado é a demonização do outro e um problema sério de relacionamento; até que percebam que o que é certo para uma, talvez não seja para a outra, o que é um processo muito demorado, chegando a não ocorrer, ou ocorrer tarde demais, gerando conflitos por vezes sangrentos.

É claro que os julgamentos partem dos dois lados; porém, o lado mais crítico passa a ser o americano pelo simples fato de, como lembra Eagleton (2005, p. 75), a cultura ocidental não conseguir imaginar ou conceber outras culturas. Há uma personagem em um dos textos, o qual será analisado em detalhes mais tarde, que personifica totalmente essa ideia. É um americano na Índia e sua postura é a de total recusa àquela cultura por considerar que tudo está errado por lá. As pessoas se portam mal, os empregados têm reivindicações absurdas, nada funciona como deveria. O que ele não consegue, em hipótese alguma, é considerar que possa haver uma maneira de viver que não seja a praticada nos Estados Unidos. Por considerar que a sua cultura é única, conflitos irremediáveis são criados com as demais personagens, e o desfecho, como é de se esperar em tal situação é desastroso.

Tal postura é consequência da penetração aguda de preceitos e normas de um dado povo na vida dos indivíduos. Eagleton diz que quanto mais isso acontece, menos conciliatória a cultura é, pois, quando isso ocorre, acabam-se formando robôs que vivem a serviço da programação que lhes é dada. Como máquinas, não pensam no que seus atos possam ocasionar e os levam até as últimas consequências, até que não seja mais possível voltar atrás. É o que ocorre com os fundamentalistas, que, de acordo com Bauman, encontram no grupo um lar, um abrigo da vulnerabilidade que é não ter o respaldo de iguais, e para não perdê-lo se condicionam totalmente às regras. Por isso, quando esses grupos são classificados como loucos, deve-se considerar que o tema é muito mais profundo do que isso,

pois tem na sua origem questões referentes à identidade e cultura, sendo, portanto, leviano qualquer julgamento sem o devido entendimento do quadro.

Outro ponto de contato entre cultura e identidade diz respeito à instabilidade desta. Já vimos que a construção da identidade se faz graças a coleta permanente de dados e a constante mudança de perfil, de acordo com a situação em que se encontra o indivíduo. A cultura, conforme Eagleton, é um todo composto pelo que está dentro do indivíduo e o que está fora, sendo o exterior aquilo que é possível transformar, e os impulsos internos o que propulsiona o indivíduo a trabalhar a matéria de acordo com seus desejos e demandas. Mais uma vez a cultura está no eixo formador da identidade, visto que é transformação também. Se a identidade é uma sucessão de mutações, ela é um resultado da ação da cultura.

Assim, as personagens de Umrigar – tanto indianas quanto americanas – nos textos em questão já tiveram identidades prévias e no momento da história formaram outra mais adequada às suas necessidades e anseios. Há aquele que trocou uma identidade indiana por uma mais condizente com a cultura americana, na qual se vê inserido; há a americana que complementa a sua identidade antiga com elementos da cultura indiana, que considera mais libertadora; há a criança indiana com uma identidade em construção, misturando elementos indianos e americanos; há a mulher, cuja identidade está pautada em elementos religiosos porque tem um casamento misto; e assim por diante.

Todas a problemática de comparação e juízo de valor acerca de qual cultura é melhor do que a outra leva ao estereótipo, que, segundo Homi Bhabha (1998), é uma forma de conhecimento e identificação que oscila entre algo que é fixo, imutável e conhecido e algo que deve ser sempre repetido, sob ameaça de não poder ser provado, mesmo não precisando de provas. O que equivale a dizer, por exemplo, que a bestialidade oriental, que não necessita de provas, já que é algo peculiar e imutável, deve ser sempre frisada, caso contrário, não se tornará verdade no discurso. A intenção do estereótipo é denegrir a imagem de quem se encaixa nele, a fim de poder aniquilá-lo.

No caso da medição de forças entre Ocidente e Oriente, é preciso que os orientais sejam mostrados como os mais degenerados que possam ser a fim de que seja possível dominá-lo. Por outro lado, o americano também tem de ser

apresentado como o mais perverso possível, para que o ódio e a repulsão sejam justificados. O estereótipo, de acordo com Bhabha (1998) é uma falsa representação da realidade, mas não pode ser visto como uma simplificação, uma vez que trata da criação de um “outro” que não é o real, mas que possui características suas que podem ser reconhecidas. Na verdade é uma caricatura que faz com que o Oriente ou desperte excitação, ou desprezo, mas nunca seriedade. Desperta excitação quando vai para o lado do exótico, do estranho, do engraçado, até; desprezo quando vai em direção do selvagem, sexual, agressivo. Em ambos os casos, é uma representação patológica, pois o oriental ou é um “bichinho” de circo ou zoológico, ou um degenerado fora de controle, nunca alguém equilibrado que possa ser levado a sério e valorizado como tal. Acaba sendo uma criação que permite ao ocidental lidar melhor com o oriental, pois ele passa a ser um ser previsível, estático, sem identidade, na medida em que identidade pressupõe alterações permanentes, do qual já se sabe tudo; então, não há surpresas ou necessidade de preparação para qualquer imprevisto que possa haver.

Umrigar não deixa de tratar dessa crença que, de acordo com Bhabha, reconhece a diferença, recusa-a e mascara-a. As suas representações de americanos e indianos não deixam dúvida sobre isso. Ao se depararem com a diferença, recusam-se a aceitá-la, então a mascaram sob a forma do estereótipo, para que ela não exista de fato, a não ser na fantasia criada. O indiano prefere lidar com aquela imagem demoníaca já estatizada e repetida ao longo de tantos anos, porque se trata de algo que conhece bem. Caso venha a considerar qualquer outra feição fora desse modelo, terá que modificar seu modo de agir, então é melhor ficar no plano conhecido. Da mesma maneira porta-se o americano, imaginando o indiano sempre sob a perspectiva da inferioridade e repetindo para si mesmo e para quem queira ouvir que aqueles seres tão deteriorados culturalmente só têm salvação, se alguém superior como ele intervir. Nesse sentido, o estereótipo acaba sendo uma arma nas mãos do imperialista, que pode justificar seus atos através dessa realidade falsificada.

Coladas a esse conceito de Bhabha, estão as ideias de Edward Said (1995)⁴⁴ a respeito de imperialismo e orientalismo, que estão muito presentes na obra da

44 Ibidem

autora estudada. Quando se lê, não há como passar despercebido o diálogo constante, pois, como já foi salientado, Umrigar está envolvida de corpo e alma no movimento que denuncia e reflete sobre colonização, imperialismo e as consequências trazidas por tais procedimentos. Em *Orientalismo*, Said se reporta muito ao estereótipo quando fala desse conhecimento a respeito do Oriente, que é construído sobre a exterioridade, ou seja, um conhecimento que descreve, esclarece e dá voz ao Oriente por e para o Ocidente, o que promove um jogo de presença e ausência; sendo o Oriente efetivamente ausente de tudo o que diz respeito a ele. O autor inclusive considera o estereótipo uma das lentes pelas quais o Oriente é vivenciado. Uma lente muito distorcida e embaçada, por sinal, uma vez que não permite a visão do que está além desse campo limitado de visão.

Apoiado no estereótipo, um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente, como salienta Said, o Orientalismo recria um Oriente que não existe a não ser na representação deformada que leva em conta, não os seus traços distintivos, mas os do Ocidente, numa constante atividade de substituição do que existe pelo que é criado. Equivale dizer que a leitura que se faz, bem como a história que se conta a partir dela, é feita segundo o que o ocidental consegue enxergar, e ele só consegue fazer isso, segundo os seus preceitos culturais, porque na verdade não sabe nada a respeito do que acontece do outro lado do hemisfério. Nesse sentido, o Orientalismo, que se propõe a estudar e conhecer o Oriente, acaba por ser mais valioso como sinal de poder sobre o Oriente, uma vez que a verdade está com ele. E essa verdade que está na sua mão é tendenciosa, justamente por estar impregnada por ideias de superioridade ocidental, imperialismo e visões caricaturais do oriental.

Principalmente em *O tamanho do céu*, em que há uma situação do imperialista americano invadindo o território indiano com o objetivo de explorar o que lá puder em seu benefício, o diálogo com Said é bem intenso, no que concerne essas ideias de estereótipo e de dominação justificada por ele, que cria um perfil doentio para um povo, estabelecendo que ele não é capaz de conduzir sua vida sozinho.

A personagem representativa dessa postura vai para a Índia a trabalho, aproveitando a oportunidade de ir para um país exótico e fantasioso dos filmes para

esquecer a tristeza passada nos Estados Unidos com a morte do filho. Ao sofrer o choque do encontro com uma situação diferente da imaginada, vem à tona toda a violência ideológica muito embasada em questões político-econômicas de dominação e criação de impérios de dominação. A partir daí, a personagem vai usando de toda a sua convicção de superioridade perante aqueles seres inferiores para atropelá-los. Como patrão, é intransigente e desumano, como se aquelas pessoas não merecessem o mesmo respeito que qualquer empregado americano, como se não tivessem o mesmo direito de brigar por condições melhores. As reivindicações que considera absurdas ali, não consideraria na América. O problema é “eles” são diferentes, então não podem exigir as mesmas coisas.

O momento em que se torna mais agressivo, de fato, é quando resolve aplicar sobre seu caseiro a noção de que o oriental precisa de guia na conduta de seus interesses. O interesse, nesse caso, trata-se do filho do caseiro. Por dois motivos ele se acha com direitos sobre o menino. Em primeiro lugar, porque aquela terra tem de lhe fornecer alguma coisa, já que não amenizou sua dor. Em segundo, porque um menino inteligente e articulado no meio daqueles selvagens acabaria se perdendo; a única coisa a fazer seria tirar o menino daquele ambiente, a fim de dar-lhe oportunidade de ser civilizado um dia. Para isso, não mede esforços e invade o espaço do Outro gradualmente, até que esse se sinta encurralado e acuado de tanto perder as pequenas batalhas diárias – em casa e no trabalho. Quanto mais o Outro resiste, mais a violência aumenta, até chegar o ponto em que ele tem de ser eliminado. Como resultado dessa invasão imperialista na vida do indiano, ficam dois corpos de mulheres, que nunca concordaram com a briga. Essa história já foi ouvida e assistida muitas vezes nos meios de comunicação. É o constatado por Said, é o que ocorre no Oriente, é o que Umrigar representa, dando a conhecer um pouco do que acontece nesses encontros interculturais.

A criação de uma grande “comunidade imaginária”⁴⁵ cheia de vícios e defeitos permite ao Ocidente subjugar, sufocar, calar o oriental. Na condição de subalterno, que segundo Gayatri Spivak⁴⁶ é aquele que não possui voz por sua posição inferior em alguma hierarquia social, o oriental precisa de alguém que fale por ele.

45 Termo utilizado por Benedict Anderson ao afirmar que toda a comunidade é uma construção de imaginário. ANDERSON, Benedict. **Imagined Communities**: reflections on the origin and spread of nationalism. London-New York: Verso, 1991.

46 Ibidem

Thrity Umrigar se faz a voz desse mundo silenciado ao expor através de suas personagens os dilemas que fazem parte do cotidiano da massa migrante, da mulher, das classes menos abastadas. Em *O tamanho do céu*, a personagem Prakash é um subalterno. É um empregado, discriminado por ser órfão e pela religião, ou seja, seu lugar na sociedade é a cozinha. Ele não tem direito de falar o que sente, de expressar sua contrariedade contra o patrão, de decidir o que é melhor para sua própria família. Sempre que tenta se insurgir, é amordaçado pela humilhação imposta pelo patrão detentor do poder. Na sua condição, o atrevimento de tentar falar e deixar de ser subalterno é um acinte, punível com o assassinato, que, antes de mais nada, é a representação do assassinio moral.

A aniquilação vem na forma do alcoolismo e nos desvarios da personagem, que não consegue se libertar das amarras da dominação. E aí se concretiza o que afirma Spivak, que o subalterno não pode falar, pois quando o faz já não o é.

É importante lembrar que não é só o ocidental que estereotipa, criando um universo paralelo de identidades; o oriental, mesmo em desvantagem, também age assim. O oriental tem uma ideia preconcebida do que seja o americano, por exemplo, e o enxerga como tal. A sua lente também é embaçada e limitadora. As personagens indianas são tão pródigas em fazer generalizações quanto as americanas. Existe uma tendência a repelir o americano, a proteger-se do contato com ele, não especificamente por conhecê-lo, mas por saber de notícias em rádio, TV, internet, “vizinhança oriental” – o Iraque principalmente. Afinal, o colonizador conhecido de fato pela Índia é a Inglaterra; mas o grande império do momento, aquele que ameaça, são os Estados Unidos, tão temíveis que foram capazes de superar seus próprios colonizadores na hierarquia político-econômica.

A necessidade de proteção contra esse inimigo talvez se ligue ao respeito pela força demonstrada, quiçá um desejo oculto de ser igual e superar a ex-metrópole. É melhor ficar longe para não ser esmagado e para não ficar tentado a fazer o que não tem poder para fazer. Mas tal atitude defensiva, o sentimento de discriminação, derrota e fracasso, de acordo com Said (2003)⁴⁷, são tão opressores quanto o imperialismo, o despotismo e os regimes corruptos. Ele não vê solução na atitude de deslumbramento e passividade frente a uma cultura que pode oferecer

47 SAID, Edward W. **Cultura e resistência**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

benefícios e prazeres que a sua não pode; tampouco na atitude de recusa total do que provém de uma cultura diferente, pois qualquer um desses comportamentos leva a destinos desastrosos como a submissão e o ódio. A solução para o embrolho não pode ser outra, senão a capacidade de saber valorizar o que se tem; absorver o que é válido na cultura forasteira e conhecer o seu vizinho, ou seu inimigo, se é isso que ele realmente é.

Conhecendo as considerações de Said, ao ler os textos de Umrigar, incluídos nesse estudo, é possível sentir perfeitamente a presença delas. Em *O tamanho do céu*, encontram-se o deslumbramento e a passividade frente à cultura americana, que pode oferecer ao sujeito o que a indiana não pode, assim como se encontra a recusa total a tudo o que vem da América, que leva à derrocada dos envolvidos. Já em *A doçura do mundo*, o que acontece é a solução da questão que se coloca a uma personagem indiana de ficar ou não nos Estados Unidos, propiciada pelo entendimento de que o melhor a fazer é valorizar o que se tem e absorver o que é válido da outra cultura, o que acontece tanto com os americanos como com os indianos envolvidos. Nos momentos em que as personagens estão na posição defensiva ou sob o efeito de sentimentos de discriminação, derrota ou fracasso elas estão em situações desabonadoras.

O grande problema do Orientalismo, segundo Said, é o fato de fazer uso de categorias como oriental e ocidental, porque isso limita o encontro humano a culturas, tradições e sociedades diferentes. Nesse contexto, percebe que o oriental é primeiro um oriental, depois um ser humano. O mais importante acaba sendo o rótulo e não quem ele representa. Não se consegue enxergar uma pessoa na sua individualidade quando ela sempre tem à frente uma bula que a explica. O Outro, quando explicado, é destruído, pois já foi dito anteriormente que o indivíduo nunca está completo na sua identidade durante a vida. Quando se consegue decifrá-lo, é porque ele completou seu ciclo, ou seja, morreu. É assim que o Orientalismo mata o indivíduo; estereotipando, rotulando, classificando, pois assim ele fica limitado e frágil, suscetível a esse discurso que se vale do conhecimento por razões de controle e não de coexistência e alargamento de fronteiras.

Não se afastando de Said, a questão problemática nas relações representadas nas narrativas de Thrity Umrigar é a falta da capacidade de enxergar

os seres humanos por trás dos americanos, dos indianos, das mulheres, dos católicos, dos hindus, dos parses e assim por diante. Essa desumanização ocorre porque, ao classificar, são agrupados indivíduos segundo determinadas características que dão identidade a esse grupo, que, de acordo com essas características, formam uma cultura diferenciada; essa cultura propicia que o grupo seja classificado novamente formando uma massa disforme que não é ninguém, mas ao mesmo tempo é todos. Não se fala mais no indivíduo em específico, mas no indiano, no americano, e sabendo de suas peculiaridades, se cria o estereótipo utilizado posteriormente para justificar humilhação, agressão, preconceito, violência, subjugação.

Como foi dito no início do capítulo, quando as palavras identidade, cultura, oriental, ocidental, estereótipo são vistas, ouvidas ou ditas, não se percebe sua força, tampouco da conexão que há entre elas. Mas ao penetrar no mundo dos conceitos inerentes a elas, nota-se que eles formam o que Gilles Deleuze⁴⁸ chama de uma cadeia rizomática, em que não é possível precisar onde ficam início, meio e fim, se é que existem. A identidade norteia a cultura; que por sua vez participa da criação do estereótipo, que caracterizando orientais e ocidentais; é um instrumento indispensável na constituição do Orientalismo como discurso e área de estudos.

Cabe aqui uma observação acerca da cultura como uma estrutura ambígua. Sendo ela participante na criação do estereótipo, está presente na estruturação do discurso orientalista, isto é, contribui para a opressão e demonização do Outro. Mas ela também pode atuar como forma de luta contra a extinção e a aniquilação, conforme Said (2003). Nesse sentido, a cultura possui um arsenal de resistência que inclui o poder de analisar e ultrapassar clichês e mentiras injustificadas dos dominadores, o questionamento desses seres superiores, a busca de alternativas e a memória – instrumento coletivo que preserva a identidade e evita o apagamento histórico. Somente a cultura é capaz de fazer frente à ausência de iniciativa, ao provincianismo e à falta intelectual de cidadania, que tanto prejudicam o progresso e a libertação. A cultura, então, é uma faca de dois gumes; um que destrói, outro que constrói, cabendo aos indivíduos utilizá-la de maneira adequada para que ela seja um elemento de beneficiamento e não de aniquilação.

48 DELEUZE, Gilles. Introdução: Rizoma. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, v. 1, 1995. p. 11-37.

Além disso, pode-se notar, que os conceitos de identidade, cultura, os referentes às relações entre Ocidente e Oriente não convivem de forma pacífica. Todos eles envolvem poder, luta, fortes e fracos, vencedores e perdedores, dominadores e dominados. Para Bauman “o campo de batalha é o lar natural da identidade”. Eagleton fala em “guerras culturais”. Bhabha menciona os “povos sujeitos” e agressividade. E Said descreve o quanto agressiva e hostil podem ser as relações entre Ocidente e Oriente quando existe uma divisão do mundo em um lado considerado superior (por si mesmo e pelos outros) e um lado considerado fraco; quando não há a percepção de que não existem duas partes diferentes, mas seres humanos, cada um deles peculiar e inigualável. O campo teórico em que se pisa é violento, é um campo de batalha que deixa mortos e feridos, e talvez o faça por tratar de questões que exigem guerra por afirmação, por valores, por formação de grupos, essenciais para a sobrevivência do homem, esse ser social que não raro resolve suas pendências com violência.

3 OS MIGRANTES NO LIMITE DE THRITY UMRIGAR

Sair do lugar de nascimento, onde o indivíduo cresceu e se construiu como tal constitui-se numa atitude extrema que exige desprendimento e coragem, afinal é uma mudança brusca e até dramática. Decidir-se por partir deixando para trás amigos, parentes, emprego, casa, terra natal não é fácil, uma vez que pressupõe o abandono de uma situação pelo menos estável por uma realidade nova e inesperada.

O fato de pressupor perdas – de coisas boas ou ruins, mas familiares – e ganhos – presumidos, mas não certos – é uma atitude que requer reflexão e motivação. Pessoas não trocam o que é certo pelo que é duvidoso por simples capricho, mas porque algum acontecimento as impulsiona de alguma maneira a fugir e buscar um recomeço. É a partir de situações-limite como morte, miséria, fome, guerra, perseguição que se sai de “casa” em busca de redenção, de esteio; porém, o que está do outro lado não é necessariamente a solução para todos os problemas e pode significar a criação outros tantos.

Pode-se dizer que a movimentação de pessoas de um lugar para outro, ou migração, produz impactos positivos e negativos sobre as mesmas. Ao saírem em busca de melhores condições de vida, os migrantes podem sim encontrar prosperidade e acolhimento. Por outro lado, podem também ter de enfrentar discriminação e hostilidade, além da saudade do que ficou para trás e lhes era caro.

Os dois romances analisados passam por esses pontos. Há um fato comum em ambos, que impulsiona a movimentação: a morte. Em *A doçura do mundo*, Tehmina parte para os Estados Unidos após a morte do marido. *O tamanho do céu* apresenta um casal, Frank e Ellie, que vai para a Índia depois da experiência dolorosa de perda do filho. A viúva, bem como o casal, se veem diante de uma oportunidade para recomeçar e aventuram-se no desconhecido. Nos dois casos, a bagagem dos viajantes vai repleta de expectativas boas e más com relação ao novo lar, e a subsequente vivência do novo confirma isso, ou seja, eles provam do mel e do fel que a migração pode oferecer.

3.1 A DOÇURA (NEM SEMPRE TÃO DOCE) DO MUNDO

A doçura do mundo é narrado em dezessete capítulos precedidos por uma fala da personagem Rustom que, já falecida, constata que sua missão na terra está terminada, pois a esposa, sempre sua dependente, já pode andar com os próprios pés. Constata também que a tristeza sentida por todos após sua morte vai sendo superada com o passar do tempo, mas o que não passará será a herança indiana marcada nos traços físicos transmitidos geneticamente a seus descendentes ao longo dos anos, não importando onde estejam ou com que outro povo se miscigenem. Nesse primeiro contato com uma das personagens, já há uma indicação de que questões relacionadas a raças e nacionalidades estarão envolvidas na história.

Na sequência, passa-se a conhecer sua esposa, Tehmina, que no momento vive uma temporada na casa do filho Sorab e da nora Susan, em Ohio. Os motivos de sua ida à América se deveram à morte do marido e à conseqüente preocupação do filho em tê-la longe durante uma fase tão delicada. Sua jornada nos EUA é acompanhada de uma grande dúvida: ficar morando com o filho, ou voltar para a Índia. Ama sua família, sente falta deles quando está do outro lado do mundo. Por outro lado, também sente falta dos cheiros, dos sons, das pessoas, da sua terra quando está no Ocidente.

Durante sua estada nos Estados Unidos, vive muitas experiências dentro e fora de casa, todas colocando-a em choque com uma cultura tão diferente da sua. Sorab é um indiano que se transformou para fazer parte da sociedade americana. Susan é uma mulher americana independente, com reservas politicamente corretas quanto ao comportamento da sogra e sua origem, bem como da do esposo. Cavas, o neto, é um indo-americano que rejeita sua origem, estando totalmente inserido na ordem americana de viver.

A família vive em um condomínio, e há uma vizinha que deixa bem clara a sua aversão a estrangeiros, sendo uma pessoa de costumes bem avessos ao que uma indiana estaria habituada. Enfim, a variabilidade de posições gera situações em que a personagem sente muito profundamente o que um americano pode fazer com alguém que não pertence àquilo que consideram sua origem pura ou que não

comporta-se adequadamente segundo sua cartilha. Mesmo enfrentando percalços, a decisão final de Tehmina é ficar com a família, pois para ela o melhor lugar do mundo é um só: perto de quem se ama. Sua estratégia? A tolerância.

O que se tem é uma série de personagens que podem ser analisadas a partir das reflexões teóricas que norteiam este trabalho. A primeira a ser estudada aqui é Tehmina, que personifica o “fora do lugar” – expressão utilizada por Edward Said (2004) em seu livro de memórias –, o indivíduo que se encontra em situação desconfortável por perceber que não se encaixa na paisagem em que está no momento. O “não encaixar-se” está diretamente relacionado com a maneira como o indivíduo vê e julga o meio que o cerca, e como é visto e julgado por ele. A personagem em questão observa o que acontece ao seu redor e através disso constata a existência de várias diferenças entre a sua Índia, a Índia dos americanos e a América.

As constatações se iniciam de forma mais amena, levando em consideração questões exteriores como espaço e aparência físicos, e vão até questões mais complexas que envolvem preconceito e discriminação. Em se tratando do espaço físico, os paralelos são traçados considerando, em princípio, as condições climáticas diversas de um lugar para outro e ao que elas remetem. A sentença que abre o primeiro capítulo do romance, bem como outras subsequentes já estabelecem essa diferenciação.

Tehmina Sethna, ou Tammy, sentou-se numa cadeira do jardim ao lado da nora, Susan, e se refestelou ao calor do sol quente que trouxera consigo, diretamente de Bombaim. (UMRIGAR, Thrity. **A doçura do mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 11)⁴⁹

Importar todo esse sol da Índia! Puxa, mamãe, se as coisas continuarem assim, não há jeito de deixarmos que você volte para lá. (p.12)

São dois momentos em que fica clara a diferença climática entre Bombaim e Ohio: sol, calor, claridade são coisas provenientes da Índia e não características dos EUA. Esse clima agradável e estimulante não parece ser possível de forma natural onde estão, sendo necessário que se traga de fora, do outro lado do mundo. Percebe-se também aí aquela visão ocidental de que os indianos e outros povos da

49 Todas as citações deste subcapítulo foram retiradas da mesma edição de *A doçura do mundo*.

Ásia têm o sol como uma extensão de seus corpos, sem imaginar outra possibilidade que não seja a do eterno sol a brilhar, aquecer e tostar suas peles. Em contrapartida, há o clima de Ohio: “Como explicar a você, Susan, a morte de um marido? É um choque tão grande quanto o primeiro inverno em Ohio, com aquele vento cortante batendo no rosto entorpecido.” (p. 14) Ao contrário da sensação de bem estar que o sol indiano provoca e que é tão prezada tanto por Susan quanto por Tehmina, o frio americano não agrada em nada, sendo comparado com a dor cortante provocada pela perda de um ente querido. É apresentada, logo de início, aquela imagem de que o Ocidente é frio e o Oriente, quente. A chuva de Bombaim e a neve de Ohio também são comparadas e vistas como dois fenômenos bem distintos e muito em consonância com os costumes dos lugares em que ocorrem.

A neve é muito diferente da chuva, pensou Tehmina. A chuva em Bombaim era como um intruso desajeitado, com pés de chumbo, que esbarrava nos móveis e caía por cima deles, derrubava a louça e fazia sentir sua presença pesada e suarenta nas ruas golpeadas e batidas. Mas a neve daqui! Tehmina deslumbrou-se com seu ar furtivo, seu subterfúgio, seu toque leve. Ora, a pessoa podia dormir a noite inteira e nem saber que tinha nevado, até de manhã. Chuva e neve. A maneira perfeita de descrever a diferença entre Bombaim e os Estados Unidos, pensou Tehmina. Uma era ruidosa, caótica, tumultuada e errática. A outra era calma, antisséptica, refinada e polida. (p. 93)

Na visão da personagem, a Índia é um lugar chuvoso, ou seja, de muita agitação, barulho, falta de discrição, enquanto os Estados Unidos são a prudência, o siso, o silêncio, a discrição. Mais uma imagem corrente acerca do Oriente e do Ocidente: o primeiro é a vida em movimento, desenfreada; o segundo, a vida controlada.

Dos aspectos físicos dos dois diferentes sítios em questão, passamos então para a aparência física dos indivíduos “de cá e de lá”. A cor da pele é salientada também desde o princípio: a brancura dos americanos x a cor escura dos indianos.

Rustom que sabia fazer a nora branca e loura sorrir e enrubescer como se tivesse voltado aos tempos de escola. (p. 12)

A água reluzia nos rostos e peitos morenos de Rustom e Sorab. (p. 13)

Ambos tinham rostos espertos feito passarinhos, com olhos castanhos e narizes afilados. [...] Os rostos brancos dos meninos também exibiam riscas

escuras, como se eles houvessem passado a tarde limpando chaminés. (p. 19)

As reflexões de Tammy, mesmo que não estejam direcionadas para a cor da pele especificamente, revelam a atenção dada pela personagem a ela. Ao falar da nora e dos vizinhos nos trechos citados não seria necessário mencionar as peles brancas. Também não seria necessário fazer o comentário a respeito da pele morena de Rustom e Sorab banhando-se na água. Por que então essas observações? Porque Tehmina vê esses contrastes como prova notória da distinção entre seu povo e os americanos por mostrar-se a olhos vistos. É a mais flagrante e permanente indicação de que não se trata de indivíduos de mesma origem, uma vez que não é possível camuflar aquilo que está à vista de todos: a cor e os traços físicos característicos de cada povo.

A frieza e falta de colorido não ficam apenas no clima e na cor da pele, mas se estendem pelos ambientes de convívio social americanos.

Tehmina adorava ir ao mercado do produtor. Ali se sentia à vontade e humana. A água suja e parada no chão, os gritos dos vendedores competindo pelos fregueses para que estes experimentassem seus produtos, até o cheiro das frutas apodrecidas e do peixe fresco, tudo lhe parecia familiar. Fazer compras nessa feira era como fazer compras em Bombaim – muito barulho, tudo apinhado de gente, um zumbido de atividade. Pegar as frutas e legumes, barganhar com os barraqueiros de vez em quando, provar as amostras de frutas picadas que eles ofereciam, tudo a fazia sentir-se humana, como se o mercado estivesse cravado numa parte do mundo que ela ainda podia reconhecer e na qual vivia. Que contraste com os supermercados antissépticos, refrigerados, feericamente iluminados e limpos em que os meninos faziam compras! Um lugar em que os tomates e as abobrinhas vinham embrulhados em bandejas de plástico e onde as pessoas olhavam torto se a gente tocava uma fruta e a levava ao nariz para sentir o perfume. Não que cheirá-las fizesse alguma diferença – nenhuma das frutas e legumes das mercearias dos Estados Unidos tinha aroma nem sabor, é verdade. [...] Morder uma maçã ou uma laranja norte-americanas era provar o gosto da decepção. Nada explodia em sabor, nada era doce ou de gosto marcante como as frutas de Bombaim. [...] Os supermercados pareciam ter sido construídos para uma raça de seres perfeitos; a feira dos produtores era construída em escala humana – um lugar para seres humanos e falíveis. (p. 41-42)

Os locais populares de convívio são muito diversos em aparência, comportamento, aromas, gostos. Na Índia, a personagem vê sujeira, sente mau cheiro, fica atordoada em meio ao barulho, mas sente calor humano, vida. Nos

Estados Unidos vê limpeza, higiene, sons amenos, todavia há necessidade de um sopro vital que empurre a artificialidade para longe. O sabor da vida está na imprevisibilidade, no impalpável, no imensurável, na surpresa, o que equivale a dizer que num ambiente em que tudo é cuidadosamente construído, controlado e vigiado a insipidez impera. Da mesma forma, num local em que tudo é empacotado e resistente ao toque, em que as pessoas não se falam, mas se vigiam e repelem a desumanidade se instala. Aqui se revela mais uma ideia preconcebida a respeito do que é o Oriente e o Ocidente: calor e humanidade x automatização.

Estando diante de tanta disparidade relacionada a espaço físico, a aparência, a núcleos de convivência e relações, não se poderia esperar o contrário dos modos de vida e do comportamento dos indivíduos. O comportamento das pessoas, bem como suas avaliações e concepções a respeito da vida nos Estados Unidos não são os mesmos que por muitos anos nortearam a vida de Tehmina. A posição da mulher na sociedade é uma das primeiras coisas que chama a atenção da personagem. A postura, a maneira como se portam e são tratadas, a rotina diária das mulheres americanas são coisas que a surpreendem.

As mãos de Susan – Tehmina ainda se lembrava da primeira vez em que as vira, e se deslumbrara ao perceber como as mãos das norte-americanas eram grandes, masculinas e abrutalhadas – pendiam frouxas junto ao corpo, abertas, relaxadas. O olhar aflito que ela exibia quase todo o tempo, e que deixava Tehmina sobressaltada e nervosa perto da nora, aquele olhar fora substituído por contentamento e felicidade. (p.12)

A descrição das mãos de Susan e das americanas em geral como masculinizadas e de gestos mais relaxados remete à ideia de mulheres trabalhadoras, que estão num patamar muito parecido com o dos homens, razão pela qual já absorveram o gestual próprio deles. Aquela feminilidade frágil não é mais vista na sociedade americana da mesma forma como é apreciada e incentivada na indiana. O olhar constantemente aflito é o olhar de estresse e de todos os males (depressão, síndrome do pânico, TOC) de que sofre a mulher emancipada, que trabalha fora e dentro de casa, que é mãe, esposa, amante e mulher poderosa, ou seja, é o olhar que paga o preço pela liberdade e pela igualdade de direitos com relação aos homens. Como comenta Percy Soonawalla, amigo de infância de Sorab, “Todas essas norte-americanas têm o gene do distúrbio

obsessivo-compulsivo.” (p. 34)

Na Índia a mulher é doutrinada a ter um comportamento comedido, submisso (ao homem, ao esposo, conseqüentemente à sogra) e de pilar moral da família. Cabe a ela a manutenção da família, sendo por qualquer desvio culpada, como é o caso da esterilidade do casal, que é considerada um castigo divino.

Por algum tempo, Bikhumai, a mãe de Rustom, fizera Tehmina engolir uma série de tônicos e pós de sabor pavoroso. Bikhumai via a impossibilidade de os dois conceberem mais filhos como um insulto pessoal, um sinal do desagrado de Deus com ela. (p. 114)

Ela sabia de vários homens que, apesar da baixa contagem de espermatozoides, culpavam automaticamente o ventre estéril de suas esposas e, com o maior descaramento, colhiam com avidez toda a solidariedade e comiseração que lhes eram inevitavelmente manifestadas. (p. 116)

A mulher americana não sofre esse tipo de pressão, principalmente por não estar em posição de submissão em relação ao homem. A ela cabe decidir ao lado do homem se terá filhos ou não, e se terá, quantos serão. Não ter filhos, ou ter apenas um não constitui uma situação vexatória, basta lembrar que Susan e Sorab têm um único filho sem enfrentar nenhuma cobrança. O próprio ritmo de vida do casal torna a decisão por ter filhos um assunto a ser bem refletido. Com ambos trabalhando fora e com uma rotina agitada, a maternidade acaba ficando relegada a um plano não tão destacado.

Para ser respeitada, a indiana age com sobriedade e serenidade mesmo quando está em posição de ataque. O comentário de Sorab, filho de Tehmina é explícito quanto a esse comportamento: “Sua mãe era capaz de ser passivo-agressiva, ela sabia. Todas as malditas mulheres parses eram.” (p. 65) Para conseguir o que quer, a mulher indiana faz pensar que está em desvantagem e então ataca.

Ao aparecer em público, a discricção deve ser prezada. Eva, a amiga judia de Tehmina é uma mulher opulenta, sem papas na língua, é daquelas pessoas que não chega sem ser notada, logo, é um tipo de amizade possível apenas fora do território indiano, e mesmo assim é preciso haver consentimento dos homens para tal.

Na Índia, Tammy se envergonharia de ser vista em público com uma mulher tão volumosa, que mais parecia um pequeno iate. Mas ali, nos Estados Unidos, Eva Metzemaum se tornara a única pessoa a quem podia confidenciar praticamente qualquer coisa. (p. 29-30)

Instintivamente, Tehmina olhara à volta à procura do marido ou do filho. Não sabia ao certo o que responder àquela mulher grande e redonda, de batom vermelho vivo, que avultava sobre ela feito uma roda-gigante.(p.30)

Segundo os costumes cultuados na Índia, não seria um tipo de amizade saudável, mas no país das liberdades individuais é totalmente admissível e confiável. Até porque se trata de alguém que pode dar apoio e conforto, já que não é uma *gói* – maneira como Eva se refere aos americanos – assim como Tehmina também não é. As duas tornam-se amigas justamente por terem em o comum o fato de não pertencerem àquele grupo, por terem origens no Oriente. Eva é a pessoa de confiança, com quem pode contar para tudo e a quem pode recorrer quando está só e sentindo o peso do deslocamento. Apesar de terem personalidades e costumes diferentes, são como “irmãs de leste”. Como vive nos Estados Unidos e compartilha da cultura de lá, Eva é capaz de dar dicas e esclarecimentos de como funciona aquela sociedade, sem julgá-la ou querer que se molde àquele meio. Sua única pressão é para que Tammy não volte para a Índia. É a amiga, com seu jeito despachado de encarar a vida, que faz os dias de adaptação menos pesados e a ajuda a superar o baque da diferença com mais leveza.

E o baque é grande para Tehmina, pois está vivendo num mundo desconhecido. Está do outro lado do planeta sob condições climáticas não tão familiares; convivendo com pessoas de compleição diferente da sua, com outros valores e comportamentos, com um modo muito peculiar – segundo sua avaliação – de experimentar a vida, e o que é pior: com uma grande rejeição e desprezo pela diferença. Ela nasceu na Índia e lá viveu até a morte do marido, ou seja, não tem a experiência de viver em outro lugar. É claro que havia feito várias visitas ao filho na América, mas isso é muito diferente de permanecer ali.

Quando se visita alguém, se está de passagem e não há a necessidade de envolvimento com os costumes locais, apenas de adequação a eles, o melhor possível, temporariamente. Porém, quando se passa a viver no local, há a necessidade de conhecer e respeitar as regras sociais lá estabelecidas, uma vez

que não é possível o isolamento. É preciso estudar, trabalhar, ir às compras, pelo menos, e para isso é preciso relacionar-se com as pessoas e com tudo o que elas carregam consigo. As dificuldades de Tehmina encontram-se justamente nesse ponto, o do relacionamento com as pessoas e seus costumes. Em razão disso, são muitos os momentos em que ela reflete sobre como se vive na América e na Índia.

Tehmina sentiu vontade de dizer: Esse é o problema de vocês, norteamericanos, *deekra* – e Tehmina resvalou para o carinhoso tratamento indiano –, é que vocês todos pensam demais no riso e na diversão, como se a vida fosse um filme de Walt Disney. Uma coisa inventada por crianças. Já na Índia, a vida é um melodrama de Bollywood – cheia de perdas e tristeza. E por isso, todos rejeitam a indústria de cinema indiano e preferem Disney. (p. 14)

A indiana vê a sociedade americana como uma grande ilusão em que todos são risonhos e felizes porque tudo está no devido lugar e leva a um final feliz, ou seja, uma sociedade que vive da aparência bela que tanto atrai e hipnotiza a quem observa de longe. Tudo muito diferente da Índia, que não esconde o sofrimento e o choro, mostrando-se até mais dramática do que realmente é. Segundo ela, essas duas atitudes fazem com que a imagem dos Estados Unidos seja exaltada, enquanto a da Índia seja denegrada. Todavia, como estrangeira, que ainda não está integrada na sociedade, consegue perceber o que os nativos talvez não percebam mais por já estarem tão envolvidos com ela: nem tudo é tão perfeito como um filme da Disney.

Ou a sujeira não aparecia tanto na pele morena, ou o que ela sempre ouvira dizer – que a higiene era irmã da santidade na cultura hindu – era verdade. Tehmina lembrou-se de que, quando seu carro passava pelas favelas de Bombaim, era comum ela ver grupos de faveladas voltando para casa, carregando na cabeça grandes latões de cobre cheios d'água. Com o mesmo latão, provavelmente, elas cozinhavam, lavavam a louça e davam banho nos filhos. Então como era possível que ali, nos Estados Unidos, onde todos tinham água encanada e tudo o mais, ainda houvesse crianças com a aparência de Jerome Joshua? (p. 20)

Por trás da máscara da beleza existe também a feiura. Apesar de toda a tecnologia, estrutura, organização, riqueza, há problemas como em qualquer outro lugar. Se na Índia há falta de saneamento básico, por exemplo, nos Estados Unidos

há crianças sujas. Ter instrumentos e uma imagem de poder constituída não é garantia de sucesso total, tampouco as dificuldades são sinônimo de fracasso. Pelo contrário, parece que o excesso de facilidades cega e escraviza as pessoas.

Embora detestasse a si mesma quando tinha qualquer tipo de ideia pouco generosa em relação a Sorab e Susan, às vezes Tehmina sentia que os meninos se ocupavam tanto com o trabalho, a casa, os carros, que tinham se tornado escravos de seus bens. Lembrou-se dos antigos desenhos de ficção científica que costumavam ser exibidos antes do filme principal em Bombaim, quando era pequena. Muitos deles eram protagonizados por robôs que faziam as vontades dos donos. Mas ali, nos Estados Unidos, era como se tivesse acontecido o inverso – os seres humanos tinham se transformado nos robôs, fazendo as vontades de suas bugigangas mecânicas. (p. 32-33)

Envolvido por toda uma parafernália a serviço do conforto e da vida satisfatória, o americano próspero se deslumbra e não consegue ver além de si e de seus bens. No afã de não perder o que conquistou coloca o trabalho e suas conquistas acima de tudo, então dá mais tempo ao trabalho e à manutenção de seus bens materiais do que à família e à saúde, por exemplo. No meio de tudo isso, os filhos dessas famílias são deixados para trás, não havendo muita preocupação em estar com eles e acompanhar seu desenvolvimento, pois é preciso fazer mais dinheiro para pagar a escola sofisticada que produza prodígios, o carro do ano, a casa bonita em condomínio fechado e assim por diante. Não há muito espaço para a criança nas vidas dos adultos.

– As aulas acabaram , mas a Susan não quis deixá-lo em casa comigo, nem mesmo na semana do Natal. Por isso, matriculou-o numa aula de aprimoramento, ou enriquecimento.

– Hum. Aula de enriquecimento – repetiu Eva, estalando a língua. – Na minha época, a única coisa que poderia ser enriquecida era o arroz. Mas esses pais de hoje, para eles não basta criar filhos felizes e saudáveis. Não, a criança tem que dançar como Fred Astaire e dominar a matemática como Einstein – disse e pôs a mão pesada e enrugada sobre a de Tehmina, cobrindo-a como uma tigela.

[...]

– Mas isso é uma coisa que não entendo, Eva. Por que as crianças dos Estados Unidos vivem tão isoladas? Veja o nosso condomínio, por exemplo. Todas aquelas casas novas e grandes, mas não há calçadas. Como é que podem projetar essas casas nos mínimos detalhes, com o pé-direito alto, as banheiras sofisticadas e tudo o mais e se esquecer de pôr calçadas? Eu lhe digo uma coisa: em Bombaim, até os bairros mais pobres têm calçadas... e o fato de elas serem todas quebradas e rachadas, e de todo o mundo acabar andando pelo meio da rua, é uma outra história.

[...]

– É muito engraçado – continuou Tehmina. – Todas as casas com crianças pequenas, aqui no Condomínio Evergreen, têm um conjunto idêntico de brinquedos no quintal: você sabe, o balanço, o escorrega e o resto. Então, por que esses pais todos não se unem e compram só um ou dois desses conjuntos e o põem numa área comum? Aí todas as crianças poderiam brincar umas com as outras. (p. 35-36)

As crianças não têm espaço para serem crianças, pois os pais não têm tempo para cuidar e tratá-las como seres dependentes de carinho e atenção. Some-se a isso o fato de precisarem, desde a mais tenra idade, desenvolver habilidades que as tornem competentes e capazes de vencer sempre no futuro. Como esse futuro será extremamente competitivo e cada um terá de pensar apenas em ser melhor que o outro, a individualidade é sagrada desde a infância, daí as crianças brincarem isoladas em seus pátios fechados. Não pode haver aquele envolvimento com os vizinhos, cada um cuida de si e de suas coisas. Ocorre, na Índia, algo muito diferente; as pessoas compartilham dores e alegrias, evitando o isolamento, pois não há a cultura da competição desenfreada, visto que não é necessário defender uma postura de palmatória e império mundial.

Tehmina olhou ao redor, à espera de que viessem vizinhos correndo de todos os lados, como faziam em Bombaim, e à espera de que ela mesma se pusesse totalmente de pé e rugisse num aviso para Tara parar com aquela maluquice imediatamente. (p.199)

Se isso houvesse acontecido em Bombaim, é claro, pelo menos uns vinte vizinhos já teriam avisado Sorab e Susan sobre os acontecimentos da tarde. (p. 223)

O que ela estava pensando: que isto aqui era a Índia, onde interferir na vida dos outros era um passatempo nacional? (p. 231)

Os trechos supracitados se referem ao momento da narrativa em que Tehmina tem mais claro para si que nos Estados Unidos uma pessoa não tem a permissão de invadir o espaço da outra em hipótese alguma. O incidente tem início quando ela, ao ver a vizinha – já reincidente em maus tratos aos filhos – bater muito nos pequenos, resolve levá-los para casa a fim de protegê-los. O caso chega até a polícia através do neto Cookie que, instruído a chamar a polícia em caso de emergência, faz a denúncia de abuso para com as crianças por parte da mãe. Com

isso, a história vai parar nos jornais e o filho, ao ficar sabendo, fica furioso ao invés de ficar orgulhoso pela coragem da mãe, pois ela está agindo como uma indiana na América. O desfecho, contudo, não vem a ser desastroso, pois ela acaba sendo considerada um milagre de Natal, visto que salva as crianças da violência, fazendo uma coisa que nenhum americano faria por um outro americano.

A grande preocupação de Sorab nesse episódio não é a grandeza da mãe que deixa para trás as regras para fazer algo de bom; o que o aterroriza é o medo do escândalo, dos processos judiciais que podem resultar da atitude de Tehmina. A sociedade americana preza muito as individualidades e os direitos do cidadão, então é um povo muito acostumado a brigar por qualquer violação de seus direitos individuais, o que faz com que processar pessoas, empresas, instituições seja uma prática corriqueira. A noção de liberdade que tanto é propagada por essa sociedade norteia-se justamente por essa prática de luta por direitos e respeito a deveres. Qualquer desrespeito a direitos e deveres é entendido como merecedor de punição e reprovação.

E ainda nos vinham falar em terra da liberdade!, pensara Tehmina, surpresa. Não havia um só carro à vista, mas todos esperavam feito carneirinhos que o sinal lhes dissesse ANDE ou PARE. Em Bombaim, mil pessoas já teriam atravessado a rua seis vezes, àquela altura. Talvez tivesse sido essa ideia que a impelira adiante, mas o fato é que, no instante seguinte, uma Tehmina impaciente havia puxado a mão do neto e começado a atravessar. Atrás dela, ouvira Susan exclamar, arquejante: "Mamãe!" Mas era tarde demais para parar. Ao chegar ao outro lado, ela percebera que tinha feito algo errado. Algo incivilizado. Algo... bem, algo próprio de Bombaim. Uma coisa indiana. Uma coisa grosseira. (p. 94-95)

Fica bem claro aqui que a ideia de liberdade de Tehmina difere bastante da americana. Nos Estados Unidos, a liberdade tem a ver com direitos e deveres do cidadão. Ser livre é ter o direito de buscar o que é justo para si sem ferir o que é justo para o outro, o que significa respeitar regras para que nenhuma das partes saia em desvantagem. Parece que para o indiano, ser livre é fazer o que se tem vontade, levando em conta apenas os direitos esquecendo os deveres e o seguimento de regras.

No mesmo filão vem o choque de avaliação sobre o público e o privado nessas duas culturas. Para os americanos o conceito de público e privado diz

respeito ao que é de uso e proveito de todos, e o que é individual não permite invasão de privacidade. Pela fala de Tammy pode-se inferir que se está falando do que é feito às claras e do que é feito privativamente.

Fazia muitos anos desde a última vez em que alguém lhe dirigira a palavra ou a repreendera do jeito que Susan tinha feito. E em público, ainda por cima. Não havia limites nesse país, não havia fronteiras entre o público e o privado. (p. 96)

Pela enésima vez, tinha se assombrado com esse país que agora seu filho chamava de lar – com o modo como as fronteiras entre o público e o privado se embotavam por completo. Será que não havia nenhuma ideia ou sentimento tão sagrados, tão particulares, que eles se sentissem compelidos a preservá-los da intromissão do mundo?, admirara-se Tehmina. Nenhum comportamento de que a pessoa se sentisse constrangida demais para falar? (p. 150)

A preocupação extrema com o que é permitido ou não, com o que é adequado, civilizado, com a não invasão do espaço alheio, com direitos e deveres faz da sociedade americana um alienígena para Tehmina. Para ela, é muita atenção a coisas não tão importantes, que gera um cuidado exagerado que não seria necessário num ambiente tão próspero.

Em Bombaim, onde tudo é perigoso, as pessoas levam a vida *bindaas*, despreocupadas, sem medo, quase sem pensar. Aqui onde não há razão para se temer coisa alguma, essa gente tem medo da própria vida. Como podem sobreviver desse jeito, vigiando e pesando tudo? Do terrorismo aos micróbios ou à gripe, tudo assustava essas pessoas. Um país inteiro entrando em pânico por causa da escassez de vacinas contra a gripe. E vedando seus vidros de analgésico tão hermeticamente, tão à prova de adulterações, que nenhum adulto com artrite era capaz de abri-los. Até seus canudos vêm embrulhados em plástico. Já em Bombaim, santo Deus, a gente respirava o ar mais fétido que havia, e comia em barracas de beira de estrada em que os pratos eram lavados numa água marrom feito lama. E olhem só para mim: uma mulher robusta, saudável e animada de sessenta e seis anos. O velho dr. Mehta sempre dizia: “Se um dia houver uma peste ou uma catástrofe global, Tehmi, juro que aqueles norte-americanos vão cair feito moscas. Eles não têm imunidade contra coisa alguma. E nós, indianos, com nossa constituição férrea, dominaremos o mundo.

Era a mesma coisa com os cintos de segurança. Deus do céu como Sorab e Susan a haviam olhado quando ela se recusara a usar o cinto de segurança em sua primeira visita ao país! Como... como se ficassem pessoalmente decepcionados com ela, tal como ficaríamos com um parente que insistisse em se suicidar bem diante dos nossos olhos. (p. 93-94)

Tehmina reconhece que a Índia possui problemas sérios de miséria, falta de higiene e saneamento, e em comparação com os Estados Unidos isso fica ainda mais saliente. O que é difícil para ela entender é por que tanto receio, se eles têm tudo o que se pode querer. Para ela, um país com índices tão grandes de pobreza como a Índia tem motivos de sobra para temer doenças, violência, falta de segurança e tantas outras coisas, todavia um país rico como os Estados Unidos não tem motivo algum para se preocupar com nada. É aquela ideia equivocada e bem recorrente de que somente a vida dos pobres tem atribulações e que ricos são obrigados a ser felizes e sorridentes o tempo todo. O reverso existem sempre, o que muda é o tipo de situação.

Pode-se dizer que o povo americano não sofre ou está livre de preocupações? De forma alguma, pois há tristeza e preocupação também, mas por outras razões. E Tehmina é testemunha de um problema bem sério que ocorre ao lado de sua casa: violência contra a criança. O episódio já citado envolvendo os meninos Jerome e Joshua e sua mãe é uma prova de que nem tudo são flores por ali. Mas Tammy ainda está aprendendo e experimentando a realidade daquela “terra prometida” e ainda tem muito a descobrir.

Na verdade, esse tipo de avaliação não passa de uma visão estereotipada. Nos países ricos só se enxergam atrativos; nos pobres, somente o que é ruim. É justamente por isso que as pessoas migram para os Estados Unidos ou para a Europa. A única coisa que desabona os ricos, nesse caso, é o fato não terem força, resistência, poder de superação ou sobrevivência, pois têm tudo o que precisam para funcionar corretamente a sua disposição e, portanto não precisam lutar por nada.

Seguindo essa linha de pensamento, Tehmina, mesmo não compreendendo muito bem, tem bem claro para si que as formas americanas de sofrimento têm causas bem diferentes das dos indianos. É muito estranho perceber que o luto pela morte de seu marido não é uma lamúria prolongada, que falar sobre alguém que morreu não é rotineiro.

– Eu o vi ontem à noite. Quer dizer... Sonhei com ele ontem.
Mesmo no escuro, mesmo com o som ligado, ela sentiu a súbita tensão no ar. Notou de imediato que Sorab não lhe pediu para prosseguir, não pediu que descrevesse o sonho. É como se o Rustom tivesse sido banido da

nossa vida, pensou. Toda vez que menciono o nome dele, pareço ter desrespeitado uma regra social, como se fumasse um cigarro num restaurante em que o fumo é proibido. Será que tudo nesse país tem prazo de validade? Até a tristeza e o luto? Foi o que a matriarca pensou. (p. 136)

O luto, pelo menos exterior dura pouco, e em um curto período de tempo já não se chora mais pelo falecido. Por choro entende-se aqui não apenas o rolar de lágrimas, mas a tristeza acachapante, o falar sem parar naquele que se foi, os lamentos, a vestimenta sóbria, o afastamento da vida social. Através dessa maneira de lamentar a morte de uma pessoa, a personagem consegue avaliar o ritmo de vida dos norte-americanos. E que ritmo é esse? Muito veloz. A vida não para, a economia não para, o mundo não para. E um país que vive em constante situação de competição e dominação em todos os estratos da sociedade não pode reservar muito tempo para isso. Os eventos se sucedem um ao outro rapidamente, então o último sempre é o que fica em evidência. É por isso que a exposição pública de escândalos pessoais, que tanto horroriza Tehmina, ocorre aos milhares: o escândalo de amanhã eclipsará o de hoje.

Além de todo esse entendimento da própria personagem de que está em um outro mundo e não no seu, há situações em que esse mundo que se desvenda a ela aos poucos não mede esforços para deixar bem claro que ela não passa de uma estrangeira.

Ela é visitante nos Estados Unidos. Uma estrangeira neste país. Mas, para dois garotinhos amedrontados de Rosemont Heights, a indiana Tehmina Sethna, 66, revelou-se um anjo natalino. (p. 234)

“Visitante”, “estrangeira”, “indiana”, essa é Tehmina nos Estados Unidos. A mesma matéria jornalística que exalta sua atitude de salvar duas crianças das mãos da mãe abusiva e a classifica como anjo natalino também faz questão de deixar bem claro que seu lugar não é ali. Pode-se inferir duas coisas da notícia. Primeiramente uma crítica ao comportamento individualista americano que não permite atitudes de solidariedade, sendo necessária a ação de uma estrangeira para defender dois pequenos americanos. Em segundo lugar um lembrete de que uma quebra de protocolo dessas só poderia ter sido cometida por uma pessoa de fora, que não

conhece as regras, mas que logo partirá e deixará que tudo volte ao normal.

O preconceito e o menosprezo diretos são também vivenciados por ela.

– Espero que não haja próxima vez, Tara. A verdade é que é contra a lei...

Tara a interrompeu com um bufo:

– Ei, eu sei muito bem o que a lei diz. Não preciso de ninguém pra me ensinar a lei. Passei a minha vida inteira nesse país, então, pode crer, eu sei das coisas e...

Tehmina sentiu Susan enrijecer-se a seu lado.

– O que você quis dizer com esse comentário? – interrompeu ela, com o frio de dezembro na voz. – O que é que viver ou não viver a vida inteira nesse país tem a ver com obedecer à leis?

– Ei, ei, fique fria, dona. Eu não quis dizer nada. Quer dizer, nem estava pensando em você ser casada com um estrangeiro... isso é problema seu, não meu. (p. 24-25)

– Que é que vocês estão fazendo, andando por aí falando com... gente? – E lançou um olhar desdenhoso para Tehmina.

Ela sentiu o rosto enrubescer diante do insulto evidente.

[...]

Tara olhou com insolência para a senhora idosa, descendo lentamente o olhar do alto de sua cabeça até os pés e depois encarando-a. Tehmina teve de se esforçar para não ficar envergonhada diante do olhar de menosprezo da vizinha.

– Ah, é? – disse com ar indiferente. – Bom, eles não têm permissão para falar com estranhos. (p. 48)

Mesmo sendo uma pessoa tolerante e compassiva, a atitude de desprezo da vizinha Tara a incomoda e muito, sendo a lembrança da cena capaz de estragar um momento de felicidade em que se encontra instantes depois.

Mas, enquanto ajudava Eva a guardar as sacolas de compras na mala, reconheceu o que estava sentindo. Era felicidade. Pela primeira vez em meses, sentia-se realmente livre e feliz.

Mesmo assim, algo a incomodava. Concentrando-se nesse ponto negro em seu íntimo, reconheceu o que a estava perturbando: o encontro anterior com Tara, uma nuvem escura e solitária num perfeito céu azul. (p. 50)

A diferença entre a ponta de discriminação apresentada pela notícia de jornal e o desprezo de Tara é que a primeira é feita com classe, sem palavras ou tom ofensivo, mas com conteúdo nas entrelinhas. Como talvez nem tenha a intenção de agredir e como faz um elogio, não causa desconforto ou indignação. A segunda é rude, demonstra intenção de ofender, de mostrar contrariedade com sua presença ali e parte de uma pessoa grosseira, sem classe, o que se pode notar por sua

maneira de expressão e atitudes. Isso nos possibilita dizer que a rejeição ao estrangeiro não vem apenas das classes mais favorecidas e pomposas, mas está em todos os estratos. O Estado planta essa semente, a fertiliza e rega com seus preceitos orientalistas; o resultado: frutos bem robustos.

Contribuindo para o sentimento de “fora do lugar” de Tehmina, está o fato de estar morando numa casa, num país que não são seus, mas da nora e do filho. Obviamente, ela é bem tratada e tem sua presença permanente naquele lugar reclamada pela família, entretanto, em vários momentos, palavras e atitudes não deixam dúvidas a respeito de quem são os donos da casa.

– Você tem bom coração, mamãe. É algo que admiro muito, mas quero que me escute: nunca mais vou receber aqueles meninos aqui. Espero que você possa respeitar minha decisão.

O rosto de Tehmina anuviou-se. Antes que ela pudesse responder, Susan tornou a falar.

– Sinto muito, mamãe, mas preciso mesmo lhe pedir isso.

– É claro – resmungou ela, mas com a cabeça noutro lugar. É que Tehmina captara aquilo que Susan era educada demais para dizer: enquanto estiver na minha casa, você cumprirá minhas ordens. (p. 26)

Apesar de estar entre familiares, não está entre indianos. Susan é americana; o neto Cavas é indo-americano – muito mais americano como ela diz – e Sorab não é mais indiano, pois os EUA o modificaram. Conclusão: ela é a única estrangeira na casa. É a única que não se comporta corretamente, que se veste de forma diferente – “As duas mulheres sentaram-se na camaradagem do silêncio, no jardim da frente. Tehmina com um suéter azul-marinho por cima da túnica longa e calças compridas folgadas, seu *salwar-khameez* de batique.” (p. 11) –, que estranha a maneira como as pessoas conduzem suas vidas.

Diante de tantos sinais, não é difícil para Tammy descobrir qual o seu lugar naquela sociedade.

– Bombaim é minha casa. Aqui tenho medo de ser sempre uma estrangeira, de nunca me acostumar com todos esses hábitos. (p. 38)

– Sabe, lá em Bombaim, eu me sinto uma pessoa cuja vida tem um sentido, segue um caminho. Aqui, apesar de todos os esforços de Sorab, não consigo deixar de me sentir um ornamento, uma peça decorativa. Quase como um embrulho que alguém tivesse largado na porta dele. Acho... o que eu estou dizendo, Eva, é que... não me sinto necessária aqui. Afora uma ou

outra preocupação ocasional, os meninos ficarão perfeitamente felizes sem mim. (p. 39)

Conversar com uma indiana maluca, que tinha pulado uma cerca para salvar dois meninos e, em vez disso, pusera em risco o futuro deles, jamais constituiria sua definição de notícia. (p. 222)

A ideia de que não passa de uma “indiana tolerada” naquele país – nas palavras do próprio filho – acaba sendo introjetada por ela e mesmo entre os seus sente-se assim. Aliás, o filho Sorab é uma das pessoas que mesmo amando-a e querendo sua presença com ele contribui para que ela sintasse “pisando em ovos”. Dele vêm muitas repreensões quando ela não está se havendo de forma adequada em território americano. Ele a admoesta a respeito de como as coisas são feitas por lá, bem diferente de como são feitas na Índia. Em muitos momentos, mostra-se até mesmo irritado por ela estar se portando como uma indiana, o que pode não ser bem visto pelos outros e prejudicar sua posterior vida por ali. Seu desejo é que ela se torne um deles, assim como ele se tornou, pois, caso não o faça, será sempre um embaraço para eles, para a comunidade e para si mesma.

Sorab é a personagem da busca por pertença num mundo que não é o seu. Para poder desfrutar do paraíso, foi preciso provar do fruto da ocidentalização, o que faz com que viva tenso, preso dentro de si mesmo, a fim de sustentar a posição americanizada que assumiu. Mudou-se para os EUA ainda muito jovem, a fim de estudar e fazer uma carreira. É um profissional de sucesso, com situação financeira muito boa, casado com uma americana, pai de um menino, enfim, vive o tão almejado “sonho americano”. É um homem que mudou com a finalidade de adaptar-se e ser aceito pela sociedade americana, fazendo de tudo para não causar problemas que possam identificá-lo como indiano, como o estrangeiro que é.

Ao lembrar esse incidente, Tehmina sentiu uma pontada de pesar. Que teria acontecido com aquele rapazinho serenamente decidido? Que teria acontecido com seu jeito lúcido de ver o mundo? Ela havia pensado que a ida para os Estados Unidos ampliaria os horizontes de Sorab, faria com que ele se erguesse sobre os ombros dos pais e enxergasse mais longe do que eles haviam enxergado. Em vez disso, ocorrera o inverso. De um modo estranho, Sorab parecia ter encolhido, e seu mundo se estreitara. Ele parecia feliz no plano pessoal, sim, mas... talvez o problema todo fosse esse. Morando nesse condomínio, onde a aparência de muitas casas era a mesma e até os carros e os balanços das crianças nos quintais pareciam idênticos, Sorab havia trocado a paixão intensa da juventude por uma

satisfação monótona. (p. 83-84)

Ele está mudado, pensou Tehmina, e seus olhos se encheram inexplicavelmente de lágrimas. Esse país o modificou. Houve época em que o meu Sorab nunca teria ficado parado, vendo uma criancinha ser maltratada por aquele brutamontes. Mas agora ele está... mais embotado. Já não é aquele jovem sensível que via uma injustiça em cada esquina. (p. 130)

Nos Estados Unidos Sorab não é o mesmo da Índia. Seus valores são outros, pois para efetivamente fazer parte do “lugar que havia dominado seus sonhos pelo menos desde os doze anos de idade” (p. 90), foi necessário adequar-se a ele. Sua ida para a América teve o intuito de obter uma graduação mais qualificada e sucesso profissional. Com isso nas mãos, não há mais pelo que lutar e nem há espaço para arriscar a perda de tudo, por isso a acomodação. O idealismo que demonstrava na Índia era compatível com a sua situação naquele momento, pois havia causas sociais pelas quais lutar para o crescimento do seu povo. No momento, ele não tem por que se envolver em contendas, pois não há guerra sua por ali. Ele só tem de se apropriar do que lhe é oferecido, aproveitar e sempre defender esse meio que lhe deu tudo o que tem. E, para sair em defesa de seu novo lar, une-se aos nativos, como se fosse um deles, não achando razoável que estrangeiros como sua mãe critiquem seu mundo perfeito.

Era muito bom poder conversar assim com alguém, sem ser mal entendida. Susan e Sorab ficavam com aquela expressão sofrida e defensiva no rosto quando ela dizia alguma coisa que lhes parecia uma crítica aos Estados Unidos. (p. 35)

Sorab está bem inserido no mundo do Tio Sam, mas sempre paira sobre ele o temor de ser preterido frente aos brancos e excluído do grupo.

E será que ele, Sorab, era um terceiro-mundista tão simplório, tão incorrigivelmente antiquado, tão imperdoavelmente sul-asiático, *desi*, tão completamente... – ah, meu Deus, tão completamente século XX –, que Joe havia preferido Grace a ele? (p. 54)

Fica claro aqui que ser um asiático típico é um entrave para o sucesso e

aceitação. Explica-se aí a mudança do Sorab indiano para o Sorab americano. Um executivo de sucesso, que vive nas altas rodas e que não admite a possibilidade de fracassar diante dos amigos indianos que também desfrutam de prosperidade na terra da fartura.

Mas a ideia de contar ao velho amigo a ameaça de Grace de lhe recusar a promoção era vergonhosa demais para Sorab. Afinal, eles eram meninos da Catedral, e os alunos da Catedral eram sempre bem sucedidos. Todos os indianos com que ele e Percy se relacionavam – médicos, advogados, engenheiros, empresários – tinham ido para os Estados Unidos e feito fortuna. Muitos eram casados com norte-americanas; muitos tinham filhos matriculados em Yale e Stanford; a maioria possuía grandes mansões nos subúrbios residenciais. Fazia muito tempo que Sorab dera a conhecer a esse círculo de amigos que esperava chefiar seu departamento dentro em breve e, um dia, a empresa. (p. 59)

Sorab é assombrado pelo medo do fracasso e também por um complexo de inferioridade, que o leva a crer que sempre há alguém, mesmo a própria esposa o tratando como um terceiro-mundista sem modos e atrasado. Isso mostra que ele não é bem resolvido com sua condição de oriental bem sucedido no Ocidente. Parece que o progresso ocorreu apenas no plano exterior, que o seu interior ainda duvida e está sempre na defensiva para o caso de alguém também duvidar.

– Susan, por favor, pare de me tratar como se eu fosse um matuto do Terceiro Mundo. Você acha o quê, que eu não gosto do banheiro limpo? Acontece que há outras coisas como a tranquilidade em casa, por exemplo, que têm a mesma importância para mim. Você não sabe como se porta com a mamãe às vezes... como se fosse uma princesa branca, dando ordens aos serviçais. (p. 69)

Ele é uma personagem oscilante, que se move pelo medo de perder a posição alcançada e a satisfação por ter alcançado o que sempre desejou.

Que vida ele tivera! Primeiro, nascer na classe média da Índia. Só isso já era como ganhar na bosta da loteria. E, depois, ir para os Estados Unidos. Para a América, o lugar que havia dominado seus sonhos pelo menos desde os doze anos de idade. (p. 90)

E, como se ser aceito nos Estados Unidos já não fosse uma dádiva suficiente, tinha havido todas as outras dádivas. Um filho perfeito e puro como a lua. Uma mulher que às vezes era meio espinhosa, sim, que sorria com menos frequência do que ele gostaria, sim, mas que o amava e era

ardorosa e leal nesse amor. Uma carreira que, até o aparecimento de Grace Butler havia disparado como um foguete. Uma casa linda e confortável e, o que era mais importante, grande o bastante para que ele pudesse oferecer-se para dividi-la com a mãe. (p. 91)

E o que sempre almejou na vida foi a realização do sonho americano. Sair da periferia; chegar aos EUA; estudar; vencer. Ele tipifica o indivíduo acometido pela doença que cega e faz pensar que a América é a Terra Prometida. O que mais impressiona aqui é a idolatria desenvolvida com relação aos Estados Unidos. O país é relacionado a sonhos, dádivas, com tudo o que é bom em sua vida. Ele e seus amigos são casos de sucesso, mas ele não enxerga os que não são, tamanho é o seu deslumbramento com as benesses obtidas. Também não enxerga que mesmo assim não é relaxado e feliz como deveria ser, pois os medos e complexos o pressionam, obrigando-o a fazer uma força enorme para ser quem não é. Ele não chega a renegar suas origens, o que acontece é que tem de jogar o jogo proposto, se quer ir a algum lugar. Apesar desse grande esforço para encobrir vestígios parses, ele acaba deixando escapar alguns indícios.

– Tudo bem com você, amor? – perguntou Susan, e, como sempre, Sorab ficou irritado e agradecido com essa espantosa capacidade de ela ler seus pensamentos, de detectar a mudança mais ínfima dentro dele.

– Sim, tudo – respondeu bruscamente, mas em seguida, como se fosse uma mulherzinha idiota e não conseguisse controlar a própria língua, ouviu-se dizer: – Olhe só para eles dois, sentados ali. Como se fossem as duas únicas pessoas do mundo. Não são lindos?

Lindos? Nenhum norte-americano viril se deixaria apanhar dizendo “lindos”. Era assim que falavam os homens parses – é, e, ainda por cima, os parses da geração de seu pai. Que merda estava acontecendo com ele? (p. 140)

– Desculpe. Você sabe que eu sempre fico piegas nessa época do ano. Susan deu-lhe aquele olhar tímido e pesaroso que ainda era capaz de fazer o coração de Sorab dar cambalhotas.

– É isso que eu amo em você. Em todos vocês, os homens parses, com a sua veia sentimental. (p. 143)

Não é fácil sufocar para sempre quem realmente se é, uma vez que é inviável policiar-se severamente o tempo todo. Com atitudes e comportamentos é até mais exequível, mas quando se trata de sentimentos fica mais complicado, pois se está lidando com o campo do involuntário. Para um americano que não tem a cultura do calor humano, do abraço, do sentimentalismo exacerbado é perfeitamente natural

não se comover à toa, não demonstrar o que sente. Todavia para alguém criado dentro de um sistema em que as pessoas choram sem vergonha nenhuma, sentem e demonstram as dores e alegrias, não se enternecer com uma cena *linda* vai contra a natureza. É o que acontece com Sorab aqui. Em muitos momentos, é possível para ele distanciar-se e ficar impassível a cenas comoventes ou revoltantes, como já foi citado anteriormente; porém, há certas horas em que a fragilidade vem, e já não é possível sublimar, principalmente quando há o envolvimento da família, tão prezada na cultura indiana.

O sufocamento desse lado parse derramado não é apenas uma estratégia para ser menos indiano. Para Sorab é também uma demonstração de amadurecimento, de abandono da inocência infantil para tornar-se homem. E a sua saída da Índia em direção aos Estados Unidos é vista como um rito de passagem para a vida adulta.

Talvez essa tivesse sido uma das razões de ele fugir da Índia e trocá-la pelos Estados Unidos, para poder deixar para trás toda aquela pastosa suavidade da infância e se firmar como homem. E o novo país tinha sido bom para ele – endurecera-o, tornara-o competitivo, independente, ávido de progredir, obstinado em sua busca do sucesso. Havia liberado alguma coisa nele. Enquanto na Índia as pessoas sempre lhe diziam para não parecer ambicioso demais, voraz em demasia, ali, nos Estados Unidos, essa ambição e essa avidez eram reverenciadas, incentivadas e recompensadas. (p. 144)

Nas palavras de Sorab, pode-se ver que a Índia está para a infância, assim como os EUA estão para a maturidade. Ele reconhece o seu país como ingênuo e formador de um povo também ingênuo; enquanto sua visão dos Estados Unidos o coloca como maduro. Para ele, a Índia está engatinhando em termos de progresso, enquanto a América já está correndo. Segundo ele, os Estados Unidos são um país “projetado com ele em mente, ele e milhões de outras almas irrequietas que eram desajustadas em suas terras natais, e que chegavam às praias da América transbordando de energia, explodindo de ambição represada.” (p.145) É o lugar onde é possível crescer.

Outro fator que colabora para deixá-lo tenso e obrigá-lo sempre a lutar para manter a posição conquistada é o fato de ter de justificar para si mesmo e para os

outros que sua ida para a América valeu a pena.

– Bom, enfim. Passei anos e anos me sentindo dividido. E, por mais que tentasse, não conseguia diminuir a droga da distância. Não que fosse tudo ruim, não é isso que eu estou dizendo. Aliás, sabe, acho que aquela ambição que eu tinha no começo, aquele impulso de me sair bem, talvez isso fizesse parte daquela mesma ambição. Quer dizer, eu tinha pagado um preço tão alto para vir para cá... deixara para trás uma casa confortável, uma cidade conhecida, amigos e pais que me adoravam... que eu tinha de fazer tudo isso valer a pena, tinha que justificar esse sacrifício. De modo que era um rapaz apressado, acho. (p. 142)

Todo o esforço de Sorab para se inserir na sociedade americana com sucesso pode parecer atitude de alguém que renega as origens, mas na verdade não é. Trata-se de uma maneira de dar uma justificativa plausível para ele ter deixado para trás seu lar e sua família. Afinal é muito doloroso abandonar pai, mãe, irmãos, amigos, casa, escola, vizinhos, enfim, tudo o que faz parte de uma história, e partir rumo ao desconhecido. É um recomeço solitário, em que tudo tem de ser conquistado aos poucos sem o apoio de quem sempre esteve por perto nos momentos difíceis. Tanto sacrifício não pode resultar em nada, então, aliada à ambição inicial de ir para os Estados Unidos – grande promessa de futuro brilhante – e desfrutar de tudo o que não existe em sua terra ou existe em melhor formato, está a ambição de obter o máximo possível como pagamento por tanto trabalho e sofrimento.

Tanta labuta no intuito de tornar-se um membro da sociedade americana, provocou mudanças drásticas em Sorab. Como ele próprio fala, aprendeu a dar vazão a sua ambição para construir algo, tornou-se uma pessoa competitiva e endureceu. Mas as mudanças vão além do plano interior, refletindo-se no seu exterior: agora é um burguês nos costumes e maneiras.

Nessa viagem de trem é que Sorab se dera conta de que agora era um membro oficial da classe média norte-americana. Embora seu pai tivesse gastado muito dinheiro para lhes arranjar assentos reservados na primeira classe, num vagão com ar-refrigerado, tudo o que dizia respeito ao trem lhe causava repulsa. Sorab havia notado os cobertores puídos que lhes deram para estender sobre a madeira dura das camas-beliches desmontáveis, os lençóis surrados e finos, com jeito de sujos, e as manchas de *paan*, a erva que muitos passageiros mascavam e depois cuspiam no canto do vagão de carga. Acima de tudo, ele tinha reparado no estado de indizível imundície dos banheiros. Rezara fervorosamente para que o tolete feminino estivesse

em melhores condições que o masculino – afinal, ele tinha a vantagem de poder descer do trem numa de suas muitas paradas e se aliviar numa moita atrás das estações desertas –, mas uma olhadela para o rosto pálido e chocado de Susan fora o bastante para lhe dizer que suas preces não tinham sido atendidas. (p. 175)

Sorab foi criado na Índia, portanto acostumado com a sujeira e a balbúrdia das ruas e dos serviços públicos. Na atual conjuntura; porém, essas coisas o incomodam. É que ele provou o sabor das estruturas desenvolvidas, então o gosto das que ainda estão em desenvolvimento bem precário lhe causa náusea. Antes de viver nos Estados Unidos, ele tinha apenas uma noção da diferença; após experimentá-lo, no entanto, não resta sombra de dúvida acerca do abismo que separa sua terra natal da sua nova terra. Ele não renega sua terra, mas aquele não é mais o seu lugar. Ele não é mais criança, por isso precisa de um lugar para adultos, ou seja, ele já evoluiu, por isso precisa de um lugar evoluído.

Um olhar mais superficial poderia classificar a personagem como um matuto terceiro-mundista – expressão usada por ele mesmo – maravilhado com a vida brilhante oferecida pela América, mas ele, como representação de sujeito pós-colonial, é ambivalente e sente-se mal ao pensar que leva uma vida facilidades, enquanto seus *irmãos* passam por dificuldades.

Durante anos, visitar a Índia lhe fora difícil. Os mendigos na rua, os criados em casa, as paredes descuidadas e mal pintadas do apartamento dos pais, a poeira persistente que se depositava sobre todos os pertences deles, apesar da limpeza diária, tudo aquilo o torturava. Ele sentia culpa por tudo – por seu pai ainda dirigir o carro antigo, que nem tinha direção hidráulica, por sua mãe enfrentar terríveis engarrafamentos quando saía para fazer compras, ou pelo fato de homens com três vezes a sua idade chamarem-no de “senhor” ao lhe pedirem dinheiro. Sorab tinha vontade de pedir desculpas pelo açoite implacável das chuvas das monções, pela fúria cruel do sol, pelo lixo nas ruas, pelos esqualidos cães sem dono que vagavam em frente ao prédio, pela barulheira das buzinas no trânsito, pelo cinza turvo das águas poluídas do mar. Afinal, ele havia escapado daquilo tudo – e aquelas pessoas não. Enquanto Sorab morava num prédio residencial em que nunca faltava energia, tomava banho sob uma água confortavelmente quente e respirava um ar cristalino e adocicado, enquanto ele tomava Pepsi na hora em que sentia vontade e sacava dinheiro em caixas eletrônicos sempre que era necessário; milhões de pessoas – inclusive sua mãe e seu pai – viviam aprisionadas numa cidade quente, poluída, superpopulosa, empobrecida e decrépita, na qual as únicas coisas confiáveis eram o caos e a imprevisibilidade. (p. 180-181)

Sorab sente-se como um rato que abandonou o barco enquanto ele afundava. Ele havia fugido da precariedade da Índia, mas sua *família* havia ficado por lá enfrentando os desafios diários da miséria, da poluição, da deterioração. Ao invés de ter ficado e feito alguma coisa pelo seu país, ele correu de lá, indo trabalhar para colaborar com a contínua prosperidade de um outro povo. E o pior de tudo: não consegue ver nenhuma possibilidade de voltar para lá e fazer alguma coisa porque não se encaixa mais naquele ambiente. Encontra-se aqui um homem dividido entre dois mundos. Um é o seu de origem, que precisa de sua ajuda, mas não a tem; o outro é o que adotou, que não precisa, nem faz questão de sua presença, mas a tem por livre e espontânea escolha.

Sorab tem uma grande aliada para tirá-lo desse momento de crise e colocá-lo na trilha do otimismo norte-americano que não vê culpa nenhuma em ser feliz e aproveitar as coisas boas da vida sem culpa.

E agora ele se permitia desfrutar das coisas que a riqueza podia comprar. Tinha que agradecer a Susan por isso. Seu senso norte-americano de ter direito a tudo – não, talvez isso não fosse verdadeiramente justo, talvez se tratasse de seu senso norte-americano de otimismo, de desenvoltura com as coisas boas da vida – finalmente o havia contagiado. Agora Sorab desfrutava de suas posses. Dizia a si mesmo, repetidamente, que dava um duro desgraçado pelo que possuía – não recebera nada de graça. Lembrava a si mesmo que tinha chegado a esse país com seiscentos dólares no bolso. Tudo o que ele possuía, tudo – automóvel, aparelho de som, divã, louça, casa – tivera que ser conquistado com o trabalho. (p. 181)

Com o auxílio de Susan, ele passa a reconhecer seu direito a tudo e não se sente mais um rato, mas um batalhador. Sozinho, provavelmente não conseguiria ter a visão americana da vida. A esposa é fundamental no processo, pois é uma norte-americana nata e está perfeitamente à vontade com o modo de vida vigente. Ao contrário de Sorab, não precisa provar nada a ninguém, tampouco precisa mudar para agradar à sociedade, pois está em casa, numa situação muito confortável, a ponto, inclusive, de ter uma mudança de comportamento sem ser julgada.

De repente, ocorrera uma ideia a Tehmina: Susan estava ficando mais parecida com todos eles. Mais emotiva, mais sentimental, mais... bem, mais parse. Menos norte-americana. Menos branca. Era como se a influência que Sorab exercia nela começasse finalmente a aparecer. Tehmina reprimira uma idéia envaidecida: eram a influência dela, sua dedicação ao filho, suas

manifestações francas de afeto por Cookie que estavam modificando Susan, tornando-a menos irritadiça, mais flexível. (p. 249)

Quando constata que Sorab se modificou, Tehmina fica desapontada, mas ao perceber a mudança da nora fica satisfeita. Susan é tão segura, que pode transitar de um estado a outro sem despertar críticas, mas elogios, uma vez que as mudanças são maduras e, portanto, para melhor. Aí vem novamente aquela ideia da sociedade madura, que supostamente faz escolhas mais acertadas; e a sociedade incipiente, que se equivoca durante o exercício de escolhas. Também está implícita a ideia presente no discurso orientalista de que o oriental é uma forma estática e constante, sem mudanças, e, portanto, sem identidade, em comparação com o ocidental, sempre em movimento evolutivo.

E nessa deseja ver o marido. Quer que ele tenha confiança e não deixe ninguém dizer ou insinuar o contrário, quer que ele seja um indivíduo maduro e seguro de quem é.

- Eu lhe digo o que você deve reconsiderar. Você deve reconsiderar se quer continuar trabalhando para aquela babaca da sua chefe. Essa mulher está infernizando a sua vida, Sorab. Talvez seja hora de procurar outro emprego. [...]
- Bons empregos não dão em árvores, meu bem. Só as opções de compra de ações que eu tenho nesse emprego...
- Danem-se as opções de compra de ações! [...] Quer dizer, você nunca precisou nem ao menos procurar emprego, meu bem. É só espalhar por aí que está interessado em outra coisa, e eles virão procurá-lo. [...]
- E já não sou tão moço quanto antes, Susan. E agora temos que pensar no Cookie.
- Eu estou pensando no Cookie. E o que o Cookie merece é um pai que esteja satisfeito no emprego, que ande com a cabeça erguida. [...] E quanto a não ser tão jovem, você tem o quê: cento e quatro anos? Cinquenta e quatro? Você tem trinta e oito anos, elo amor de Deus! Seu pai foi fazer escaladas na Argentina quando estava na casa dos cinquenta.
- Meu pai era um rei. Não faço parte da turma dele, receio.
- Conversa mole. Você é um homem igualzinho a se pai. Eu sei disso, e vou lhe dizer uma coisa: o seu pai também sabia. E se orgulhava muito de você. (p. 70-71)

Susan agrega várias características muito próprias do cidadão tipicamente americano, que trabalha muito e tem pouco tempo para desfrutar da casa e da

família; que vive obcecado por leis, processos – como já foi exemplificado em outros momentos –; que sofre de TOC e assim por diante. Sua obsessão por limpeza é marcante, o que chega a provocar constrangimento com a sogra e o próprio marido. É uma atitude bem característica de quem vive num mundo gelado, sem cor, sem cheiro, artificial, totalmente forjado pelo ser humano, bem diferente da Índia.

Talvez suas mãos estivessem trêmulas de cansaço, ou talvez fosse por ela ter bebido duas taças de vinho, mas, qualquer que tivesse sido a razão, alguns grãos de arroz haviam caído de seu prato no tapete da sala, quando ela se sentara no sofá com o prato equilibrado no colo. E Susan se levantara no mesmo instante – Tehmina havia percebido os lábios da nora ficando tensos e apertados de desaprovação – e trouxera o aspirador portátil. (p. 33)

Sei que você não entende minha necessidade de um banheiro limpo e uma casa arrumada. (p. 69)

Tehmina ficou com as mãos tão trêmulas, ao ver seu retrato no jornal, que derramou chá na toalha vermelha e dourada. Ouviu Susan abafar um suspiro, antes de se levantar para buscar toalhas de papel. (p. 234)

Em mais esse aspecto é a nora de Tehmina quem introduz os estrangeiros na realidade presente. Além do seu otimismo e segurança, ela traz à vida dos indianos essa rotina de paredes pintadas, superfícies sem pó, banheiros impecáveis que tanto contrasta com a realidade de Bombaim tão conhecida de Tehmina e Sorab.

Através de palavras de Susan também nos chegam comentários generalizantes a respeito dos indianos, como se todos fossem um rebanho de vacas malhadas andando para o mesmo lado e mugindo da mesma maneira e ao mesmo tempo.

E, nesse momento, eles ouviram. E viram. Vários outros passageiros também haviam desembarcado do trem e parado ao longo da plataforma, com garrafinhas plásticas de água. E estavam escovando os dentes, cuspidando e escarrando nos trilhos. Ao que parecia, todo o mundo gargarejava furiosamente e escarrava com ferocidade. Era como se Tehmina houvesse gerado uma porção de discípulos.

Caramba!, dissera Susan, com uma espécie de assombro na voz. Não é só a sua mãe. É a Índia inteira!

Sorab se irritara, como fazia sempre que ela tecia um comentário generalizado sobre tudo o que era indiano.

Por favor, Susan, não exagere. Não é a Índia inteira. São apenas algumas... algumas pessoas rudes.

[...]

Putz! Esse é um autêntico, um perfeito traço nacional. Não negue, meu

bem. Cruz credo! Um país inteiro em que as pessoas fazem amor quietinhas feito camundongos, mas gargarejam e pigarreiam feito tigres selvagens! Um país em que não se pode andar de mãos dadas com o próprio marido na rua, sem ser alvo de olhares severos, mas onde é possível praticar os rituais mais íntimos em público. (p. 176)

Edward Said, em *Orientalismo*, utiliza uma imagem bem interessante para falar do que Susan faz aqui. É como se ela estivesse colocando uma porção de amendoins num pote e sacudindo-os, para misturá-los. Ela define o comportamento indiano, tomando como parâmetro um pequeno grupo. Também faz um julgamento do que é íntimo, levando em conta o que é intimidade no seu ponto-de-vista. Para ela, escovar os dentes é uma prática mais particular do que a intimidade de um casal. Mas ela não consegue perceber que para outras pessoas, em diferentes partes do mundo, as coisas possam ser diferentes; afinal, ela não está nos Estados Unidos e não pode querer moldar as pessoas de acordo com sua forma.

Da união da americana bem resolvida com o indiano em busca por pertença nos Estados Unidos, não se poderia ter outra personagem que não fosse o *amerindiano* Cavas. O termo usado para o mestiço com ascendência americana e indiana é indoamericano, mas, como Cavas mostra-se mais americano do que indiano, preferindo, inclusive, ser chamado pelo apelido Cookie – a palavra em inglês para biscoito – cabe bem essa inversão.

E Cookie era mais volátil, muito mais franco e emotivo do que Sorab jamais fora. O filho dela tinha sido um perfeito menino indiano boninho, ao asso que seu neto era muito... qual era a palavra?... muito americano. Sim, essa era a melhor palavra para descrever Cavas. Tehmina nunca se sentia tão dolorosamente, tão excruciantemente indiana quanto ao se encontrar perto dele. (p. 81)

O menino é americano legalmente, mas é “meio-sangue”. No entanto, rejeita suas raízes indianas, provavelmente por estar cercado por elementos que não estimulam sua admiração por sua porção oriental. Em casa, não tem exemplos que o levem a valorizar e cultivar o seu lado indiano, já que a mãe é americana e o pai foi transformado pelos EUA.

– Meu nome não é Cavas – cantarolou. – É Cookie. E não use palavras em

gujarati quando falar comigo. Sou um menino americano e só entendo inglês.

– *Arre wah*, ah, bom! Seu papai é indiano, portanto você também é meio indiano. Nunca esqueça disso, *deekra*, meu querido.

O sorriso no rosto de Cavas transformou-se num cenho franzido.

– Não, não sou – disse ele, batendo os pés. – Os indianos são velhos e falam esquisito. A mamãe diz que sou um menino americano típico. (p. 78)

E ele é realmente um típico menino americano, que desde pequeno sabe dos seus direitos como cidadão e o que fazer para garanti-los.

– Você fez o quê? – exclamou Tehmina, incrédula.

– Liguei para a polícia – repetiu Cookie. Depois, olhando para o rosto horrorizado da avó, explicou: – É o que eles ensinam a gente a fazer na escola, quando um adulto bate numa criança. (p. 211)

Rustom é a flexibilidade, a prova de que nem todos os indianos são iguais, sendo injusto fazer generalizações a respeito de um povo, olhando apenas para uma parte do todo. É um homem perfeitamente adaptável a qualquer circunstância. Na narrativa há diferentes personagens, representando ideias distintas, mas todos presos a algum tipo de norma comportamental, o qual os incapacita à adaptação a novas realidades. Rustom não se deixa dominar por convenções e ideias preconcebidas do que deve ser um homem indiano. Por ser assim, tem capacidade de adaptação. Não se vendo obrigado a ser indiano ou americano, mas um homem, ele age naturalmente em qualquer lugar e fica “perfeitamente à vontade dentro da própria pele.”(p. 144)

Com que facilidade Rustom se adaptara à vida nos Estados Unidos! Cortava a grama com Cavas a correr atrás dele, cultivava a horta ao lado de Susan, saía com Tehmina para comprar mantimentos e enchia o carrinho, sem a menor cerimônia, com produtos tirados das prateleiras abarrotadas, como se tivesse feito isso a vida inteira. Ora, Rustom havia até dirigido nos Estados Unidos – o que era motivo de grande orgulho para seu filho. E dirigia do lado direito da rua, apesar de haver dirigido do lado “errado” (como dizia Susan) durante todos os anos vividos na Índia. E, para grande assombro de Tehmina, Rustom nunca dera sequer uma guinada para a pista errada. (p.81)

Note-se que Rustom circula por todos os lugares, na companhia de diferentes

personagens, ficando muito à vontade com tudo e todos e sem errar o caminho. E como é possível a ele ter essa facilidade que os outros não encontram? É que não faz diferença para ele estar na Índia ou nos Estados Unidos; com americanos ou indianos. Importa estar com a família, seja onde for, como for e compartilhar com ela todos os momentos da vida, pois não se sabe qual a sua duração. Importam para ele os seres humanos e não suas “roupas”, o que vai de encontro ao discurso orientalista, que se preocupa com o ser oriental ou ocidental e não com as pessoas.

– Por que essa cara tão amarrada, querida?, perguntara o marido ao cruzar a porta.

– O Sorab telefonou. Ele... ele vai se casar. Nos Estados Unidos. Com uma norte-americana branca. Susan é seu nome. E disse que quer que vamos ao casamento.

As lágrimas lhe haviam descido pelo rosto, e Tehmina não fizera nenhuma tentativa de contê-las.

Tinha havido uma leve pausa. Em seguida, Rustom dissera:

– Bem, é melhor pedirmos logo os vistos. Você sabe como isso pode demorar.

Ao ver a expressão atônita da mulher, ele franzira o cenho:

– Espero que as suas lágrimas sejam de alegria, Tehmi. Porque é uma ocasião feliz. O nosso Sorab vai se casar. (p. 195)

A preocupação em desfrutar momentos com pessoas queridas e não com nacionalidades é um traço que faz de Rustom um “tapa de luvas de pelica” no rosto das outras personagens e um grande aprendizado de convivência. Enquanto a preocupação de Tehmina reside no fato de Sorab se casar com uma americana nos Estados Unidos, a dele só leva em conta a felicidade do filho. Ele é admirado por todos; é agradável estar com ele justamente porque sabe aceitar e respeitar a diferença sem a necessidade de se modificar para fazer parte de um ou outro grupo. O único momento em que faz alguma crítica ao comportamento de alguém é quando percebe que o filho não é mais o mesmo porque a vida americana o trouxe.

Sendo um homem desprendido de convenções, ele se desgarrava das generalizações. Aquela afirmação de que todo o homem indiano é machista e tem na esposa uma escrava sua e de sua mãe não é verdade quando se trata de Rustom.

Logo que os dois se casaram, ela havia insistido em passar a ferro as camisetas finas para ele, até Rustom fincar pé e lhe dizer que se casara

com ela por amor e para ter sua companhia, e que, se quisesse alguém para lavar e passar sua roupa, teria casado com seu *dhobi*, que trabalhava exatamente para cuidar do vestuário alheio. [...] E seu senso de justiça, sua indignação moral diante do status inferior das mulheres, transformava-o num objeto de sátiras bem-humoradas por parte de seus amigos, e fazia de Tehmina um objeto de inveja murmurada das mulheres deles. (p. 101)

– Por que você não criou seu filho desse jeito? Por que ensinou o Sorab a cozinhar, a fazer a limpeza e todas as outras coisas que nenhum dos amigos indianos dele sonharia fazer?

– Isso foi obra do pai dele – veio a resposta imediata. (p. 136)

Para ele, homens e mulheres têm a mesma importância; americanos e indianos podem viver em harmonia; Estados Unidos ou Índia são apenas lugares diferentes. Ele também é uma prova de que quando se fala em seres humanos não é possível generalizar, pois aquele estereótipo do selvagem, conservador, sexista, não encontra correspondência nele. Então, se existe um Rustom, é muito provável que existam outros. Bombaim é grande; a Índia, maior ainda; portanto não se pode discordar que há uma variabilidade bem grande de formas de pensar e de comportar-se, umas bem limitadas e outras não. Dizer que todo o indiano é tacanho não descreve a verdade, em primeiro lugar, porque não é muito provável que qualquer um que afirme isso conheça de fato os mais de um bilhão de habitantes da Índia; em segundo lugar, porque a definição do que é ou não tacanho depende do ponto-de-vista de quem faz tal afirmação e ninguém é a palmatória do mundo para ter o poder de rotular determinadas regiões do planeta.

Além de ser contraponto a generalizações, Rustom também se converte em uma chave para a convivência pacífica entre pessoas de etnias diferentes. Como já foi comentado, ele convive bem com as pessoas, seja onde for, não importando se são homens, mulheres, judeus, americanos ou indianos. Ele não se debate com as mesmas questões da “fora-do-lugar” Tehmina, do ávido por pertença Sorab, da americana dona do território Susan ou do indo-americano em negação da porção indiana Cavas-Cookie. Tehmina se vê em desconforto por estar em um país que, tanto geograficamente como comportamentalmente, é diferente do seu. Sorab tem a certeza de que, para efetivamente, pertencer ao lugar que escolheu para chamar de lar, precisa deixar de ser o indiano que realmente é. Susan deseja que os estrangeiros de sua família sejam como ela, pois é o meio de vida correto, afinal é o

americano. Cavas renega sua porção indiana porque o que diz respeito a ela não é tão atraente quanto o que conhece da América.

Rustom passa longe de tudo isso e mesmo assim é uma unanimidade entre eles: é admirável. Sua presença, mesmo após a morte, é muito forte para cada um deles nas lembranças de momentos e fatos marcantes de suas vidas, dos quais fez parte. Ele chega a ser visto por Tehmina e a conversar com ela, como um tipo de consciência. Seu afastamento só ocorre quando a esposa decide passar por cima de todos os preconceitos dela contra os americanos, bem como dos deles por ela, e decide permanecer nos Estados Unidos com a família; quando Susan consegue aceitar as diferenças e valorizar suas qualidades; quando Sorab reconhece seu valor sem sentir-se inferior; quando Cavas reconhece que a presença daquela velha indiana na sua vida é importante. Significa dizer que ele só parte, quando sua filosofia de vida começa a tornar-se a de seus familiares também, fazendo com que todos exerçam um pouco de tolerância, pelo menos, consigo e com os outros. Ele é a chave e ele abre a porta do bem conviver para os Sethna e a sua portadora é Tehmina, pois a sua presença ali é que efetiva a mudança e proporciona a percepção de que o mundo poder não ser um lugar doce o tempo todo, mas que pode ser adoçado aos poucos para que a vida não seja intragável.

3.2 O TAMANHO (ÀS VEZES EXÍGUO) DO CÉU

O *tamanho do céu* possui um prólogo, que nos introduz à situação atual de Frank e Ellie. Nessa introdução ficamos sabendo que se trata de um casal, casado há onze anos, cujo filho havia morrido há apenas quatro meses quando se mudaram para Girbaug na Índia, devido à transferência de Frank para lá.

O leitor toma conhecimento de que a vida conjugal dos dois ficara muito abalada após a morte do menino, devido ao fato de o marido culpar a esposa pelo ocorrido e pelo vazio que se instalara em suas vidas, desde que a razão de viverem partira. A concordância em aceitar a proposta de trabalho no Oriente fora vista por Ellie, principalmente, como uma oportunidade de recomeço, longe de tudo e de

todos que pudessem lembrar sua tragédia. Frank, anestesiado pela dor, nem pensara muito e fora pela decisão da mulher.

A partir daí, há uma divisão em quatro partes designadas: Livro Um, Livro Dois, Livro Três e Livro Quatro, sendo ao todo trinta e sete capítulos. O Livro Um narra fatos ocorridos na primavera de 2007 em Girbaug. A mudança para a Índia ocorrera há um ano, e a relação do casal continuava rachada. Brigas eram comuns, principalmente quando Ramesh era colocado em discussão. Ramesh era o filho dos caseiros de onde moravam. Era um menino muito esperto, que havia despertado em Frank um interesse obsessivo, como se quisesse colocá-lo no lugar do filho morto. A família do garoto, a mãe Edna e o pai Prakash, posicionavam-se diferentemente quanto à atenção excessiva do patrão. Edna achava que era uma chance de o filho ter oportunidades que eles não poderiam proporcionar. Prakash era totalmente contra e considerava a relação do filho com o patrão nociva, pois em sua avaliação Frank estava tentando roubar ou comprar o amor de Ramesh com “coisas de americanos”. Além do menino, nada mais agradava a Frank naquela terra. Ellie, por outro lado, sentira-se em casa desde o princípio e fizera da Índia seu novo lar; fizera amigos e fazia trabalho voluntário.

O Livro Dois volta no tempo e vai até 1993, em Michigan. É uma parte mais leve da narrativa por contar a história de amor de Frank e Ellie. O clima pesa novamente com o Livro Três, que nos dá detalhes sobre a morte de Benny, o filho do casal, e a conseqüente deterioração do casamento no verão de 2005, também em Michigan. A perda havia sido devastadora para os dois, mas, ao contrário de Ellie que tentava continuar seu caminho, Frank cultivava a dor, buscando culpados para a desgraça. E a culpada era a esposa, que cochilara quando o filho estava com febre e não percebera sua piora de imediato. Apesar de os médicos dizerem que minutos não fariam a mínima diferença, uma vez que a meningite havia agido muito rápido e de maneira irreversível, aquilo era imperdoável. E a convivência, intolerável, apesar do amor.

O Livro Quatro finaliza a história e narra eventos ocorridos no outono e no inverno de 2007 em Girbaug. Nesse ponto da história, a obsessão de Frank por Ramesh atinge um nível apavorante e a resistência de Prakash também. Os dois disputam o menino de forma feroz. Frank quer, de qualquer forma, levar Ramesh

para a América para dar a ele um futuro “civilizado”, não importando que ele já tenha uma família. O americano passa dos limites e provoca mais uma tragédia em sua vida. Tentando tirar o caseiro de seu caminho, contrata um matador para eliminá-lo. No dia marcado, viaja para Bombaim levando Ramesh consigo com o pretexto de mostrar-lhe a cidade e certifica-se de que Ellie também estará fora de casa. Durante a madrugada, recebe um telefonema contando dos crimes ocorridos na casa do empregado, mas a voz ao telefone é do próprio Prakash. Quem havia morrido, então? Ellie e Edna. A esposa havia ficado em casa e atendendo ao chamado de socorro da empregada, que se sentia mal fora assisti-la. O assassino surpreendera as duas mulheres no casebre e as matara. Frank, sem mais nada nesse mundo, volta para os EUA.

Assim como em *A doçura do mundo*, em *O tamanho do céu* há personagens representativas de diferentes posturas assumidas por pessoas de etnias diversas quando postas em contato. A diferença aqui é o deslocamento, que se dá dos Estados Unidos para a Índia. Agora americanos saem de seu território para viver entre indianos: o casal Frank e Ellie.

Frank encarna o discurso imperialista, que considera o oriental um ser inferior, carente de mentes evoluídas para educá-lo e orientá-lo no uso de seu território e riquezas. Também está impregnado de orientalismo, o que o leva a ter a certeza de que sabe tudo sobre o oriental, nesse caso o indiano. E nesse saber tudo estão qualificações do tipo: incivilizado, ignorante, depravado, atrasado; porém, exótico e, nesse sentido, atraente. E é com essa imagem de paraíso perdido em mente que ele parte para a Índia com a esposa.

É claro que ele sabia sobre a nova Índia, a desregulada e globalizada Índia da qual todo mundo estava falando maravilhas. O mercado de ações em expansão. As transações de um bilhão de dólares. Os serviços de atendimento telefônico aos clientes, os *campi* bem cuidados do IT. Mas ele se deixou levar pelo sonho da velha Índia, que ele acreditava ser o verdadeiro país. “Índia”, pensou ele. “Elefantes. Vacas nas ruas. Encantadores de serpentes.” (UMRIGAR, Thrity. **O tamanho do céu**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2009. p. 11)⁵⁰

Mesmo reconhecendo que o país está em franco crescimento, há uma ponta

50 Todas as citações deste subcapítulo foram retiradas da mesma edição de *O tamanho do céu*.

de descrédito, pois o classifica como desregulado. Para ele, o desenvolvimento não combina com a Índia e ela sempre será aquele país primitivo, em que há animais nas ruas convivendo com as pessoas, o que até é um charme turístico. É um conhecimento muito raso do país para o qual está de mudança, pois tudo o que sabe a respeito vem de informações da TV ou jornais e de um filme de Bollywood.

Enquanto estava na faculdade, ele e Pete haviam certa vez alugado um filme de Bollywood, curiosos sobre o que afinal era tudo aquilo. Eles tinham rido à beça dos diálogos melosos, dos gestos exagerados, do vilão caricato, da reconciliação melodramática entre mãe e filho e, é claro, dos intermináveis números musicais. Mas depois de morar na Índia, nada disso parecia tão exagerado ou irreal quanto antes. Cada família, cada lar na Índia parecia ter sua própria saga de melodrama e corações partidos. (p. 137)

E, além disso, Frank sabia como os indianos eram problemáticos em relação ao sexo, estando consciente da peculiar condição de recato feminino e opressão masculina que era a marca registrada dos filmes de Bollywood e, pelo que constava, da própria cultura indiana. (p. 143)

Além de ter um conhecimento raso acerca da Índia, tem também uma posição prepotente e desdenhosa com relação ao país. Primeiramente por achar que conhece o necessário sobre ele; em segundo lugar por debochar da vida indiana. O deboche está no fato de receber o filme bollywoodiano como piada e avaliar que as pessoas dali vivem exatamente como as personagens cinematográficas.

Todavia a realidade que encontra por lá é bem diferente. Ele não presencia de fato todo o desenvolvimento tão comentado, tampouco convive com personagens em situações melodramáticas, e a ilusão de que aquele paraíso edênico pudesse trazer paz a seu coração tão machucado pela perda do filho amado desaparece muito rápido. O que resta são os elefantes, as vacas e os encantadores de serpentes sem a aura de exotismo, mas de um “país caótico que o confundia e repelia.” (p. 23) A Índia com a qual tem contato é uma Índia estressante, na qual tem que lidar com “a assombrosa burocracia indiana, com as exigências rabugentas e imprevisíveis dos trabalhadores, com o descaso costumeiro dos fornecedores em relação a prazos.” (p. 253) Mas, seria a burocracia tão assombrosa assim? Seriam as exigências dos trabalhadores realmente rabugentas e imprevisíveis? Seriam os fornecedores tão descomprometidos com prazos? Ou seria Frank intolerante com tudo o que acontecia em Girbaug?

Burocracia existe em qualquer lugar; trabalhadores reivindicam e parecem rabugentos e imprevisíveis a qualquer patrão; prazos desrespeitados não são uma exclusividade indiana. Na verdade, Frank é que está desconfortável naquele lugar. Ele tinha uma certa carga de expectativas que não foram contempladas; a Índia não teve o poder de acabar com sua tristeza e frustração com a morte do filho, então ela não serve mais. O que ele não percebe é que o seu problema não está em uma terra ou outra, mas dentro dele. Ele pode ir para a Rússia, Japão, Nepal ou voltar para os Estados Unidos; seu problema não terá solução enquanto não for resolvido com ele mesmo.

Como as coisas não caminham da maneira como espera, os piores sentimentos com relação à Índia são despertados. Todo o pensamento preconcebido que tem a respeito da cultura e dos hábitos indianos como sendo inferiores aos seus ganham vulto, e tudo o que o cerca passa a incomodá-lo.

Gulab tirou um lenço branco do bolso de sua calça jeans e deliberadamente limpou o bocal do telefone antes de colocá-lo no gancho. “Que hábito indiano mais estúpido”, pensou Frank. “Ele só está mudando os germes de lugar.”(p. 40)

A maioria dos indianos que conhecia era direta como um soco na boca ou bajuladora como ninguém. Mas o servilismo deles apenas o fazia se sentir indiferente e distante. (p. 40)

– Dá pra acreditar nisso, Ellie? – gritara Frank. – Até o supervisor agia como um desorientado, como se nunca tivesse ouvido falar em *concerto* na vida dele. Esse pessoal não tem a menor ideia do que são prazos de cumprimento de obrigações. Meu Deus, que país! (p. 57)

Era uma típica característica indiana – vasculhar sua vida sem dó nem piedade e depois mostrar-se insuportável e prepotentemente superior. Como se eles soubessem mais da vida do que você. (p. 257)

Frank sentiu o estômago embrulhar. “Um típico hábito indiano”, pensou. “Sempre falando mais do que devem. Isso quando não são inescrutáveis, claro.” (p. 263)

– Acho que vou mandar os presentes pelo correio – disse ela. – Espero que eles cheguem lá na hora certa.

– Ou que simplesmente cheguem – disse ele. – Contanto que nenhum carteiro espertinho os roube. É um problema comum aqui. (p. 279)

“Por que raios ele estava tão tranquilo quanto a isso?” Como se ele, Frank, não soubesse que a droga do país inteiro era uma fossa de corrupção. (p. 319)

O primeiro comentário de Frank não procede pelo fato de não se tratar de um costume indiano em especial. Muitas pessoas de outras partes do mundo fazem isso, por exemplo, no Brasil. Quantas vezes se veem pessoas que limpam o bocal do telefone nos orelhões antes ou depois de fazerem uma chamada. Nota-se também o quão incomodado fica com o servilismo indiano, o que é uma contradição na medida em que já reclamou das reivindicações dos trabalhadores: se eles falam ele se desagrada, se calam e servem, também. Da mesma forma fala de costumes e características tipicamente indianos, como o falar demais e o bisbilhotar da vida alheia, dando a entender que só na Índia isso acontece. Carteiros roubando também não são figuras raras e específicas de lá; há relatos de violação de correspondência por seus entregadores provenientes de várias partes do mundo, então não é um acontecimento próprio de lá.

É uma grande sucessão de generalizações tendo como base eventos isolados, nos quais há algo que não o agrada. Corrupção, fofoca, atrasos, rebeldia, roubo são coisas típicas não de indianos, mas de humanos; não de todos, mas de uma parcela deles. Portanto dizer que todo o indiano é fofoqueiro, inerte, descomprometido, ladrão, corrupto não corresponde à verdade. Frank, infelizmente, acaba tendo contato com esse tipo de pessoa, mas isso não o autoriza a afirmar categoricamente que não há pessoas indianas de valor. Talvez nos Estados Unidos essas coisas não o incomodassem tanto por não estar contrariado, por estar em casa, à vontade, entre os seus. Todavia na Índia, com o coração e os sonhos destruídos, tudo é motivo de irritação, que, aliada a todo um arsenal de ideias preconceituosas a respeito de orientais, torna a vida e o relacionamento com eles insustentáveis. A intenção motivadora da mudança do Ocidente para o Oriente era a reabilitação, “em vez disso, ela tinha feito de Frank um homem cínico e amargo”. (p. 60)

Com olhar negativo sobre tudo o que se refere à Índia, é claro que os aspectos positivos dos Estados Unidos, bem como qualquer referência ao país, são exaltados numa ânsia de provar que realmente se trata do mundo ideal, daquele que se quer conquistar, daquele de que se tem saudade.

Frank se lembrava de quando lera pela primeira vez sobre o escândalo de Abu Ghraib. Sentira-se enojado. Nós não somos assim. “Isso não é o que os

americanos fazem”, pensou. (p. 44)

– Sinto saudades de casa – deixou escapar Frank. – Sinto falta, sabe, da vida nos Estados Unidos. (p. 100)

Frank estava prestes a voltar-se para Ellie para perguntar se deviam retornar à tenda quando ouviram uma voz nítida como vidro cantando palavras tão familiares quanto o nome de um ente amado. “*Oh, say you can see?*”, cantava a voz, e eles viraram a cabeça para ver um jovem esguio, de não mais que dezoito anos, vestido formalmente com uma camisa de linho branco e calça escura, caminhando rumo ao local onde estava o embaixador, separando a multidão com clareza de sua voz, com sinceridade em seu rosto. Rapidamente, a multidão entrou na cantoria, cantando as palavras com tom grave, cuidadosas para não apagar a doce chama daquela única voz. Frank percebeu sua coluna se alinhar, sentiu arrepios nos braços. Sua mão direita automaticamente encontrou o caminho de seu coração. [...] E em seu trecho predileto – aquele em o hino dava uma deliciosa reviravolta e tornava-se um poema e uma oração, aquele momento nostálgico e melancólico que enunciava a pergunta apropriada para aqueles tempos: “*Oh, say does that star-spangled banner yet wave?*” – ele voltou-se para Ellie, esposa e compatriota, com o coração ardendo de amor pelo seu país e por todas as pessoas ali reunidas. (p. 157-158)

Esse menino está destinado a coisas maiores”, pensou ele sonhando acordado. “Esse menino está destinado aos Estados Unidos. (p. 287)

– Ouça, Gulab – disse ele. – Isso... o que estou fazendo... vai contra tudo o que eu conheço e acredito. Você entende? Eu... nós, americanos, acreditamos na santidade da vida. Fui criado com “não matarás”. (p. 344)

Os Estados Unidos, em comparação com a Índia ou qualquer outra localidade do planeta, são um solo que produz frutos bons, isto é, as pessoas nascidas e criadas naquela terra são de boa índole e não agem com crueldade. Nesse ponto, está generalizando novamente, pois fala de “nós americanos”, ou seja, todos os americanos. Ao contrário de todos os indianos, todos os americanos valem a pena porque têm princípios. Por ser um berço tão rico em virtudes, o que se pode pensar a respeito é que se trata de um local elevado, com oportunidades a oferecer não possíveis em qualquer outro; em suma, algo maior a ser almejado e merecido por pessoas especiais. Como, então, é possível manter-se longe de casa? A saudade aperta o coração, e, em razão disso, o patriotismo se exacerba. O som do hino, o tremular da bandeira despertam sentimentos e atitudes, até mesmo involuntárias, apenas compreendidos e compartilhados pelos americanos deslumbrados com a grandeza de seu país.

Impulsionado pela visão degradada da Índia e pela glorificação dos Estados

Unidos, Frank assume definitivamente a sua porção imperialista com toda a violência que ela pode ter. O domínio sobre os menos providos de discernimento é concebido como necessário para que eles aprendam a bem utilizar o que é seu.

– Ah, deixa pra lá – disse Frank quase para si mesmo. – Você não fala nada de inglês, não é? (p. 95)

Ela parecia alguém com quem poderia conversar, alguém com uma educação mais ocidentalizada. (p. 256)

– O fato é que essas pessoas não assumiram nenhum projeto de reflorestamento. Eles teriam desfolhado essas árvores em algumas gerações. Nós vamos, na verdade, protegê-los plantando novas árvores. (p. 260)

Durante meses, havia acreditado na história que tecera para si mesmo, uma história em que ele salvava o menino do próprio destino, colhendo-o como uma flor e replantando-o num solo fértil, onde pudesse florescer. (p. 265)

Frank desdenha da capacidade e do conhecimento dos indianos, ao passo que demonstra desinformação com relação a eles. Ele certamente desconhece ou não se lembra – por não dar importância a fatos históricos que não sejam americanos – de que a Índia foi colônia inglesa e que, portanto, há falantes de língua inglesa no país. Não só há falantes de língua inglesa, como pessoas alfabetizadas e instruídas segundo preceitos ingleses de educação e cultura, ou seja, falar inglês não é nenhuma proeza digna de superdotados. Mas como conhece *tudo* sobre os indianos – e esse tudo inclui sua incapacidade de falar uma língua civilizada, pois apenas ocidentais fazem isso –, é capaz de saber, sem que ninguém o informe, quais são suas capacidades e habilidades intelectuais. É uma atitude bem típica do orientalista, que julga tudo saber sobre o outro, quando na verdade ignora.

Com a justificativa imperialista de que os indianos não estão aptos a cuidar de si mesmos, tampouco das riquezas que possuem, ele então parte para o cumprimento do seu papel. Sua tarefa inicia na empresa em que trabalha. A HerbalSolutions, sob sua coordenação, instala-se em Girbaug e passa a explorar com exclusividade árvores que sempre forneceram sustento e remédio para a população. Um produto da terra, que sempre curou aqueles orientais, agora vai curar quem realmente merece: os ocidentais. E a explicação para tal abuso é a de

que aquelas pessoas não sabem cuidar daqueles bens e acabarão com eles com o tempo. Durante gerações eles têm utilizado os benefícios da natureza sem destruí-la, agora é necessário que alguém de fora os ensine a lidar com ela? Na verdade, sabe-se que o contrário acontece. O imperialista coloniza, explora e, quando não há mais nada que o beneficie, vai embora.

Imbuído da missão salvadora, parte para um campo bem mais ousado. Agora a riqueza que deseja proteger da ignorância indiana é humana. Trata-se de Ramesh, o filho de seu caseiro Prakash. O menino é tão inteligente, curioso, articulado, mas tem pais pobres e simplórios, além de viver em uma terra sem perspectivas. É muito desperdício deixar aquela joia nas mãos de quem não sabe valorizá-la, então ele tem de tirá-la dali o mais rápido possível, antes que ela seja destruída. Para isso, a única solução é ocidentalizá-la.

Não contrariando as experiências imperialistas, nesses dois momentos há mortos e feridos dos dois lados. É muita violência tentar impor a um grupo organizado socialmente outras regras que não sejam as suas porque sua cultura é considerada inferior. É uma humilhação sem precedentes, é roubo de orgulho, autoestima e bens materiais também, e isso mexe com os brios daquele que está na posição subjugada.

O resultado é desastroso, pois o que acaba acontecendo é a aniquilação do lado mais fraco, que perde o que tinha no princípio da contenda e, como a relação é problemática, não obtém mudanças positivas. Frank chega pensando em obter algo da Índia, age como imperialista, faz seus estragos e, quando vê que nada mais pode sugar, quando a estratégia falha, volta para casa. Ele perde Ellie, o que lhe resta da família, ou seja, parte do tesouro particular que ainda possuía, e esse abalo o leva a recuar e desistir de Ramesh, pois percebe que está perdendo mais do que ganhando. Ele fica sem a esposa, sem Ramesh, sem nada, mas deixa sua marca de devastação por onde passa: a morte de Edna.

Em sua incursão imperialista na Índia, Frank encontra resistência de dois tipos: uma que entra em combate efetivo com ele e outra que fica somente nas palavras. São posições bem pontuais contra a instalação e tomada de posse pelo ocidental, mas uma vem de quem está virtualmente sofrendo e tentando manter seu espaço; a outra, de quem está assistindo a tudo e não reage efetivamente, apenas

no discurso. Essa resistência aparece em duas personagens: Prakash e Nandita.

Prakash é caseiro e serviçal da casa de Frank, e Nandita é amiga sua e de Ellie, sua esposa. O primeiro é o indiano que está na posição de total inferioridade aos olhos do americano, pois é da classe social baixa, não tem estudo, é uma pessoa rude. No entanto, ele tem uma riqueza que Frank não tem, mas que deseja muito: um filho. E é em defesa do direito sobre o filho e contra a prepotência do americano que Prakash se insurge. Ele vê os americanos como intrometidos que têm de estar sempre “cuidando” dos problemas alheios. Como ele mesmo frisa ao relembrar palavras de um colega, os *goras*, os brandos metem tanto o nariz na vida dos outros, que é um milagre ainda estarem presos em seus rostos. (p. 50) Eles chegam, instalam-se e tomam conta de tudo, sua terra, suas árvores, seus filhos, e ainda querem dizer aos nativos como se comportar, como viver. Querem implantar sua cultura, seu modo de vida, à força, onde eles não se encaixam. O seu entendimento da situação não considera haver nada de construtivo na presença americana em Girbaug, apenas destruição; e ele não pode permitir que isso continue.

“Você vê como os Estados Unidos estão assassinando aqueles iraquianos? *Arre, bhai*, meu irmão, eles não vão descansar enquanto não fizerem o mesmo com a gente.”

O funeral o fez odiar Frank. Ao voltar para casa, disse a Edna:

– Eu não quero mais que o nosso Ramu vá à casa deles para essa coisa de estudar. Você está vendo agora quem são essas pessoas. (p. 52)

Além de toda a prevenção contra a “invasão” americana personalizada por Frank e as coisas que ela vem tomando deles, os métodos utilizados para isso não são totalmente reprovados por ele. Com os funcionários da fábrica, usam de violência para apossarem-se dos girbais; com ele, Frank utiliza-se do poder econômico para tentar “comprar” o amor e a atenção de Ramesh.

Se ao menos tivesse os meios de fazer o garoto sorrir do jeito que o *gora*, o branco, parecia ser capaz de fazer sem esforço... Algumas semanas antes Frank havia batido na porta deles já tarde da noite e presenteando Ramesh com uma bola de basquete novinha em folha. Isto depois de Prakash ter passado uma hora colocando um remendo de borracha na bola velha, o que a fizera ficar como nova. Exibido. Sempre comprando o seu Ramu com presentes. (p. 53)

O que ela e Frank poderiam prover a Ramesh sem o menor sacrifício, com um mero estalar de dedos, só poderia ser feito por Prakash e Edna com uma vida de dificuldades, economias e problemas. Uma viagem a Bombaim era o mínimo que poderiam fazer. (p. 120)

A sedução ao menino é gradual; começa com ajuda nos estudos, seguida de presentes, passando por uma viagem a Bombaim e por fim a oferta de uma viagem aos EUA, que acaba não ocorrendo. É uma competição muito desigual, pois o “colonizador” possui “armas” que o nativo não tem para a defesa de sua maior riqueza. Aqui esse poderio bélico se mostra no dinheiro e na possibilidade de oferecer a Ramesh coisas que Prakash não pode oferecer, a não ser que faça sacrifícios tremendos. Todo esse poder produz destruição em Prakash, pois, ao notar o deslumbramento do filho com tudo o que Frank lhe oferece, teme pela perda definitiva do menino para aquele que acena com riqueza e conforto e entra em desespero. Isso se reflete nas suas ações em casa e consigo mesmo; ele se torna revoltado; envereda pelo caminho do alcoolismo e age de maneira agressiva, o que torna seu relacionamento com a família bem complicado.

Por fim, havia o desespero de Prakash. Incapaz de pensar direito, sem saber o que era essa nova e estranha força que havia entrado em sua vida disfarçada de um homem branco e alto obcecado por seu filho, ele jurou parar de beber a cada manhã, a fim de que pudesse estar sóbrio o bastante para resolver esse enigma. No entanto pegava a garrafa quase como um reflexo, já que o dia, com suas incontáveis humilhações, tarefas e exigências, o puxava para baixo. Ferido e magoado pelo veneno das palavras de sua esposa, acreditando em suas ameaças de deixá-lo caso não cedesse às suas exigências, Prakash oscilava entre a bravata e a capitulação. A possibilidade de perder Edna o aterrorizava. Então, relutante, havia concordado em oferecer seu filho aos americanos por dez dias, em troca de manter sua mulher para sempre. (p. 241)

Prakash percebe que não tem força suficiente para fazer frente ao invasor poderoso. O homem branco e estrangeiro está conseguindo desestruturar sua família, fazendo com que briguem e se ameacem, então, para não perder tudo, tem de ceder. Está perdendo a batalha e está vendo o que é seu ser levado para longe. A sensação de ter o que mais tem valor em sua vida escorrendo pelos dedos é dolorosa. Primeiro, porque a derrota fere o orgulho do ser humano; segundo, porque a perda da família e principalmente de um filho é um trauma irrecuperável; terceiro,

porque não sabe o que pode acontecer ao filho longe dali.

É uma incógnita o que pode suceder a ele ao passar para o outro lado. Até que ponto arrancar uma planta nativa do solo em que nasceu e plantá-la em outro considerado mais rico pode frutificar? Essa nova terra sabe como acolher uma raiz exótica? E o jardineiro sabe do que ela precisa? E se ela não der a ele o que ele espera, ele a dispensará? São questões que traduzem a preocupação totalmente justificada de Prakash, pois sabe-se que o mundo imperialista se preocupa com território e o que pode obter de lucro com ele. Além de temer a perda do filho, teme também pelo futuro do menino, porque não quer ver o filho como um “fora do lugar”. Como alguém que, pelo contato com a cultura ocidental muda, e que não pode mais voltar para casa por não se adaptar mais a ela, ficando numa espécie de limbo entre um mundo e outro.

Com medo de quê? Ellie esteve a ponto de perguntar, mas não o fez. Ela sabia. Tinha ouvido o que Edna tinha sido muito educada para expressar: “Meu marido está com medo de que seu marido esteja tomando posse do nosso filho, uma questão em que ele não tem que se meter.” Ele está com medo de que seu único filho seja seduzido pela riqueza deles, pelo seu mundo de privilégios contra o qual não temos defesas. Ele está com medo do fato de que seu único filho seja apresentado a uma vida de luxo e riqueza e de que ele nunca mais se sinta à vontade no nosso mundo. E o que vai acontecer com Ramesh, então? Vai se sentir como um fantasma, um exilado, sem ficar à vontade em lugar algum. E este é um assunto sobre o qual meu marido órfão e analfabeto sabe bastante. Ele preferiria morrer a expor o filho a esse destino. (p. 129)

A luta de Prakash contra o inimigo ocidental é dura e desigual; ele precisa ceder para que os prejuízos não sejam tão grandes, mas não desiste; ele mantém a posição de não estar de acordo com suas atitudes de dominação e prepotência. Como, no entanto, seu “poder de fogo” é bem inferior ele não logra vitória plena. Ramesh não é tirado dele, pois o plano de Frank de assassiná-lo não sai como o previsto. Mas Edna lhe é tomada, então uma parte de sua riqueza lhe é subtraída de forma violenta. E ele só não perde tudo porque Frank também tem uma baixa e fica abalado, deixando a luta de lado, caso contrário, a derrota teria sido totalmente devastadora. Nesse caso, a resistência tem algum resultado, embora seja um tanto desastroso, e mostra que o oriental não é tão tolo e passivo como Frank julga no início.

Nandita, a outra personalização de resistência ao domínio imperialista, não se encontra na mesma posição em que se encontra Prakash. Ela faz parte da classe social alta, sendo com o esposo proprietária de um hotel. Como, aos olhos do americano, está menos impregnada de ranço indiano e parece mais ocidentalizada – lida com estrangeiros e sabe como recebê-los e como portar-se com eles – ela é tomada como amiga. Afinal, ela faz parte da elite, e essa porção da sociedade geralmente não se envolve nos conflitos sociais ou nacionais, pelo menos efetivamente, visto que tomar partido a favor de um lado ou outro pode vir a prejudicar sua imagem e seus interesses políticos e econômicos. Um empresário, principalmente do ramo turístico, não pode se colocar em franca oposição a estrangeiros, sejam eles imperialistas ou não, sob pena de ter prejuízos que não ajudam a si mesmo, tampouco a seu país.

A oposição de Nandita aos abusos americanos fica somente no plano do discurso. Ela é uma mulher que faz trabalho social nas classes menos favorecidas, tem envolvimento com o povo, mas não está imbuída do ímpeto de expulsar o invasor, até porque ela precisa de “invasores” para manter-se onde está. Ela está de fato indignada com o que está acontecendo; porém, a causa não é sua – ela não está sendo prejudicada pelo monopólio estrangeiro sobre os girbais –, então a luta não existe.

– Escuta. Você é meu amigo. Por isso eu digo a você, resolva essa situação. Eu sou atea, você sabe disso, mas numa coisa eu acredito: só se deve procurar briga com quem pode revidar. E essa gente não pode, Frank. Eles são pobres, famintos, fracos. E não têm o direito de comer do mesmo jeito que nós? Ou que qualquer americano? A HerbalSolutions tem muito lucro por aqui. Caramba, vocês podiam dobrar o salário deles e ainda assim ter lucro. Você sabe disso. É uma vergonha... (p. 67)

– Bom ouvir vocês dois imperialistas discutindo sobre seus direitos à Índia – disse Nandita. Todos riram de seu tom confuso e de suas sobranceiras arqueadas. (p. 238)

– Eles querem acesso às árvores deles, Frank.

– Nossas árvores, você quer dizer.

Nandita olhou-o nos olhos.

– Não. Me refiro às árvores deles.

[...]

– A verdade é que eles deviam ter acesso às árvores que seus antepassados plantaram. A verdade é que essa comunidade nunca teve um caso de diabetes, graças às folhas. A verdade é que é absolutamente imoral tratar de diabetes no Ocidente à custa das pessoas que fornecem a vocês o tratamento. (p. 259-260)

Ela inclusive recebe o americano em casa como convidado e também o visita, o que Prakash não faz. E é nesses encontros que sempre surgem as discussões sobre as injustiças que estão sendo imputadas aos aldeões. Mas a sua indignação não ultrapassa a janela de casa. E a prova de ser sua oposição inócua é o fato de ela disparar contra Frank uma metralhadora de verdades acerca de sua atitude imperialista sem se indispor seriamente com ele. Suas discussões e conversas não levam a nada, e tanto Frank quanto ela continuam a pensar e agir do mesmo modo.

Na contramão de Prakash e Nandita, que veem a presença americana como problema, está Edna, a esposa de Prakash. Para ela, esse contato com os estrangeiros pode trazer benefícios a eles. É claro que não está indiferente ao caos causado naquela comunidade, mas consegue enxergar além disso e perceber que aquela cultura diferente pode agregar a sua. Tal posição é demonstrada por sua aceitação, de bom grado, do interesse dos patrões pelo filho Ramesh. O menino, em contato com eles, tem auxílio nos estudos, oportunidade de ver o mundo além das fronteiras, chance de conviver com pessoas de outras classes e nacionalidades, e pode ter acesso a uma educação de qualidade: coisas que ela e o marido não podem oferecer a ele. No seu entendimento, isso não prejudica o filho em nada; pelo contrário, é uma maneira de ele crescer e não ficar parado no tempo.

Na véspera mesmo, Prakash havia mandado Edna ajudar Ramesh, mas depois de tentar arduamente por uma hora, Edna havia desistido. Ele então desviou o olhar para não ver a vergonha e a impotência nos olhos da mulher. O filho deles já sabia mais sobre o mundo do que os dois. Eles ficavam orgulhosos e envergonhados ao mesmo tempo deste fato. Edna não quis ir ao funeral com ele. Por lealdade a eles. Aos americanos. (p. 51)

– Tudo bem, seu idiota. Então agora você ensina a ele. Converse com seu filho no seu inglês pífio. E pague as mensalidades da escola. E compre para ele os sapatos e o uniforme. E tudo com o seu salário, que, aliás, é o senhor Frank quem paga. (p. 53)

Para começar, havia o desespero de Edna em prover toda oportunidade que sabia que ela e o marido alcoólatra não poderiam dar ao filho, seu desejo reprimido de dar a Ramesh o que considerava seu direito inato: o amor com que seus avós deveriam ter lhe cercado e do qual fora privado. Agora, ela via Frank e Ellie como uma resposta inesperada às suas orações, verdadeiros guardiões de seu filho, com meios de oferecer a Ramesh oportunidades com as quais mesmo seus pais poderiam apenas sonhar. Edna tornou-se uma tigresa, unhando a resistência de seu marido, mastigando seus protestos. (p. 240)

Esse encontro, Edna vê como uma troca em que cada uma das partes tem algo a compartilhar e a ganhar. E é por tal ideia que ela briga. Ela não admite que o marido barre o futuro do filho, tentando medir forças com Frank, já que não as tem. Ela sabe que esse tipo de embate não funciona por ser desigual; também sabe que a melhor maneira de lidar com isso e não perder tanto é deixar o radicalismo de lado e aproveitar o que é possível no momento.

Afinal, quem é que está lhes está estendendo a mão, mesmo cobrando algo em troca? São aqueles que Prakash e os aldeões consideram inimigos. Então, por que não tentar tê-los a seu lado? Seria burrice. Os patrões têm um mundo de oportunidades de progresso para proporcionar a Ramesh; eles, os empregados, por sua vez, têm o convívio com o menino a partilhar com o casal tão carente de tal relação. Não é que ela esteja se rendendo aos americanos ou servindo de capacho para que eles a pisem, tampouco está vendendo o filho. Ela, apesar da simplicidade, é capaz de ter o discernimento, que outros mais cultos não têm, de que o choque entre culturas diferentes, por mais traumático que seja, pode resultar em ganho para os dois lados. É com isso em mente que ela se coloca sempre favorável a Frank e Ellie.

Uma outra personalidade indiana que aparece é a de Shashi, esposo de Nandita. Ele é a resistência pacífica ao domínio estrangeiro. Ellie, inclusive, o admira pela calma e sensatez, tão diferente do modo como Frank se comporta; o próprio Frank o acha calmo demais. Como consequência, não se pode dizer que existe uma amizade grande entre eles, mas uma relação cordial.

Da mesma maneira, não se pode dizer que Shashi está indiferente às atitudes condenáveis de Frank. Sua forma de demonstrar contrariedade em relação à injustiça e fazer algo contra ela é que difere das demais. Ele não esbraveja contra os americanos, não faz comentários ferinos, não diz “America go home”. Sua abordagem é outra: ele aconselha, ao invés de julgar e agredir. E essa é a forma de reação que mais tem efeito sobre Frank, que faz com que pense sobre as atitudes tomadas e a tomar. Tanto é verdade, que, nas conversas que tem com o americano, é solicitado a opinar sobre como agir com os aldeões.

No começo, esperava que Frank e Shashi cultivassem uma amizade sólida, e os dois homens de fato passavam algum tempo andando juntos de

bicicleta e jogando pingue-pongue no bangalô de Shashi. Mas de algum modo a amizade não vingou. Frank achava que Shashi era muito calmo, não sendo competitivo o bastante, e Shashi, bem, era difícil saber o que Shashi realmente pensava de Frank. Sempre parecia contente de vê-lo, mas havia um leve ar de superioridade no modo como Shashi levava a vida, o que fazia com que Frank reclamasse. Numa ocasião, quando os problemas trabalhistas na HerbalSolutions estavam começando a esquentar, Frank havia tentado conversar com Shashi sobre o assunto.

– Então como é que a gente lida com a situação trabalhista na Índia, Shashi? – perguntara ele. – Alguma dica especial?

Shashi virou-se para ele com o sorriso habitual nos lábios.

– O que você quer dizer com “dica especial”?

– Bem, você sabe. Você administrou um hotel que deu certo por aqui durante muitos anos. Você deve ter alguma percepção de como funcionam as cabeças dos operários. O que os motiva, esse tipo de coisa...

– O que os motiva é um bom salário e boas condições de trabalho. Como qualquer outro operário no mundo.

Shashi riu. Era impossível discernir se ele apenas havia zombado de Frank ou de toda classe operária.

O maxilar de Frank retesou.

– Vou manter isso em mente – disse ele, e então as mulheres tomaram conta da situação, preenchendo o silêncio tenso com uma conversa até que o clima à mesa ficou novamente mais leve. (p. 58)

– Então, algumas palavras para me aconselhar, Shashi?

[...]

– É difícil saber o que fazer, Frank. É uma situação terrível. Meu melhor conselho seria: entre num acordo. Dê a eles um pouco do que estão pedindo. Faça com que sintam que ganharam alguma coisa. Um pouquinho aqui e ali não vão fazer muita diferença para a sua empresa. Você pode recuperá-las de outro modo. Mas para essa gente vai significar muito.

[...]

– Não é tão fácil, Shashi. Não há nada que eu queira mais do que acertar as coisas. Mas está havendo tanta pressão da matriz, você não faz ideia! (p. 67)

Na verdade, o ar de superioridade que Frank sente em Shashi não quer dizer que ele seja um homem esnobe ou petulante. É a interpretação que Frank dá à serenidade de Shashi, que diz tudo o que precisa ser dito sem alterar a voz, sem se exceder na expressão de suas ideias. Esse tipo de manifestação é como um “soco no estômago” de quem espera ser adulado ou criticado com voracidade, pois é uma opção que não está na lista de respostas oferecidas e por isso desarma. Exatamente por causar desconforto, suas palavras calam forte em Frank e são elas que conseguem sensibilizar um pouco a sua dureza, fazendo com que as busque quando os problemas com os trabalhadores o assoberbam. Irar, agredir uma pessoa não gera nenhuma reação produtiva, apenas violência. Expressar ideias com prudência e argumentos é uma maneira bem mais efetiva de obter resultados

válidos. A estratégia de Prakash provoca raiva; a de Nandita, discussões vazias; a de Shashi, reflexão.

A análise dessas quatro personagens indianas revela uma variedade de classes, níveis de instrução, comportamentos e pontos-de-vista, o que chama novamente a atenção para o fato de que não se pode considerar a Índia como um aglomerado de gente igual. Existem etnias, religiões, línguas, costumes variados nesse país, sendo, por isso, muito superficial fazer generalizações. Quando se faz isso, é muito fácil escorregar para o estereótipo e sua galeria de características pré-estabelecidas, como, por exemplo, a de que o americano é racional, ao passo que o indiano é sentimental e melodramático. Também esse rótulo se desfaz aqui na personagem Ramesh.

Ramesh é a grande surpresa que a Índia reserva a Frank. Ele é um menino pobre, do interior, filho de empregados, fruto de um casamento misto – o pai é hindu e a mãe, católica –, o que desabona o indivíduo na Índia, principalmente em pequenas aldeias como a sua. Esse fato, sozinho, já seria suficiente para defini-lo como alguém sem futuro e sem qualidades. Um ocidental, carregado de ideias preconcebidas a respeito dos orientais, espera encontrar, num menino como ele, um pobre coitado, todavia se depara com alguém que subverte paradigmas. O primeiro deles, a respeito da razão associada aos americanos e da emoção relacionada aos orientais, latinos e todos os que estão na periferia do mundo imperialista, se desfaz quando Ramesh começa a conviver com Frank e Ellie. Junte-se a isso a surpresa que sua inteligência e perspicácia causam no americano, que nunca imaginaria encontrar tal prodígio no interior da Índia.

Um menino do qual ele se sentia próximo precisamente por ser o oposto de seu filho morto. A pele escura em contraste com Benny de pele clara; ruidoso e vivaz, enquanto Benny era sereno e pensativo. Ramesh era a luz do sol em contraste com o luar de seu filho. Benny era bom em artes, história e inglês, e péssimo em matemática e ciências. Ramesh declarou que história era chato, que a maioria dos livros eram grandes demais para ler, mas que levava jeito para ciências e para matemática. Na primeira vez que Frank ajudou Ramesh com seu dever de casa de matemática, ficou impressionado com a inteligência do menino. (p. 22)

Havia uma grande diferença entre Ramesh e Benny, que estava sempre querendo cuidar de esquilos e pássaros doentes e trazer para casa qualquer filhotinho de cachorro ou gato que visse. A atitude de Ramesh com relação ao mundo natural era bem mais utilitária. (p. 94)

Ramesh é o oposto de Benny em todos os quesitos, o que é esperado por Frank, mas o que não espera é que a oposição razão x sensibilidade tenha Ramesh e não Benny no polo da razão. Ele tem muitas outras características que o diferem dos meninos americanos em geral, sem desmerecê-lo, e isso o vai tornando cada vez mais interessante, a ponto de transformá-lo em seu objeto de desejo.

“Nenhum garoto americano que se prezasse ficaria tão contente ao pensar em dever de casa”, pensou Ellie. (p. 28)

– Estou tão triste pelo seu filho.

[...]

E depois ela olhou para o menino de pele escura e unhas sujas sentado ali, tocando-a com um dedo, e ela sabia que nada do que havia acontecido nas semanas após a morte de Benny – os bilhetes, os cartões, as mensagens sussurradas de coragem e esperança, as preces, as frases feitas e lugares-comuns –, nada a havia atingido tão profundamente como as frases desajeitadas repletas de erros deste menino. [...] ninguém havia dito que estava triste por Ben. (p. 33-34)

Agora Ramesh estava desenhando pequenos círculos no pulso de Ellie com suas unhas, um gesto tímido e constrangido que ela imediatamente reconheceu. Sem pensar, ela levou a mão delicada de Ramesh até seus lábios e a beijou. Um menino americano teria ficado encabulado com este gesto. Ramesh abriu um largo sorriso. (p. 35)

As reações de Ramesh diferem muito do esperado. Frank consegue perceber que ele é muito racional e inteligente para um oriental. Ellie sente que, apesar de fazer muito bem o uso da razão, não abandona a emoção. Ele, pobre, sujo, do outro lado do mundo, consegue confortar um coração com palavras que nenhum americano tão “humano” e “superior” conseguira. É claro que essa porção sentimento não é vista por Frank, uma vez que deseja que ele seja apenas relacionado com o que é americano, para que fique mais fácil transformá-lo num *yankee*, evitando o desperdício de tamanho talento. Mas não é fácil mudá-lo, pois ele gosta de ter contato com as boas coisas da América – como o dinheiro e o que ele pode comprar –, mas não está disposto a renegar os seus em troca disso.

– Sinto falta do meu *dada*.

Frank ficou arrasado. Desde que haviam se despedido de Ellie e dos pais de Ramesh naquela manhã, havia se empenhado para que Ramesh se divertisse como nunca, deixando o garoto botar a cabeça para fora da janela enquanto Satish os conduzia ao longo da costa de Bombaim, tocando aquela música chata de filme híndi que Ramesh insistia em ouvir no rádio

do carro. Na partida de futebol daquela tarde, deixara o menino comer quatro samosas e beber duas cocas, até ficar com medo de Ramesh vomitar. Nada disso pelo jeito havia sido suficiente para distraí-lo da saudade de casa. (p. 350)

Ramesh é brilhante porque é a presença do inesperado nesse encontro do Ocidente com o Oriente, bem como a prova de que não podemos dizer que o diferente sempre é ruim, nem que um povo é composto de pessoas totalmente iguais. O menino não se encaixa no estereótipo que o americano tem em mente; também não é como um menino americano; apesar de apreciar as boas coisas da vida, não se vende a elas, pois não tem caráter fraco, como seria de um esperar de um oriental – segundo a noção orientalista –; ele não é nada do que se pode imaginar de antemão; ele é Ramesh e é apaixonante. Esta é a personagem que leva a pensar melhor, chegando à conclusão de que o Outro não é o que se pensa saber que ele é, mas Ele mesmo, com seus mistérios e particularidades.

Na cadeia de personagens da narrativa, há uma ponta que está na Índia com a intenção de apenas tirar dela o maior proveito possível – alento pela morte de um filho, um substituto à altura para o rebento morto, sucesso profissional –; a outra, com a vontade de fazer da Índia sua casa. Esta ponta da cadeia é Ellie, que vai para Índia com a mesma ideia de redenção e visão idílica de Frank a respeito daquela terra, mas, ao contrário do marido, que vai com atitude colonizadora, ela vai com postura de colona.

Ellie leva a sério o propósito que conduz o casal até o outro lado do mundo, que é o de recomeçar em um lugar distante de onde ocorrera a tragédia de suas vidas. O sucesso nessa empresa se deve ao fato de ela ter permitido que uma mudança interior ocorresse, e não apenas exterior, o que não acontece com Frank. Para ela, desde o começo, está claro que não é a simples mudança de lugar que proporciona alívio para a dor, mas a aceitação e a vontade de continuar. A não aceitação e o apego ao lamento que acompanham o esposo é que desencadeiam nele o pior que pode haver, quando ele percebe que a Índia não é aquela da televisão ou dos livros. Com a cabeça feita a respeito do que é uma vida nova de fato, abre o coração para a Índia, dando uma chance ao país que só conhece virtualmente e a si mesma.

Desde o momento em que aterrissaram em Girbaug, Ellie tinha se sentido em casa, tinha visto algo no rosto das mulheres do local que era eterno e universal para ela, tinha visto naqueles rostos morenos e queimados de sol as fisionomias de sua própria irmã, de sua mãe e de suas tias, embora ela soubesse que sua família irlandoamericana de rosto rosado ficaria chocada se ela alguma vez lhe dissesse isso. O fato era que a Índia caía bem para Ellie como uma roupa feita sob medida. (p. 57-58)

O sentimento que toma conta de Ellie desde a chegada à Índia, como ela própria diz, é o de que a terra em que se vive é a sua casa, e as pessoas que lá vivem são a sua família. Sendo a vida em família um constante exercício de respeito a diferenças, é natural para ela que essa prática seja primordial na convivência com seus novos familiares. Ela percebe costumes e comportamentos que diferem bastante dos seus, mas aprende a vê-los com olhos compreensivos e não julgadores do certo ou errado, do adequado ou inadequado; ela os vê apenas como formas distintas de expressão, nem melhores, nem piores e muitas vezes admiráveis.

Tão direto, tão objetivo. Era uma característica que ela havia notado em muitos dos indianos com os quais tivera contato. “Será que existia uma Miss Boas Maneiras indiana”, ficava pensando, “alguém que lhes pudesse ensinar as virtudes do subterfúgio, da sutileza, de dizer a verdade com delicadeza?” Mas, na maior parte do tempo, Ellie se sentia feliz de estar entre pessoas que não faziam joguinhos, pessoas para que a própria palavra “jogo” significava uma vigorosa partida de hóquei ou de críquete. Um povo prático e franco. (p. 28)

Essa capacidade de tolerância é essencial para a sobrevivência de Ellie em um lugar cheio de prevenção contra americanos. Ela consegue ganhar a confiança das pessoas ao mostrar-se solidária, ao participar de suas vidas, ao entregar-se realmente à vida ali. Com isso, ela consegue sentir-se como pertencente àquela sociedade, bem como enxergar não somente as mazelas, mas também a beleza da Índia e tudo de bom que ela pode suscitar em quem se permite a isso.

O som dos tambores era emocionante, solto e selvagem e mesmo assim controlado por completo. Trazia à tona algo em Ellie que ela não sentia há muito tempo, uma excitação nervosa, assim como uma profunda felicidade, do tipo que ela normalmente sentia apenas quando apresentada à vastidão do oceano ou à região de Big Sky. “Isso é a Índia”, dizia ela a si mesma,

“estou na Índia”. (p. 230)

Desde a hora em que chegaram para a festa e a celebração, desde o segundo em que ouvira a música de Bollywood pelas caixas de som e depois a batida dos *dhol*s, desde o instante em que se deparara com a beleza deslumbrante das mulheres da vila e vira a agitação risonha das crianças enquanto disparavam fogos de artifício – foguetes que corriam em zigue-zague rumo ao céu, fontes que irrompiam numa cascata de faíscas vermelhas e azuis, espirais que giravam numa órbita de luz e cor antes de se apagarem –, ela havia sentido algo relaxante dentro de si, uma alegria expansiva, vertiginosa. E também uma sensação de pertença que a intrigou. (p. 231-232)

– Essa é a minha Índia – disse dramaticamente. – Viu agora por que eu amo isso aqui? (p. 234)

Todos esses trechos fazem parte da narração da festa do Diwali, ou Festival das Luzes, que é uma festa religiosa de celebração da destruição das forças do mal, ocorrida no primeiro dia do mês lunar (outubro ou novembro). Nesse dia, um grande feriado indiano, as pessoas estreiam roupas novas, dividem doces e lançam fogos de artifício. É o clímax do processo de consolidação de pertença de Ellie àquela terra, a sua Índia. Uma Índia alegre, colorida, bela, solidária, apesar das dificuldades. Uma Índia que tem muitas coisas boas a mostrar, bastando para isso saber enxergar. E ela enxerga muito bem, pois vive entre esse povo que sofre, mas que sabe festejar as coisas boas que tem. Ela está integrada e já não pode resistir aos apelos de Girbaug, ela se sente em casa, tão em casa, que sente-se magoada quando por vezes ouve alguém dizer que é uma estrangeira.

– Menino malcriado. Criando problema para pai com os feringas. – Feringas. Estrangeiros. Então é isso o que eles pensam de nós. Embora soubesse que estava sendo ridícula, não pode evitar a decepção. (p. 109)

Nesse momento, ela sente na pele o que é buscar por pertença e não ser aceito, o que é muito comum de acontecer no Ocidente quando tem de receber um oriental. O que Frank e ela não imaginavam é que poderia acontecer o mesmo no Oriente. “Parecia a ele que toda a Índia estava pronta para julgá-lo, censurá-lo, frustrá-lo.” (p. 277) Os dois passam pela experiência de serem rejeitados pelos nativos, mesmo Ellie, que chega com a intenção de agregar e não de tomar nada deles. É o sentimento de proteção instintivo que age aqui, acabando com a ideia de

que povos considerados menos civilizados e simplórios aceitam passivamente a dominação imposta pelos que se consideram mais evoluídos e portadores de salvação.

Embora Ellie não constitua ameaça direta, ela não faz parte daquele grupo naturalmente. E a reação humana normal à entrada de um indivíduo estranho em uma comunidade é a repulsão, pois aquele diferente pode por a perder toda uma organização já estabelecida porque ele não é conhecido, tampouco o são as suas intenções. Mesmo com a clareza de não estar ali para outra coisa a não ser fazer da Índia seu novo lar, mesmo com a sua entrega à vida ali, existe a desconfiança em estado latente. Aliada a isso, há a constante lembrança de que aquela não é a sua terra por natureza, seja através do esposo, da amiga Nandita, dos empregados ou do povo do vilarejo. Mas nada disso é suficiente para afastá-la porque ela compreende e sabe agir com tolerância.

Talvez essa latente repulsão se deva ao fato de Ellie, apesar da disposição para fazer parte daquele mundo, não muda. Ela não passa a viver como uma indiana. O que ela faz é viver em harmonia com os costumes, com a cultura e com as pessoas, sem renegar os seus. Ela continua sendo uma americana, e, mesmo que seja uma surpresa para os indianos – eles também têm suas definições e ideias preconcebidas a respeito dos americanos –, é capaz de ser flexível e adaptável em outros habitats sem interferir nos mesmos. Todavia, por vezes, escorrega em atitudes bem características do americano que gosta de exercer poder sobre quem julga mais fraco, no intuito de obter um fim desejado.

– Prakash – disse ela acidamente. – Edna me disse que você é contra o Ramesh ir conosco. Fiquei tão chocada que achei que fosse um equívoco. Então queria ouvir isso da sua própria boca.

[...]

– Não há equívoco algum – resmungou ele. Depois, olhando para ela, repetiu ainda mais alto: – Não há equívoco algum.

[...]

– Entendo – disse ela, tentando ganhar tempo. – E posso saber por quê?

[...]

– Olha só no que o mundo se transformou – disse ele, como se pensasse alto. – Um pai justificar suas ações até quando elas se referem ao próprio filho.

[...]

– Prakash – interrompeu Ellie –, você já sabia disso há semanas. Nós já organizamos tudo, já fizemos reservas no hotel.

Ela fez um cálculo rápido e decidiu blefar.

– Quem vai pagar pelos quartos do hotel? – perguntou ela fingindo

indignação. – Isso vai nos custar centenas de rúpias.

[...]

– Isso não é minha *mamala* – resmungou ele.

Seus modos insolentes a estavam deixando nervosa.

[...]

– Se a gente perder o dinheiro do hotel, vou cobrar de você – exclamou ela.

– Vou descontar do seu salário até você pagar tudo. Você entendeu? É isso que você quer?

[...]

– A senhora não pode tirar salário – resmungou ele. – Esse dinheiro nosso.

[...]

– Mas vou fazer isso, Prakash – disse ela. – Se você não ceder.

[...]

– O que vocês quiserem – disse ele finalmente. (p. 125-127)

É um momento em que age de “maneira imperial” (p. 127), em que, como comentado anteriormente, escorrega e cai na armadilha do poder e do privilégio. A decepção consigo mesma é quase imediata, pois percebe que os indianos, assim como Frank, têm razão em considerá-la uma *memsahib*, uma estrangeira. Ela percebe que sua essência, mesmo no subconsciente é de imperialista, cabendo a ela domá-la para seguir no caminho que considera correto: o da justiça contra os abusos.

Relembrando o que falou, a maneira imperial como tinha se dirigido ao cozinheiro, o modo como tinha usado o chicote da riqueza e do poder para colocar Prakash em posição submissa a deixou enojada. Quão facilmente tinha se colocado no papel da patroa, da *memsahib* branca! Lembrou-se de todas as vezes em que havia repreendido Frank por fazer o mesmo com seus subordinados, como ela desviava o olhar de constrangimento quando ele usava seu poder contra os operários. E acabara de fazer exatamente a mesma coisa. (p. 127)

Levantando-se da queda na lama do imperialismo, Ellie volta ao seu estado de sensatez e tolerância. Retoma seu posto, reinicia do ponto em que parou e segue em sua caminhada pelas veredas do respeito e da aceitação do Outro. Essa sua posição, apesar de interferências, é a predominante; o que provoca a ira do marido contra si por achar que ela está se transformando com o convívio com a Índia. Para ele, a esposa está sensibilizada com a situação dos aldeões e tudo o que vê no seu trabalho comunitário e por conseguinte está ficando com raiva de seu próprio país. Ela percebe como a periferia os vê, aliando-se aos indianos. Seu bem-viver na Índia

e sua falta de vontade de voltar são vistos como traição, pois não acha possível ter uma vida decente longe de casa.

Todos esses anos, as críticas e reclamações de Ellie sobre os estados Unidos pareceram-lhe toleráveis porque pareciam os lamentos angustiados de uma mãe cujo filho brilhante não fazia jus a seu potencial. Mas agora isso era algo diferente, algo novo. Ele não reconheceu essa Ellie fria e irônica. E ele sabia que era a sua localização, o solo o qual pisavam, que fazia toda a diferença. A Índia fizera mais do que radicalizar sua esposa. Ela a havia amargurado e mudado sua perspectiva. Ela agora via os Estados Unidos do jeito que o resto do mundo via. Não era mais o olhar crítico, mas maternal, a uma criança problemática. Agora, era o olhar acusador e duro de um estranho. (p. 158-159)

Na verdade, Ellie não mudou. Como já vimos, não deixou de ser americana, tampouco mudou seu ponto-de-vista a respeito dos erros cometidos pelos homens à frente de seu país. A diferença agora é que ela consegue avaliar melhor os estragos provocados por esses erros, uma vez que não mais tem notícias a respeito deles através de jornais, revistas ou noticiários de TV, mas os presencia.

A mudança não está em Ellie, mas na constatação de que as coisas são, na verdade, até piores do que parecem. O que um dia foi um problema distante, agora não é mais e está diante de seus olhos, daí as críticas mais ferrenhas e duras. O que parece amargura para Frank não passa de choque e indignação. E o seu olhar não é de uma estranha, visto que só pode julgar com clareza quem realmente conhece o réu. Seu olhar é o de quem consegue se distanciar e enxergar com melhor clareza a realidade que se apresenta, pois quando se está envolvido em uma situação, quando se está no meio da confusão, fica muito complicado especificar o que efetivamente acontece. Ao sair, no entanto, se consegue assistir e compreender melhor. O distanciamento dos Estados Unidos não transforma Ellie numa pessoa pior, mas numa pessoa mais ciente da posição assumida pela América perante outros povos.

Ao longo da narrativa, há batalhas travadas por conta do contato entre duas culturas distintas. Percebe-se uma posição imperialista combatida por indianos e por uma americana; a mesma posição é entendida como possibilidade de progresso por uma indiana; uma americana busca pertença e definitivamente a sente na Índia; a mesma americana sente prevenção dos indianos contra ela. Fica-se diante de um

caldeirão de sentimentos que se chocam, produzindo efeitos agradáveis pela presença da sensatez e sensibilidade, mas também terríveis por falta de tolerância. O descontrole e a desproporção desses dois tipos de efeitos fazem com que se perceba que o tamanho do céu pode ser infinito, abrigando a todos; mas pode ser exíguo, expulsando quem não sabe conviver em harmonia.

4 TOLERÂNCIA E INTOLERÂNCIA ENTRE O CÉU E O MUNDO

Apesar de narrarem histórias independentes, com personagens e dramas distintos, os romances analisados têm pontos em comum. O primeiro deles é o fato de terem em suas histórias movimentos em direção ao outro lado do mundo. Em *A doçura do mundo*, de Bombaim para Ohio; e em *O tamanho do céu*, de Michigan para Girbaug, ou seja, há dois destinos finais: Estados Unidos e Índia.

Inicia-se com o que primeiramente ocorre, o natural processo de osmose, em que se migra do meio menos concentrado para o mais concentrado, a fim de obter equilíbrio. O menos concentrado seria a sociedade indiana, considerada menos desenvolvida do que a americana. Nesse caso, ocorre trauma, mas ele é absorvido de forma pacífica por parte de quem está na posição estrangeira. Por outro lado, quando a transposição se dá na direção inversa, isto é, do mais concentrado para o menos concentrado, o resultado é desastroso, pois a porção tida como a mais evoluída não está a serviço do equilíbrio e sim da supremacia.

A análise dos dois romances vê emergir dos textos uma palavra-chave para a solução dos conflitos representados na narrativa: tolerância. Condescendência, transigência, indulgência, capacidade de suportar com paciência são sinônimos para essa palavra, e todos eles vão em direção à aceitação do Outro com seus defeitos, virtudes, similaridades e diferenças. A noção de que essa capacidade de ser paciente e compreensivo nas relações interpessoais é a resposta para os problemas relativos à convivência em todos os níveis, sejam eles familiar ou social, permeia os dois textos de Thrity Umrigar.

As duas histórias giram em torno da migração e as dificuldades de adaptação de quem parte de sua terra em busca de dias melhores. Em *A doçura do mundo*, há indianos que saíram do Oriente para viver nos Estados Unidos, enquanto em *O tamanho do céu* o que se encontra é o contrário: a mudança de dois americanos para a Índia. Em ambos os casos, os migrantes se veem diante de obstáculos a serem ultrapassados para que haja adaptação, o que difere é a maneira como isso é feito.

Ao tomar como ponto de partida a postura dos migrantes – Tehmina, Sorab, Rustom, Frank e Ellie –, encontram-se diferentes atitudes frente à situação, nas

quais a presença e a falta de tolerância oscilam, modificando também o bem-estar dos indianos e americanos que convivem. A primeira coisa que se pode dizer a respeito de todos eles é que, antes de chegarem a seus destinos, têm em mente ideias preconcebidas acerca do que vão encontrar, no que concerne ao país e às pessoas.

Tehmina chega aos Estados Unidos com muita prevenção contra os americanos e seus costumes, o que a faz temer por seu futuro de eterna estrangeira ali. Ela teme a não adaptação em razão das grandes diferenças culturais existentes entre a América e seu país. Por outro lado, não é visível, a princípio, nenhum esforço de sua parte para que essa adaptação ocorra. Para cada ponto de diferença com que se depara, há uma comparação e um julgamento que condena o comportamento americano. E esse julgamento parte da sua certeza de que o “certo” é o que ela sempre conheceu como tal. Como está presa a essa ideia, não consegue admitir que a maneira de viver dos americanos seja diferente e “correta” ao mesmo tempo; então, qualquer atitude americana que se dirija a ela é tomada como rejeição.

É claro que existe o preconceito, mas ele não está presente o tempo todo, especialmente quando se trata da nora e do neto, que claramente a amam e nunca a rejeitariam. Em razão disso, sente-se só e inútil, e a dúvida a atormenta, não sabendo decidir se ficar ali em definitivo é uma boa ideia, pois parece que tudo o que faz é condenado.

Na verdade, não está sendo condenada, mas alertada de que deve tentar adequar-se à ordem que se apresenta e não tentar impor a sua forma de ver as coisas; afinal, ela é a visitante e não pode querer que uma nação inteira mude para recebê-la. O que muda o rumo de seu destino é perceber que a solução para todos os conflitos que a perturbam é a aceitação das diferenças, a fim de conviver com elas, e não a fuga – o que a eximiria de tal esforço, mas a afastaria das pessoas amadas. Ao optar por não perder, ceder é a única escolha sensata a fazer.

Sorab é um migrante que já está nos Estados Unidos há um bom tempo. Sua ida teve como objetivo a busca do “sonho americano”, do *american way of life*, o que foi definitivamente conquistado. Contudo essa conquista teve um preço bem alto a pagar: ele teve de mudar, ficando o mais parecido possível com o povo americano.

Nesse caso, não houve aceitação da diferença, tampouco uma conciliação, mas uma rendição ou uma fuga.

Ao chegar na América, junto com a bagagem, levava sonhos de prosperidade e não temores, pois na juventude a aventura supera a precaução. As expectativas e perspectivas eram positivas, mas ele também esbarrou no muro que separa o Ocidente do Oriente e experimentou a dificuldade de compreender e assimilar as particularidades de uma cultura diferente da sua. A estratégia usada, no entanto, não foi a mesma de sua mãe. Ao invés de ceder, ele fugiu, não dos americanos, mas de si mesmo. Ele declinou da decisão de ser maleável, a fim de não ter de encarar a perda da oportunidade de conquistar o que se propôs. Não houve tentativa de impor seus valores e costumes por considerá-los realmente certos, mas uma renúncia a eles para ser aceito e respeitado.

Sorab foi intransigente com a diversidade, com a sua própria diversidade, por não achar possível a convivência pacífica de duas culturas distintas, sendo necessário o desaparecimento ou sublimação de uma delas. Sua intransigência é tão grande, que teme que sua porção indiana retorne e acabe com tudo o que foi construído, segundo os preceitos americanos de bem-viver. Tal atitude o leva a uma vida contida e até submissa, a fim de não chamar atenção para o fato de que é um indiano. Por essa razão, a presença da mãe é desejada e constrangedora ao mesmo tempo. Ele a quer por perto, mas, como ela não deixa de ser indiana, acaba expondo aos olhos de todos, inclusive aos seus, que eles são diferentes.

Rustom não migra efetivamente para os Estados Unidos; ele vai através das lembranças de seus familiares e como uma espécie de “grilo falante” de Tehmina. Sua atitude é totalmente diferente da dos dois familiares, pois não vê na América um lugar para realização de sonhos, tampouco como sinônimo de rejeição e preconceito. Para ele, é local onde a família fica reunida. Pelo fato de não ter expectativas nem positivas, nem negativas, sente-se à vontade e adapta-se perfeitamente ao ambiente. Tanto é verdade, que em nenhuma de suas aparições há repreensão a suas atitudes, ou incidentes envolvendo preconceito como ocorre com Tehmina e Sorab.

No único momento em que julga ou condena é quando percebe que o Sorab dos Estados Unidos não é o mesmo da Índia, pois se permitiu mudar em troca de

aceitação, ao invés de fazer-se aceitar pela autenticidade e identidade próprias. Como consequência, é a lembrança dessa sua maneira desarmada e eximida de julgamento da cultura alheia que leva os demais a perceberem que a aceitação de uns aos outros da maneira como são é a chave para a harmonia.

O que também é muito interessante nessa personagem, sendo o que livra o texto da utopia total, é o fato de ela “não existir”. Rustom só está vivo na memória e na imaginação da família; então, pode ser uma figura idealizada. Sabe-se que as pessoas amadas, após a morte, têm apenas as virtudes e os bons momentos vividos ressaltados. Há consciência, também, de que não é muito provável encontrarmos alguém tão livre de preconceitos como a personagem em questão. Seria ideal que houvesse, pelo menos, uma pessoa assim em cada família, mas isso só existe nos sonhos, na imaginação; assim como a presença de Rustom na vida dos Sethna.

O americano Frank vai para a Índia buscando reabilitação após a morte de seu único filho, pois mesmo sabendo que o país está em franco desenvolvimento, que possui cidades com prédios, shoppings, etc., a visão que marca sua mente é a do lugar remoto, exótico, capaz de dar paz a seu coração. É fato que nessa ilusão vem embutida a noção de que os indianos são inferiores por viverem no meio de animais, por hipnotizarem cobras nas ruas, por viverem no meio da sujeira e falta de saneamento, enfim, por habitarem uma terra selvagem. A questão é que os lugares considerados remotos para os ocidentais, edênicos ou não, são povoados por pessoas, e essas pessoas têm valores e costumes que regem seu comportamento como sociedade.

Ao perceber que a Índia não é aquilo que esperava – elefantes, vacas, serpentes, um cenário de filme –, começam os problemas. Da mesma forma que Tehmina, ao deparar-se com a diferença, a primeira coisa que acontece é o incômodo. Tudo o que não está de acordo com a maneira “adequada” de agir, ou seja, a sua, é visto como esquisitice e idiotice.

A diferença é que Tehmina sente-se intimidada e com medo de não ser aceita, enquanto Frank não se importa nem um pouco em ser aceito, sendo extremamente arrogante em relação aos indianos. Isso acontece porque, ao contrário de Tehmina, ele é o “ser superior” na relação. Tehmina é apenas uma indiana provinciana e subdesenvolvida no grande império; então o que resta a ela é adequar-se ou tornar-

se americana, caso deseje não voltar para Bombaim.

Com Frank o caso é diferente, pois é o cosmopolita imperial no meio da pobre Índia; o que seria de esperar era que os indianos se rendessem a ele. Durante todo o tempo, ele tenta atropelar os anfitriões a fim de impor seus desejos. Em nenhum momento passa por sua cabeça dar uma chance à cultura indiana e a si mesmo de se entenderem e achar um meio termo que beneficie os dois. Nem com o menino Ramesh, de quem gosta tanto, tem indulgência quanto a isso, pois o que deseja para ele é desterrá-lo e afastá-lo o máximo possível daquela cultura que despreza. No momento em que percebe que não vai conseguir as coisas do seu jeito, ou seja, Ellie e Ramesh a seu lado nos EUA, ele deixa de interessá-lo. Ao adotar essa postura, opta por não ceder em função do bem-estar, por conseguinte, assume o risco de ter perdas irreparáveis: a esposa, a família que lhe restava.

Ellie também tem a ilusão de que a Índia tem o poder de curar-lhe a ferida que ainda sangra e contamina o relacionamento com o marido. Fugindo de um lugar em que é “proibido chorar os mortos”, busca abrigo em uma terra em que é permitido sentir e externar dores e alegrias, um lugar capaz de humanizar.

Sua primeira conclusão, no entanto, é que esse poder de cura não vem do lugar e sim de quem deseja ser curado. Chega rápido ao entendimento de que a Índia não é suficiente para melhorar Frank e que o conjunto de acontecimentos ocorridos por lá tem o poder de desumanizar o marido; não que a Índia seja destrutiva, mas um lugar não aceito por Frank como realmente é. O que acontece com o esposo não se passa com ela, pois desde o momento em que pisa em Girbaug, abre-se para aquela cultura e procura fazer dali sua casa. E por casa entende-se o local em que é possível sentir-se à vontade, aconchegado, acolhido.

É claro que desde o princípio nota que há um abismo muito grande entre a cultura em que nasceu e foi criada, percebe, inclusive, coisas que no início lhe parecem bem desagradáveis. Contudo, o que faz é respeitar aquele modo de vida, a fim de não causar transtornos. E isso é demonstrado melhor no seu trabalho como voluntária para cuidar das mulheres da vila.

Muitas vezes é procurada por mulheres que sofrem com a vida de opressão imposta pelos maridos; nessas situações, consegue ter a lucidez de ler a situação, não com olhos americanos, mas com os da aldeia. Ela sabe que dar conselhos

feministas e libertários, pertinentes na América, não é prudente, pois não tem significado ali; então o que faz é aconselhar a harmonização. Não há validade em dizer a uma daquelas pobres mulheres que devem se separar e seguir suas vidas, caso estejam sendo abusadas pelos companheiros, visto que não há essa opção para elas. Indivíduos segregados pela casta e pelo gênero, não há outro lugar para elas senão aquele em que estão, e elas sabem muito bem disso. O que Ellie faz é adequar-se ao ambiente, e não fazer com que ele se adeque a ela, uma vez que deseja um lar e não um lugar para explorar e transformar segundo suas especificações. Como estrangeira, tem a humildade de respeitar e tentar se encaixar naquela sociedade já constituída.

A postura assumida pelos migrantes varia da arrogância à humildade; a dos nativos, por sua vez, é uma em geral: a da proteção contra o intruso. Tanto americanos quanto indianos, quando em casa, não estão dispostos a conceder muito espaço aos forasteiros. Eles estão no seu hábitat natural e não admitem a intervenção de alguém chegado quando já há uma organização constituída de regras próprias.

Em *A doçura do mundo*, os americanos Susan, Cava e Tara, os que participam mais efetivamente da trama, expressam claramente o incômodo com a presença de “intrusos” em seu reino perfeito. Susan não consegue disfarçar, apesar de amar a sogra, que a presença de costumes e valores indianos em sua casa é totalmente incômoda e inaceitável.

Seu problema não é a etnia, pois é casada com um indiano, a questão é o portar-se como tal em seu país; é como uma invasão bárbara. Cava, na sua pureza infantil, já consegue, devido ao modo como a sociedade americana é treinada a repelir orientais e latinos, ter a noção de que o comportamento da avó está invadindo seu espaço com elementos estranhos a seu mundo americano. O resultado disso é um menino que se nega a ouvir histórias indianas e que repreende a avó quando ela utiliza palavras em híndi e não em inglês mesmo estando na América.

Da parte de Tara, a rejeição vem de maneira mais agressiva, na forma de preconceito direto contra os estrangeiros. Em muitas ocasiões, refere-se a Tehmina como estranha, expressando o desejo de vê-la bem longe dali, pois a considera uma

fora de lugar intrometida.

Na Índia, a situação se repete, pois, assim como os Estados Unidos temem o Oriente, o Oriente teme e odeia o Ocidente por saber das atrocidades cometidas principalmente no Iraque. Por esse motivo, a chegada de americanos na comunidade torna-se problemática. Da mesma forma que as pessoas que partem em direção a um mundo novo têm ideias preconcebidas a respeito desse desconhecido, os anfitriões também as têm. E a imagem que se tem dos americanos no Oriente não é das melhores; o que se imagina é que vão sempre com a intenção de dominar, subjugar, humilhar.

Na situação em questão, a prevenção tem validade em parte, pois Frank não contraria o estereótipo do americano imperialista, mas a esposa, sim. Todavia mesmo Ellie, que não age como colonizadora, mas peregrina, é vista sempre como uma estrangeira, apesar de ser querida pela comunidade. Sempre há alguém para lembrá-la de que ela não é um deles e que aquela não é a sua terra.

O que se vê da parte de indianos e americanos, migrantes e nativos, e que os impede de conviver em harmonia é a intolerância. Em *A doçura do mundo*, é presenciada por todos os lados, o que prejudica o relacionamento da família em seu núcleo, bem como com o exterior ao lar. Os membros dessa família mista não se entendem, pois não conseguem aceitar as diferenças que a duplicidade de culturas produz. Enquanto isso acontece, o dilema que os envolve – Tehmina fica nos Estados Unidos, ou volta para a Índia? – não é resolvido. A dúvida somente se desfaz quando todos percebem que precisam ceder, dar chances um ao outro de conhecer e experimentar uma cultura diferente. A partir do momento em que a tolerância começa a fazer parte da vida deles, levando-os a valorizar mais o ser humano, a família, em lugar de fatores externos (políticos, econômicos, sociais, culturais), é que a convivência em harmonia entre diferentes se estabelece.

O *tamanho do céu* também explode em intransigência. As vidas das duas famílias – Frank e Ellie; Prakash, Edna e Ramesh – são extremamente abaladas por isso. Frank e Ellie não se entendem porque as atitudes imperialistas de Frank são condenadas por Ellie. Da mesma forma, a atitude positiva e receptiva de Ellie em relação à Índia é vista com irritação pelo marido, que considera tal comportamento uma traição. A Índia colorida e feliz de Ellie entra em choque com a Índia feia e

estressante de Frank, e nesse contexto a paz não se faz entre eles. Apenas nos raros momentos em que os dois se despem das vestimentas pesadas das posições ideológicas, ficando apenas com o que está no coração, é que conseguem desfrutar juntos do que foram buscar do outro lado do mundo. É o que ocorre na festa do Diwali, na qual um abre o coração ao outro e, desarmados, conseguem ter momentos de felicidade.

A outra família também vive em crise por conta da presença dos americanos por ali. Ramesh quer estar com os estrangeiros porque eles podem lhe oferecer um mundo que os pais não podem; Prakash não aceita a intromissão e a eminência de ter o filho afastado do seu chão e de si mesmo; Edna vê a proximidade dos estrangeiros com bons olhos e considera uma ignorância a atitude do marido. Ninguém quer dar um passo atrás para que todos consigam andar juntos, e a vida em família se deteriora progressivamente.

O relacionamento de uma família com a outra também é belicoso, pois Prakash e Frank levam até as últimas consequências suas diferenças de imperialista e “colonizado” revoltoso. Nenhum deles consegue enxergar o outro como ser humano, mas como figuras de invasão e resistência. O resultado é uma batalha em que um faz de tudo para sabotar o outro, o que torna o tom da narrativa tenso, dando bem a ideia de como a falta de capacidade de ter paciência e compreensão para com o próximo pode ser brutal.

As famílias encontram-se em franca batalha. O americano quer impor sua cultura à força; o indiano rejeita essa presença; as esposas estão contra a falta de sensatez dos maridos e o caos está instalado nessas relações. Diferente de *A doçura do mundo*, *O tamanho do céu* não apresenta um momento em que as personagens tenham um *insight* que os leve a perceber que recuar e dar um pouco de espaço ao outro não é derrota, mas ganho.

O resultado de tanta intolerância é a tragédia, não só porque duas mulheres são assassinadas, mas porque são justamente as pessoas que não compartilham dessa violência e que sempre tentaram promover a trégua entre as partes. Essa situação não é ficção; é o que ocorre nos conflitos religiosos, culturais, políticos, econômicos, ideológicos, em que inocentes pagam pela brutalidade de quem não alivia, enquanto não derramar sangue suficiente para justificar a guerra.

O extremo a que chega essa batalha se deve ao fato de não haver aqui uma “fada madrinha” como Rustom. Essa solução mágica seria o ideal, mas não é o que acontece de fato porque fadas e fantasmas não podem vir até aqui e sussurrar aos ouvidos o que é o sensato a fazer. Convive-se com os vivos, mais parecidos com monstros e que levam uns aos outros à desmedida.

Ao contrário do que possa parecer, entretanto, as duas obras postas juntas não podem ser vistas como inegável sinal de amargura e desilusão com a humanidade. Não são uma prova de que a paz é uma utopia, mas um desejo possível de realizar, caso contrário ele não teria sido exposto aqui. A figura etérea de Rustom é o sonho que de tanto ser sonhado vira realidade. A situação em que se encontram Prakash e Frank ao final da narrativa é a esperança de que o sofrimento possa trazer alguma reflexão e compreensão à mentes contaminadas por preconceitos. Quando os dois perdem as esposas é que caem em si e percebem o que realmente tem valor. A arrogância de Frank se transforma em vergonha e remorso; a rudeza ao falar com o inimigo vira choro e mansidão. O que resta de tudo isso são novos indivíduos; nem melhores, nem piores, apenas diferentes dos que iniciam a jornada.

Uma boa metáfora para ilustrar a importância do aprender a conviver através do aprendizado da tolerância é fábula do porco-espinho referida por Arthur Schopenhauer em *Aforismos para a sabedoria de vida*⁵¹

Num frio dia de Inverno, uma vara de porcos-espinhos se une em grupo cerrado para se proteger mutuamente do congelamento com seu próprio calor. Mas logo sentiram os seus espinhos, o que os afastou de novo uns aos outros. Porém, a necessidade de aquecimento novamente os aproximou e aquele incômodo se repetiu, de modo que eram atirados de um lado para outro, entre esses dois sofrimentos, até que encontraram uma meia distância, na qual puderam suportar-se da melhor maneira possível. Assim também, a necessidade da sociedade, nascida do vazio e da monotonia interior, impele os homens uns para os outros. Mas suas múltiplas qualidades repelentes e seus erros insuportáveis fazem com que se distanciem de novo. A distância média que finalmente encontram, e pela qual pode subsistir uma vida em comum, é a polidez e as boas maneiras. Na Inglaterra, àquele que não se mantém à distância, grita-se: Keep your distance! (Mantenha a sua distância!) Por conta dela, a necessidade de aquecimento mútuo é apenas parcialmente satisfeita, mas, em compensação, a picada do espinho não é sentida. Quem, no entanto, tem bastante calor íntimo e próprio permanece de bom grado afastado da sociedade, para não sofrer nem provocar danos.

51 SCHOPPENHAUER, Arthur. **Aforismos para a sabedoria de vida**. Tradução Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 168-169

Viver em comunidade dói, incomoda, mas é necessário, uma vez que o homem é um ser social e precisa da vida em grupo para se desenvolver. A solução é encontrar uma maneira menos dolorosa possível de suportar o inevitável. É preciso criar espaço para que todos respirem e se movimentem sem traumas e a única saída para isso é a tolerância, com cada um respeitando o espaço do outro, que é diferente, que possui defeitos, mas que também possui virtudes que podem contribuir para o bem estar de todos.

Sabe-se que é preciso respeito e tolerância para o bem estar da humanidade, mas certamente não é fácil colocar isso em prática, caso contrário, não haveria tantas desavenças em todos os níveis da convivência humana. É claro que a paz nas relações produz resultados positivos, evitando desmedidas e derramamento de sangue. Contudo, quando se analisa tudo o que a falta de paz pode causar, percebe-se que não é somente dor.

As manifestações literárias são exemplo de que algo bom pode ser produzido como resultado de conflitos envolvendo seres humanos. No caso da literatura indiana, questão de interesse no presente estudo, desde seus primórdios está ligada a relações de poder entre homens e batalhas entre o bem e o mal.

Os *Vedas* são a primeira obra literária da Índia. O período em que foram escritos se insere numa época (Védica) iniciada com a invasão ariana ao território da Índia. O conteúdo trata dos preceitos do hinduísmo, incluindo a estratificação da sociedade em castas, que é uma forma de segregação social bem severa até os dias de hoje. Trata-se de uma obra escrita num momento de adaptação a uma situação de invasão, ou seja, de acomodação de culturas, o que, como já foi discutido, não ocorre pacificamente. Seus ensinamentos também não contribuem para a harmonia, uma vez que diferenciam e excluem.

As epopeias sagradas *Mahabharata* e *Ramayana* narram guerras entre clãs e divindades. Há textos de adoração, que nada mais são do que subjugação do homem a uma força maior. Também preceitos comportamentais, com intenção de regradar condutas aparecem no período clássico. E o que são esses preceitos, senão cerceamento e controle?

Passando para o período colonial, a tensão aumenta. Existe um processo de dominação de um povo sobre outro, em que até mesmo uma língua é imposta. Tudo

propiciado pela criação de um Outro que justifica a dominação por sua diferença. Foi uma violência histórica, mas propiciou um desenvolvimento e expansão da literatura indiana no seu contato com a cultura europeia. Como já foi mencionado, formou, inclusive, uma classe que se insurgiu contra a dominação e implantação de uma cultura estrangeira na Índia.

Com a independência, foi possível que vozes silenciadas, como mulheres e intocáveis, fossem ouvidas. Foram liberadas expressões de revolta e crítica à colonização britânica. A anglofonia constituiu-se na voz dos subalternos, dos que não têm direito à fala, visto que o inglês é a língua considerada universal e que os conflitos representados nas obras incluem personagens representativas dos sem voz. E aí chega-se à Thrity Umrigar.

Não somente *A doçura do mundo* e *O tamanho do céu*, mas também suas outras obras lidam com guerras travadas no campo da cultura, o que envolve questões como identidade, preconceitos, estereótipos e subjugação. Mas não são guerras restritas a sua obra literária. São consequência de toda uma malha de choques humanos que sempre estiveram presentes na história da literatura indiana. Ao mesmo tempo em que conclama à tolerância, sua obra é resultado da intolerância, pois caso não houvesse a dominação inglesa, a divisão da sociedade em castas, as diferenças religiosas, não haveria seus textos tais como são apresentados. Restaram mortos e feridos, mas houve também despojos valiosos colhidos desses embates milenares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict. **Imagined communities**: reflections on the origin and spread of nationalism. London-New York: Verso, 1991.

BANDEIRA, Manuel. Vou-me embora pra Pasárgada. In: _____. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007. p. 146.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: _____. **O rumor da língua**. Tradução Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1998. p. 65-70

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BORGES, Jorge Luís. O escritor argentino e a tradição. In: _____. **Discussão (1932)**. Tradução Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 147-158

CANTARINO, Carolina. Ficção pós-colonial retrata conflitos contemporâneos. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 59, n. 2, p. 54-56, abr./jun. 2007. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252007000200022&script=sci_atttext>. Acesso em: 9 set. 2011.

CHANDA, Tirthankar. A redescoberta da literatura indiana. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, 8 ago. 2007. Disponível em: <<http://diplomatique.uol.com.br/artigo.php?id=15>>. Acesso em: 9 set 2011.

_____. Dos Vedas ao Kamasutra. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, 1º ago. 2011. Disponível em: <<http://diplomatique.uol.com.br/acervo.php?id=2105&tipo=acervo>>. Acesso em: 9 Set 2011.

DASAN, A. S. If memories be sweet: Thrity Umrigar's parsi-imaging of contemporary India. In: UMRIGAR, Thrity. **Article for reading and feedback** [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <aline.sopchico@yahoo.com.br> em 8 set. 2011.

DELEUZE, Gilles. Introdução: Rizoma. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, v. 1, 1995. p. 1-37.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Tradução Sandra Castello Branco. São

Paulo: Editora UNESP, 2005.

FIGUEIREDO, Carlos Vinícius da Silva. Estudos subalternos: uma introdução. **Raído**, Dourados, v. 4, n. 7, p. 83-92, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/viewFile/619/522>>. Acesso em: 30 nov. 2011.

FORNOS, José Luís Giovanoni. Contribuições da crítica pós-colonial aos estudos de literatura comparada. **Língua e Literatura**, Frederico Westphalen, v.13, n. 20, p. 1-23, ago. 2011. Disponível em: <http://www.fw.uri.br/publicacoes/linguaeliteratura/artigos/art20_1.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2011

IOSCHPE, Gustavo. Você acha que as escolas particulares brasileiras são boas? **Veja**, São Paulo, n. 37, 14 set. 2011. p. 96-97.

KÜNG, Hans. **Religiões do mundo**: em busca dos pontos comuns. Tradução Carlos Almeida Pereira. Campinas: Versus Editora, 2004.

LAS LEYENDAS fabulosas de los Puranas. Tradução A. Champs D'or. México: Editorial Leon, 1945.

MACAULEY, Thomas Babington. **Minute on English Education**. 1835. Disponível em: <<http://www.mssu.edu/projectsouthasia/history/primarydocs/education/Macaulay001.htm>>. Acesso em: 9 set. 2011.

MORESCHI, Bruno; BRANCO, Dilson. Sim, você é preconceituoso. **Sorria**, São Paulo, n. 16, p. 26-29, nov. 2010.

NALINI, Natarajan; NELSON, Emmanuel Sampath. **Handbook of twentieth century literatures of India**. Westport, USA: Green Publishing Group, 1996.

PAULA, Anna Beatriz da Silveira. **Margens silenciosas**: a escritura da mulher na literatura indiana contemporânea. 2006. Tese (Doutorado em Ciência da Literatura)—Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.lettras.ufrj.br/ciencialit/trabalhos/2006/annabeatriz_margens.pdf>. Acesso em: 9 set. 2011.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Cultura e resistência**. Tradução Bárbara Duarte. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

_____. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Fora do lugar**. Tradução José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SANCTUARY MEDIA GROUP. **Novelist and journalist Thrity Umrigar**. Disponível em: <<http://www.umrigar.com>>. Acesso em: 25 jun. 2010.

SANTANA, Ana Lúcia. Literatura oriental contemporânea. **Infoescola**, 21 jun. 2008. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/livros/literatura-oriental-contemporanea/>>. Acesso em: 9 set. 2011.

SCHOPPENHAUER, Arthur. **Aforismos para a sabedoria de vida**. Tradução Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p.168-169.

SPIVAK, Gayatri C. Can the subaltern speak? In: NELSON, Cary; GROSSBERG, Lawrence (eds.) **Marxism and the interpretation of culture**. Chicago: Chicago Press, 1998. p. 271-313.

STELLA, Jorge Bertolaso. O Mahabharata. **Letras**, Curitiba, v. 16., 1968. p. 95-101. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/article/view/19816>>. Acesso em: 7 dez. 2011.

_____. Os Puranas. **Letras**, Curitiba, v. 18, 1970. p. 171-175. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/article/view/19771/13010>>. Acesso em: 7 dez. 2011

UMRIGAR, Thrity. **A doçura do mundo**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. **A primeira luz da manhã**. Tradução Regina Lyra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2011.

_____. **O tamanho do céu**. Tradução Paulo Andrade Lemos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2009.

VALMIKI. **Ramayana**. Tradução Flor Robles Villafranca. Barcelona: Editorial Iberia, 1959.

ZAKARIA, Fareed. **O mundo pós-americano**. Tradução Pedro Maia. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.